

O ESTANDARTE



ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL



JUNHO
2024
ANO 132 | Nº 06

ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICA PAG 4

O Rev. Sérgio Gini, presidente da Assembleia Geral da IPI do Brasil, faz um apelo para que nossa igreja coloque em prática o cuidado com o meio ambiente.

COLÉGIO EVANGÉLICO PAG 10

Funcionou de 1957 a 1997, em Arapongas, servindo à igreja e à sociedade em geral. Seu precioso acervo acaba de ser doado ao Museu da IPI do Brasil.

FATIPI NOS PRESBITÉRIOS PAG 13

Promoveu Simpósio de Educação Cristã no Presbitério Bahia, em parceria com a Secretaria de Educação Cristã. Está à disposição dos presbitérios para esse trabalho.

JUBILEU DE DIAMANTE PAG 16

A IPI em Fragoso, Magé, RJ, celebrou 60 anos de organização, de 14 a 17 de março, com participação de várias igrejas do Presbitério Fluminense.

MEIO AMBIENTE PAGs 3, 4, 22, 26, 30

NA MISSÃO ECOLÓGICA PELA VIDA

No dia 5 de junho, comemoramos o Dia Mundial do Meio Ambiente. Durante muitos anos, não houve preocupação com a questão ecológica. Ao contrário, o meio ambiente foi severamente explorado, como se tivesse recursos inesgotáveis. Estamos começando a ser cobrados por essa falta de cuidado. Tragédias como a ocorrida no Rio Grande do Sul estão acontecendo por toda parte. Temos de mudar o nosso relacionamento com os recursos do nosso planeta, “jardim” que Deus colocou sob nossos cuidados.



REV. MANOEL MACHADO CADERNO ESPECIAL

Autobiografia do Rev. Manoel Machado, o primeiro “Leão do Norte”, que organizou ponto de pregação em Monção em 1920.



ORGANIZAÇÃO DA IPI DE MONÇÃO PAG 14



ENTREVISTA **CASSIANO LUZ** PAG 28

ELE É O DIRETOR EXECUTIVO DA ALIANÇA EVANGÉLICA BRASILEIRA, ORGANISMO QUE CONTA COM A FILIAÇÃO DA IPI DO BRASIL E ATRAVÉS DO QUAL NOSSA IGREJA TEM PARTICIPADO DO SOCORRO AO RIO GRANDE DO SUL. ESSA ENTIDADE CONTA COM MAIS DE 500 VOLUNTÁRIOS TRABALHANDO EM MAIS DE 30 MUNICÍPIOS, RECEBEU E DISTRIBUIU MAIS DE 30 CARRETAS DE DOAÇÕES, COM MAIS DE 80 TONELADAS DE ALIMENTOS E DIVERSOS OUTROS ITENS.



DO CANSAÇO



à *esperança*

Congresso de pastores(as) e missionários(as) da IPIB
DE 18 A 21 DE SETEMBRO DE 2024



SUMÁRIO

**EVANGELIZAÇÃO** PAG 10

A Secretaria de Evangelização divulga os trabalhos dos campos missionários.

**MUSEU** PAG 8

Foi visitado por um grupo de senhoras de igrejas pertencentes ao Presbitério Novo Osasco.

**DIA DO MEIO AMBIENTE** PAG 22,26,30

Importantes reflexões sobre a atenção e os cuidados que devemos dar ao nosso planeta.

CADERNO 1

PASTORAL DA DIRETORIA 04

CADERNO 2

MINISTÉRIO DA MISSÃO 06
SECRETARIA DE EVANGELIZAÇÃO 08
MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO 10
FATIPI 12

CADERNO 3

MISSÃO E PRÁTICA DAS IPIS 14
NOSSAS IGREJAS 16

CADERNO 4

ESPIRITUALIDADE REFORMADA 17
ARTIGO 18, 25, 30
ARTIGO TEOLÓGICO 20-24, 26
ENTREVISTA 28
REFLEXÃO TEOLÓGICA DA FATIPI 32
O MUNDO E O REINO 33
FÉ PARA DIA A DIA 34
A VOZ DO SENHOR 36

CADERNO 5

NOTAS DE FALECIMENTO 38
CORRESPONDÊNCIA 38
RESENHA 39

IRMÃO SOL, IRMÃ LUA

No hinário oficial da IPI do Brasil, temos um hino cuja letra é baseada no “Cântico ao Sol”, escrito por Francisco de Assis (1181-1226). O poema de Francisco diz assim: “Louvado sejas, meu Senhor, especialmente pelo Irmão Sol, que por ele nos ilumina. Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Lua e pelas Estrelas, no céu as formaste claras e preciosas e belas. Louvado sejas, meu Senhor, pelo Irmão Vento, e pelo ar e pelas nuvens. Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Água, que é mui útil e humilde e preciosa e casta”.

Francisco reverenciava todo o universo como criatura de Deus. Outro poeta escreveu um poema com a mesma reverência: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sl 19.1).

Nos tempos do Novo Testamento, um inspirado apóstolo afirmou: “Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem sentido” (1Co 14.10). Ele era capaz de ouvir o louvor a Deus sendo entoado por toda a natureza.

Entretanto, esse apóstolo não ouvia somente a adoração ao Senhor prestada por toda a criação. Ele também já era capaz de perceber as lamentações da criação, pois escreveu dizendo assim: “Sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22).

Na verdade, mais do nunca, toda a natureza, criada por Deus, está gemendo nos dias de hoje por “estar sujeita à vaidade daquele que a sujeitou” (Rm 8.20). Aí estão as mudanças climáticas que afetam tragicamente o mundo todo.

Infelizmente, o ser humano interpretou mal a ordenação divina quando Deus lhe disse: “Sujeitem a terra... Tenham domínio...” (Gn 1.27). E, desde então, passou a explorar os recursos do planeta como se fossem inesgotáveis.

Como cristãos, temos de ver e ouvir toda a lamentação da natureza e lutar em seu socorro. Nosso dever é o de engajarmo-nos em todo e qualquer combate ecológico que começa a ser desenvolvido em todo o planeta.

Foi o Senhor Jesus quem disse: “Observem as aves do céu... Observem os lírios do campo...” (Mt 6.26, 28).

Corremos o risco de não termos mais aves no céu nem lírios nos campos para observar, se não participarmos na missão ecológica em favor da vida. Isso também faz parte do bom combate que temos para combater.



REV. GERSON CORREIA DE LACERDA

PASTOR AUXILIAR DA 1ª IPI DE OSASCO, SP, E EDITOR E REVISOR DO JORNAL O ESTANDARTE

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1893, POR REV. EDUARDO CARLOS PEREIRA, REV. BENTO FERRAZ E PRESB. JOAQUIM ALVES CORRÊA. (SUCESSOR DE "IMPrensa EVANGÉLICA", FUNDADA EM 5/11/1864). PRODUZIDO PELA AGÊNCIA DE COMUNICAÇÃO VIDA & CAMINHO.

CONSELHO ADMINISTRATIVO AGÊNCIA DE COMUNICAÇÃO VIDA & CAMINHO: • DALKARLOS APARECIDO FRANCO DOS SANTOS (*PRESIDENTE*) • MARCOS PAULO DE OLIVEIRA (*VICE-PRESIDENTE*) • TIAGO NOGUEIRA DE SOUZA (*SECRETÁRIO*) • ALESSANDRO RICHTER • CARLOS EDUARDO ARAÚJO • EDUARDO BORNELLI DE CASTRO • JACQUELINE BUENO DE SOUZA • KLEBER NOBRE DE QUEIROZ • RAPHAEL FREDERICO AIELLO DE MORAES

CONSELHO EDITORIAL AGÊNCIA DE COMUNICAÇÃO VIDA & CAMINHO: REVS. ANDRÉ LIMA, BENÍCIO ALVES NETO, EUGÊNIO ANUNCIACÃO, JULIO T. ZABATIERO E MARCOS CAMILO SANTANA, PRESBS. EDUARDO MAGALHÃES E REGIANE SOARES, CARLOS ALEXANDRE VENÂNCIO E LISSÂNDER DIAS • **REDAÇÃO:** • EDITOR E REVISOR: GERSON CORREIA DE LACERDA • JORNALISTA RESPONSÁVEL: SHEILA AMORIM - REG. MT 31751 • ARTE E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: SEIVA D'ARTES • IMAGENS: STOCK.ADOBE, UNSPLASH, PEXELS, PIXABAY E ARQUIVO PESSOAL (FOTOS) • RUA DA CONSOLAÇÃO, 2121. CEP 01301-100 - SÃO PAULO-SP; FONE: (011) 3105-7773; E-MAIL: ESTANDARTE@IPIB.ORG • **PUBLICAÇÃO:** PERIODICIDADE MENSAL • ISSN 1980-976-X • EDIÇÃO DIGITAL GRATUITA EM WWW.IPIB.ORG

ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM NECESSARIAMENTE A OPINIÃO DA IPIB, NEM DA PRÓPRIA DIREÇÃO DO JORNAL, SENDO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES. MATÉRIAS ENVIADAS SEM SOLICITAÇÃO DA REDAÇÃO SÓ SERÃO PUBLICADAS A CRITÉRIO DA DIRETORIA. OS ORIGINAIS NÃO SERÃO DEVOLVIDOS.

NA MISSÃO ECOLÓGICA PELA VIDA

O Dia Mundial do Meio Ambiente, celebrado em 5 de junho, é uma oportuna ocasião para nos voltarmos em oração em favor de uma causa pouco discutida em nossas comunidades de fé. Somos chamados, especialmente nesta data, mas não exclusivamente nela, a recordar nossa responsabilidade para com a criação divina e o cuidado com a casa comum que Deus nos concedeu.

Nossa reflexão se torna ainda mais urgente e profunda diante da tragédia recente das inundações no Rio Grande do Sul, que trouxe sofrimento, mortes, perdas e desafios para tantas famílias.

Desde o princípio, Deus nos confiou a guarda e o cultivo da Terra. No livro de Gênesis, lemos: “O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo” (Gn 2,15). Essa missão de cuidado é um chamado à responsabilidade, um convite a reconhecer que cada elemento da criação é um dom de Deus e que somos seus administradores.

Infelizmente, o nosso tempo é marcado por uma crise ecológica sem precedentes. A exploração desenfreada dos

recursos naturais, a poluição e a destruição dos ecossistemas têm consequências devastadoras para o planeta e para as futuras gerações.

As recentes inundações no Rio Grande do Sul são um triste lembrete dos efeitos das mudanças climáticas e da nossa negligência para com o meio ambiente.

Diante dessa realidade, somos chamados a agir com so-

lidariedade e amor. É nossa missão apoiar as comunidades afetadas, oferecendo ajuda material, emocional e espiritual. A igreja deve estar presente, como sempre esteve, ao lado dos que sofrem, sendo um sinal de esperança e conforto.

Louvamos a Deus pois as nossas igrejas atenderam ao nosso chamamento por meio da “Campanha SOSRS”, promovida pela nossa Secretaria Nacional de Diaconia.

Arrecadamos uma quantia significativa em recursos financeiros e conseguimos direcionar centenas de doações para a Aliança Evangélica Brasileira - da qual fazemos parte - e que tem coordenado a logística do atendimento aos desabrigados na base localizada em Lajeado, RS.

Também enviamos missionários para atuar *in loco* e auxiliar no atendimento pastoral às vítimas. Nas próximas semanas, iremos intensificar a ajuda pastoral, agora por intermédio do grupo “Médicos de Cristo,” coordenado pela Aliança, disponibilizando o atendimento psicológico a quem estiver precisando.

Contudo, entendemos que a solidariedade deve ir além do auxílio imediato. Devemos também refletir sobre nossas atitudes e ações em relação ao meio ambiente.

O teólogo reformado Abraham Kuyper afirmou: “Não há um único centímetro quadrado em todo o domínio da nossa existência sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não clame: ‘É meu!’”

Essa declaração nos lembra que a criação toda pertence a Deus e que devemos cuidar dela com reverência e responsabilidade.

Educação e Consciência

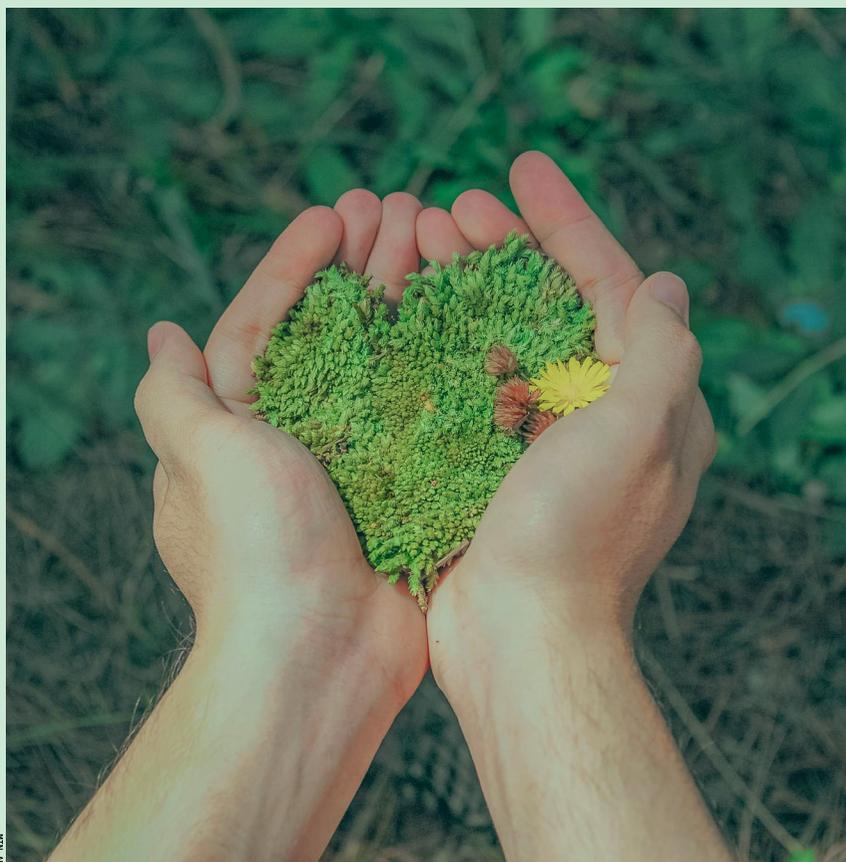
É fundamental educarmos nossas comunidades sobre a importância do cuidado com o meio ambiente. As escolas, as igrejas e as famílias devem ser espaços de conscientização ecológica. Devemos incentivar práticas como a reciclagem, a redução do consumo de plástico, o uso responsável da água, e a preservação das florestas e dos rios.

A educação ambiental é um ato de amor ao próximo e ao futuro. Quando ensinamos nossos filhos a respeitar e cuidar da natureza, estamos plantando sementes de esperança e construindo um mundo mais justo e sustentável.

Compromisso com a Justiça Social e Ambiental

A crise ecológica está intimamente ligada à crise social. Os pobres e vulneráveis são os mais afetados pela degradação ambiental e pelas mudanças climáticas.

Portanto, a missão ecológica é também uma missão de justiça social. Devemos lutar por políticas públicas que promovam o desenvolvimento sustentável, a preservação dos



recursos naturais, a poluição e a destruição dos ecossistemas têm consequências devastadoras para o planeta e para as futuras gerações.

As recentes inundações no Rio Grande do Sul são um triste lembrete dos efeitos das mudanças climáticas e da nossa negligência para com o meio ambiente.

Diante dessa realidade, somos chamados a agir com so-

recursos naturais e a justiça climática.

A teologia reformada valoriza a comunidade e o bem comum. João Calvino, por exemplo, enfatizou a importância da justiça social e do cuidado com os necessitados.

Esse princípio se estende ao cuidado com a criação, pois a degradação ambiental frequentemente afeta de modo desproporcional os pobres e vulneráveis.

Portanto, uma espiritualidade ecológica reformada envolve a promoção de práticas sustentáveis que beneficiem toda a comunidade e protejam os mais fracos.

A Espiritualidade Ecológica

Na tradição reformada, a espiritualidade ecológica emerge de uma compreensão profunda da criação como obra de Deus e da nossa responsabilidade como mordomos da Terra.

Esta perspectiva é enraizada em vários princípios teológicos centrais: a soberania de Deus sobre a criação; a criação como Revelação de Deus; a mordomia responsável; o pecado e a redenção na criação.

A teologia reformada enfatiza a soberania absoluta de Deus sobre todas as coisas. Ela nos lembra que o mundo natural não é uma propriedade humana, mas pertence ao Senhor.

Portanto, nossa interação com a criação deve refletir o reconhecimento de que estamos cuidando daquilo que é sagrado e pertencente a Deus.

O teólogo reformado e avivalista Jonathan Edwards viu a criação como uma manifestação da glória de Deus. Edwards escreveu extensivamente sobre a beleza da natureza como um reflexo da beleza divina.

Para ele, a natureza é uma “exposição sensível” das perfeições de Deus, proporcionando um meio pelo qual os seres humanos podem contemplar e adorar o Criador.

Portanto, a espiritualidade ecológica envolve a prática de perceber a presença de Deus na criação e de responder a essa presença com reverência e adoração.

A teologia reformada também sublinha o conceito de mordomia. Somos chamados a ser mordomos fiéis da criação, cuidando dela de forma que reflita a justiça, a bondade e a sabedoria de Deus.

Como mordomos, devemos atuar em benefício da criação, garantindo que ela seja preservada e mantida para futuras gerações. Isso inclui práticas sustentáveis, justiça ambiental e a defesa dos direitos dos mais vulneráveis, que frequentemente sofrem mais com a degradação ambiental.

Como IPI do Brasil reconhecemos que o pecado afetou toda a criação. A queda trouxe desordem e corrupção não apenas para a humanidade, mas para todo o cosmos. No entanto, a redenção em Cristo não é apenas para os se-

UM CHAMADO À ESPERANÇA E À AÇÃO

Façamos do mês de junho uma oportunidade para a prática da Espiritualidade Ecológica em nossas igrejas. Conclamo o Movimento Nacional de Oração, por meio das nossas Torres, a abraçarmos essa causa. Diante disso, sugiro que sigamos um programa muito simples e direto para isso.

- **Culto e Adoração:** Integrar a gratidão pela criação nas liturgias e nos cultos, reconhecendo a mão de Deus em todas as coisas.
- **Educação e Conscientização:** Ensinar a importância do cuidado ambiental nas igrejas e escolas, promovendo uma compreensão teológica do nosso papel como mordomos da criação.
- **Ações Concretas:** Implementar práticas sustentáveis nas comunidades de fé, como reciclagem, uso responsável dos recursos naturais e apoio a políticas públicas que promovam a justiça ambiental.
- **Oração e Contemplação:** Cultivar uma prática de oração e contemplação que inclua a criação, buscando perceber a presença de Deus no mundo natural e respondendo com louvor e ações de graças.
- **Justiça Social e Ambiental:** Engajar-se em iniciativas que busquem justiça para aqueles que são mais afetados pela degradação ambiental, reconhecendo que o cuidado com a criação é inseparável do cuidado com o próximo.

res humanos, mas para toda a criação. Paulo escreve em Romanos 8:21-22 que “a própria criação será libertada da escravidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e sofre como dores de parto até agora”.

Esta visão escatológica dá esperança de que, assim como nós aguardamos a redenção completa em Cristo, a criação também será renovada. Isso motiva uma espiritualidade ecológica que busca antecipar essa renovação vivendo de maneira que reflita o Reino de Deus aqui e agora.

Busquemos renovar nosso compromisso com a missão ecológica pela vida. Que a tragédia das inundações no Rio Grande do Sul nos mova à compaixão e à ação concreta em prol da criação.

Sejamos agentes de transformação, levando a mensagem do evangelho a todas as criaturas e cuidando da Terra com amor e responsabilidade.

Peçamos a orientação divina e a sabedoria que vem do Senhor para cumprirmos nossa missão com coragem e fé.

Que o Espírito Santo nos conceda a sabedoria e a coragem necessárias para construirmos um mundo mais sustentável, justo e fraterno. Amém.

AGENDA DA PRESIDÊNCIA

JUNHO 2024

9	CULTO NA IPI DE IEPÊ em Iepê, SP
10	REUNIÃO COM A SECRETARIA DE EVANGELIZAÇÃO em Campinas, SP
16	CULTO NA 2ª. IPI DE PILAR DO SUL em Pilar do Sul, SP
22	PROGRAMAÇÃO COM O PRESBITÉRIO IPIRANGA em São Paulo, SP

23	CULTO NA IPI DE MARTINÓPOLIS em Martinópolis, SP
27	REUNIÃO DA DIRETORIA DA AG em São Paulo, SP
28	95ª REUNIÃO DA COMEX/AG em São Paulo, SP

Entre as viagens e compromissos, o Rev. Sergio Gini realiza atendimento no Escritório Central da IPI do Brasil, em São Paulo



REV. SÉRGIO GINI

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL DA IPIB

RIO GRANDE DO SUL ESPERANÇA EM MEIO AO SOFRIMENTO

Temos acompanhado nos últimos meses como nossos irmãos e irmãs do Rio Grande do Sul foram afetados pelas chuvas. Como seguidores de Cristo, somos chamados à ação, pois essa é uma maneira de mostrar nosso amor por Cristo e mostrar o amor fiel de Deus àqueles ao nosso redor. Como discípulos de Cristo, experimentamos o chamado de Deus para responder em conjunto em tempos de crise.

Nossa humanidade aliada à perda de nossa zona de conforto podem acarretar uma série de sofrimentos. O texto de Lamentações 3 tem um significado profundo do cuidado de Deus.

Olhando para o livro de Lamentações, quando entendemos o cenário de guerra que envolve o povo naquele momento, onde houve escassez de alimentos, morte, o exército babilônico capturando e levando muitos como escravos, a cidade queimada... Um cenário de tragédia! Diante de uma calamidade como essa enfrentada pelo povo de Deus e a calamidade enfrentada pelo povo gaúcho, o livro de Lamentações nos faz pensar que podemos (devemos) sofrer diante de Deus!

Se vivemos para a glória de Deus, podemos entender que não é diferente com relação ao nosso sofrimento. Ele também acontece na presença de Deus e a nossa atitude em meio às tribulações podem ser usadas para nosso crescimento na dependência de Deus.

Em meio à tragédia, o profeta toma uma decisão que mudará o rumo do livro. Ele diz: *“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança”*.

Até aqui a situação externa do profeta não havia mudado. O povo continuava no exílio, a cidade continuava queimada e provavelmente ainda havia corpos pelas ruas. Jeremias, porém, decidiu não manter seu foco apenas na tragédia e angústia, mas procurar também o amor de Deus mesmo em meio a tanto sofrimento.

Os versos 3.22-33 apresentam a



resultado da decisão de trazer à memória coisas que trazem esperança. Jeremias pensa nas misericórdias de Deus.

Além disso, o profeta também se lembra da fidelidade do Pai, em 3.23. Deus manteve-se fiel à sua aliança, às promessas que fizera ao seu povo. Ele o preservou e agiu de tal forma a trazê-lo de volta ao seu caminho e restaurá-lo.

Em 3.24, Jeremias relembra que ainda que todas as posses materiais tenham sido destruídas, a sua porção é o Senhor e, se é assim, há esperança.

Em 3.25 o profeta relembra da bondade de Deus com relação àqueles que o buscam.

Já no cap. 5.19-22, Jeremias clama pela restauração do povo. Este pedido relembra a soberania e poder de Deus e, depois, clama: *“Lembra-te de nós, Senhor”*.

Esse pedido para que Deus se

DIANTE DESSE MOMENTO DE ENCHENTES E DIFICULDADES ENFRENTADAS, PRECISAMOS ESTAR PRONTOS PARA RESPONDER E TRABALHAR PARA TRAZER O AMOR E A CURA DE CRISTO PARA QUE ATRAVÉS DE NÓS, IGREJA DE CRISTO, POSSAMOS TESTEMUNHAR O AMOR CURATIVO DE CRISTO ATRAVÉS DO CUIDADO

lembre é uma evocação indireta da aliança de Deus com seu povo.

Somos o povo que o Senhor escolheu e decidiu amar. É um pedido para que Deus se lembre de suas promessas. *“Senhor, lembra-te de nós e restaura-nos”*.

Diante desse momento de enchentes e dificuldades enfrentadas, precisamos estar prontos para responder e trabalhar para trazer o amor e a cura de Cristo para que através de nós, igreja de Cristo, possamos testemunhar o amor curativo de Cristo através do cuidado com comunidades afetadas por crises e desastres naturais. E você pode fazer parte desse testemunho, de duas formas (veja o quadro ao lado).



FOTOS: @OMUNDODDED



■ ORAR!

Nossa melhor resposta é a oração. Em 1º Tessalonicenses 5:17, somos encorajados a orar continuamente. Após um desastre como esse que temos acompanhado, nossa melhor resposta é, primeiro, buscar a presença de Deus em nome dos necessitados. Ore para que através da nossa resposta e ação, os sobreviventes e aqueles que oferecem ajuda sejam lembrados da esperança que é encontrada em Cristo.

■ CONTRIBUIR!

Compartilhe suas bênçãos financeiras para amenizar o sofrimento de quem sobreviveu a essa crise. Entendemos que a melhor maneira de ajudar é através de doações em dinheiro, o que permitirá que as pessoas das comunidades impactadas, através das nossas igrejas locais, possam avaliar e destinar os recursos para suprir as necessidades.

As necessidades são muitas! Mas, com a graça de Deus, nosso povo tem contribuído e estamos podendo atender as solicitações que nos chegam! Mas os desafios continuam. E a IPI do Brasil, o Ministério da Missão e suas Secretarias prosseguem trabalhando, contando sempre com a generosidade da Família Presbiteriana Independente.

Todos ajudam como podem e, juntos, podemos multiplicar esperança! Na Missão, pela Vida!

R\$ 112.485,08

Até o momento, nossa campanha arrecadou esse valor e estamos iniciando a Segunda Fase, que é da reconstrução.

Esses valores serão investidos na compra de colchões, geladeiras e fogões, para que possamos oportunizar a volta para casa. Por isso, a sua contribuição ainda é muito importante. >REV. JAQUELINE REGINA PAES RIBEIRO, PASTORA DA 2ª IPI DE LIMEIRA, SP, E MINISTRA DA MINISTÉRIO DE MISSÕES DA IPI DO BRASIL



A IPI do Brasil está unida em oração e em ação em favor das pessoas atingidas pela catástrofe no Rio Grande do Sul.

Várias das nossas igrejas têm feitos doações e enviado voluntários para auxiliar no local.

Você pode fazer a sua doação através do PIX: sosrs@ipib.org

Todo o valor arrecadado será repassado para o atendimento às famílias atingidas.

MISSÃO CENA



Tenho contribuído na Missão Cena às terças-feiras no atendimento à população em situação de rua e às quintas-feiras nas visitas para evangelização das travestis que moram na região da Cracolândia de São Paulo.

A Missão Cena fez uma adequação na forma de trabalho com a população. Antes, era dado o almoço, mas como foi verificado que existem várias entidades dando almoço e, através de uma pesquisa com a população de rua, foi constatada a necessidade do café da manhã, cada terça-feira uma comunidade de fé traz um maravilhoso café para servir com muito amor a esta gente tão sofrida.

Eles vão entrando nas dependências da Missão para participar da devocional e, depois do café, recebem roupas limpas e kits de higiene para to-

marem um belo banho. Sempre são convidados para o grupo de apoio e os que aceitam são encaminhados à casa de recuperação após triagem.

Este tempo tem sido extremamente abençoado e cremos que vidas têm sido salvas naquele contexto. Peço que continuem orando pela missão para que cheguem novos voluntários para somarem forças com os missionários da Cena.

As quintas-feiras têm sido impactante. As visitas para as travestis têm deixado marcas profundas em nós. Elas têm aberto suas “casas” e seus corações para receberem o evangelho. Uma em especial começou um processo de discipulado e sabe que sua transformação completa será um processo árduo, mas ela está disposta. Orem para que sua transformação seja completa e que, num futuro próximo, ela se reconhece ele unicamente para a glória de Deus.

A missão Cena realizou o acampamento para travestis em maio. Foi uma bênção. Tive o privilégio de participar captando recursos para o mesmo.

Outro trabalho que tive o privilégio de participar foi o Compaixão Maranhão, na cidade de Santo Amaro do Maranhão, onde me reuni com outros 140 voluntários de várias denominações para um trabalho de evangelização e impacto social.

Foi uma semana incrível! Foram realizados 1.500 atendimentos médicos, entregamos 1.000 cestas básicas, visitamos os povoados distantes

que só têm acesso através de barcos, distribuímos centenas de Bíblias, algumas delas em áudio e com carregamento solar possibilitando que pessoas não alfabetizadas tenham acesso à palavra de Deus.

Todos os dias tivemos o culto público onde a boa nova de salvação foi anunciada.

O que mais me impactou foram as visitas aos povoados, onde encontramos uma carência absurda, mas a principal carência é a falta de amor e fé em pessoas que em sua grande maioria não têm perspectiva de melhorar de vida.

No Adote Índia estamos intensificando a campanha para a tradução da Bíblia para o dialeto Sambalpuri, que é falado por vinte milhões de pessoas na Índia.

Cada capítulo custa 50 dólares para a tradução e, como a pobreza na região de Orissa é extrema, se faz necessário a Bíblia impressa. Em Balanguir, a reconstrução da casa lar para as meninas está a todo vapor.

Temos o projeto de ir no final do ano para a Índia. Se Deus permitir, queremos ficar dois meses ajudando a Missão e promovendo cursos de artesanato para mulheres carentes em Delhi.

Louvo a Deus pela família que ele me deu que tem sido o sustentáculo do meu ministério. Continuem orando para que eu continue engajado na Missão de Deus, que é salvar o perdido.

PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DA IPI SANTARÉM, PA



MOTIVOS DE ORAÇÃO:

- > Gratidão pelo polo da Escola Superior da Bíblia na IPI Santarém que realizou mais um estudo teológico no início do mês de maio;
- > Gratidão pelo Projeto Luz em Vidas que está sendo implementado;
- > Gratidão pelas reuniões de células, evangelismo e discipulado que estão acontecendo.
- > Para que Deus levante líderes para realização de evangelismo e discipulado na igreja central e congregações.
- > Para que Deus levante oficiais para compor o Conselho e o Ministério de Ação Social e Diaconia.
- > Pela campanha Eu + 1 em que cada membro leve pelo menos uma pessoa a Cristo em 2024;
- > Pela regularização dos documentos da IPI Santarém pelo seu desenvolvimento;
- > Pela implantação da Unidade Prestadora de Serviço da Associação Bethel em Santarém.

PACTO DE ORAÇÃO



JUNHO/2024

SE

3ª semana

MISSIONÁRIOS: SEVERINO E
ESTER CAMILO ALVES

MOTIVOS DE ORAÇÃO:

- > Pelos alunos do Instituto Bíblico Rev. Felipe Landes e suas famílias;
- > Pelos professores e liderança, para que caminhem juntos em amor e humildade;
- > Pelo suprimento financeiro frente às despesas;
- > Pela saúde, forças e sabedoria para os missionários no ministério que desenvolvem.

MISSÃO CAIUÁ



Há mais de 40 anos, a Missão Evangélica Caiuá tem se colocado na brecha quanto à formação da liderança evangélica indígena.

Localizado no Município de Dourados, MS, o Instituto Bíblico Rev. Felipe Landes tem como propósito capacitar e equipar indígenas de várias etnias para a pregação das boas novas em suas comunidades.

Nesta região, tem sido uma ferramenta importante no fortalecimento da Igreja Indígena que hora se desponta como resposta aos anseios de uma comunidade cristã com

o perfil e identidade indígena.

Neste propósito, várias outras etnias têm acesso a esta formação.

No início de 2024, recebemos uma nova turma, composta por 6 etnias diferentes: Xavante, Marubo, Manchineri, Caiuá, Terena e Guarani. Alguns são pouco falantes do português. Já iniciamos o segundo bimestre e percebemos o desenvolvimento de cada um no convívio transcultural, no aprendizado do português e principalmente no conhecimento da Palavra de Deus.

Para o ensino da Palavra de Deus contamos com a contribuição voluntária de pastores e missionários que se esmeram na passagem do conhecimento mesmo tendo diante de si a diversidade da cultura, da cosmovisão e de línguas tão diferentes.

Contamos com as orações dos irmãos para que alcancemos corações fecundos e sejamos fortalecidos no exercício deste ministério. O desafio em contexto indígena passa pela formação e fortalecimento de obreiros indígenas. Orem conosco!

PACTO DE ORAÇÃO



JUNHO/2024

SE

4ª semana

MISSIONÁRIOS: GILSON E JÔ BATISTA, COM OS
FILHOS AINOÃ E NATÃ

MOTIVOS DE ORAÇÃO:

- > Pelos obreiros do Siloé, suas famílias e saúde;
- > Pelos projetos de plantação e de revitalização de igrejas sob os cuidados do Gilson;
- > Por proteção, renovo físico e espiritual;
- > Pela saúde integral da família missionária;
- > Por discernimento espiritual e clareza da vontade de Deus em cada área do ministério;
- > Por vidas rendidas a Jesus e transformadas.

PROJETO SILOÉ



tivas, pessoas em situação de rua, pessoas com HIV-Aids, e os familiares desses grupos).

O Siloé atua visando a ressocialização dessas pessoas, através de um amplo conjunto de ações, entendendo que verdadeira transformação, somente a partir do encontro com Jesus.

Também atua na prevenção ao uso de substâncias, em escolas e empresas, em toda a grande Florianópolis, há mais de 30 anos.

O casal também assumiu dois campos no norte da ilha de Florianópolis, congregações da IPI do Estreito. Um projeto de plantação de igreja no bairro Rio Vermelho, e outro de revitalização no bairro Cachoeira do Bom Jesus.

Em ambas as igrejas, Gilson também coordena o centros de atendimento do Projeto Siloé.

Jô e Gilson são casados há 25 anos e em missões há 27 e 28 anos, respectivamente. Gilson é presidente do Projeto Siloé, ministério com excluídos (dependentes de substâncias psicoa-

DOAÇÕES REMETEM À MEMÓRIA DO COLÉGIO EVANGÉLICO DE ARAPONGAS

O Rev. Edrei Daniel Vieira é o atual pastor da Igreja Evangélica Reformada de Arapongas, PR, denominação de tradição holandesa. Edrei, pastor presbiteriano independente de origem e de coração, formou-se no Seminário Teológico “Rev. Antônio de Godoy Sobrinho”, em Londrina, no ano de 1995, e sempre demonstrou grande amor pela história da IPI do Brasil, esforçando-se pela ampliação da preciosa memória denominacional.

No último mês de fevereiro, o Rev. Edrei encaminhou ao Museu e Arquivo Histórico “Rev. Vicente Themudo Lessa” da IPI do Brasil um lote de objetos e fotografias que pertenceram ao “Colégio Evangélico de Arapongas”, instituição de ensino de primeiro e segundo graus ligada à IPI de Arapongas, instalado em 1º de outubro de 1957 e que por muitos anos funcionou nessa cidade.

Dirigido pelo Rev. João de Godoy e sua esposa, Prof. Wasti Lopes de Godoy, o colégio prosseguiu sua caminhada ao longo do pastorado do saudoso Rev. Othoniel Gonçalves e de outros laboriosos ministros, vindo a encerrar suas atividades no ano de 1997.

O colégio deu grande contribuição à cidade de Arapongas, tornando-se uma das instituições educacionais mais respeitadas do município norte-paranaense.

Outro dado importante a ser destacado é que, nas dependências do Colégio Evangélico, funcionou, durante vários anos, o lendário

Instituto Bíblico “João Calvino”, dirigido pelos Revs. João de Godoy e Antônio de Godoy Sobrinho, pai e filho respectivamente.

Os objetos doados ao MAH estavam sob a guarda da Prof. Ângela Amalfi, diretora do Colégio Decisão, que absorveu os alunos

do Colégio Evangélico quando do encerramento de atividades da escola.

Por muitos anos a Profa. Ângela conservou esse material, esperando que chegasse o dia em que alguém os requisitasse. Foi o Rev. Edrei, preocupado em resgatar a

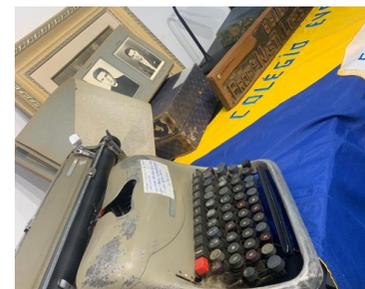
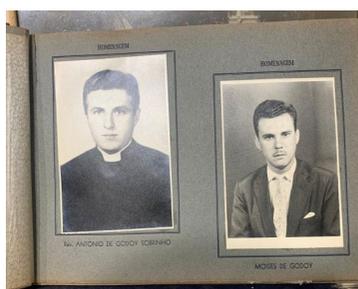
memória do Colégio Evangélico, que soube da existência desse espólio histórico e se propôs a recebê-lo, encaminhando-o ao MAH.

Dentre os objetos doados e já incorporados ao acervo do Museu e Arquivo Histórico da IPI encontram-se a bandeira oficial do Colégio Evangélico (que era usada nos desfiles de rua em comemorações cívicas), a antiga “máquina de escrever” da secretaria da escola, a placa da “Biblioteca Profa. Wasti Lopes de Godoy” (em madeira entalhada) e um álbum de fotografias com retratos de alunos e professores da instituição.

O Rev. Edrei, aproveitando a oportunidade, doou de seus livros o precioso e raro texto do Rev. Othoniel Motta - “A Filosofia do João-de-Barro”, de 1935 -, bem como textos oficiais de ordem de culto e liturgia da denominação a qual presentemente serve, a Igreja Evangélica Reformada.



NO ÚLTIMO MÊS DE FEVEREIRO, O REV. EDREI ENCAMINHOU AO MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO “REV. VICENTE THEMUDO LESSA” DA IPI DO BRASIL UM LOTE DE OBJETOS E FOTOGRAFIAS QUE PERTENCERAM AO “COLÉGIO EVANGÉLICO DE ARAPONGAS”, INSTITUIÇÃO DE ENSINO DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS LIGADA À IPI DE ARAPONGAS, INSTALADO EM 1º DE OUTUBRO 1957 E QUE POR MUITOS ANOS FUNCIONOU NESTA CIDADE.



Entre as doações do Colégio estão a placa em madeira da biblioteca “Profa. Wasti Lopes de Godoy”, a bandeira, a antiga “máquina de escrever” pertencente à secretaria, álbum de fotos do Colégio. O Rev. Edrei doou livros de sua coleção particular ao MAH



Grupo de senhoras do Presbitério Novo Osasco, da Coordenadoria Regional de Adultos, em visita ao MAH



MAIS UMA VISITA AO MUSEU

No dia 7 de maio último, o MAH foi visitado por um grupo de senhoras de igrejas pertencentes ao Presbitério Novo Osasco. Liderado pela coordenadora regional de adultos do referido presbitério, Lenice Paschoal de Santana (IPI do Jardim Novo Osasco), o grupo veio formado pelas seguintes irmãs: Eleni, Beatriz (ambas da IPI de Quitaúna), Carmen (IPI do Jardim São Paulo), Ângela e Cilaida (as duas da IPI Novo Osasco).

O curador do MAH teve a oportunidade de oferecer às irmãs muitas informações históricas sobre a IPI do Brasil com base nas peças do acervo atualmente expostas. Detalhou também ao grupo a respeito das atividades desenvolvidas no Museu e acentuou a importân-

cia para a IPI do Brasil das visitas que os membros de nossas igrejas lhe fazem. “O conhecimento da história fortalece a igreja em seu testemunho diário do evangelho”, afirmou o curador ao grupo. “É importante que todos os membros da IPI do Brasil tomem conhecimento de sua rica história de 121 anos”, completou.

Ao final da visita, o grupo de senhoras do Presbitério Novo Osasco expressou sua alegria e entusiasmo pela oportunidade de aprofundar seus conhecimentos a respeito de sua própria denominação, recebendo cada uma das visitantes, das mãos do curador, exemplares e cadernos especiais do jornal O Estandarte.

>REV. ÉBER FERREIRA SILVEIRA LIMA, PASTOR DA IPI DO CAMBUÇI, SÃO PAULO, SP, E CURADOR DO MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO REV. VICENTE THEMUDO LESSA

NO DIA 7 DE MAIO ÚLTIMO, O MAH FOI VISITADO POR UM GRUPO DE SENHORAS DE IGREJAS PERTENCENTES AO PRESBITÉRIO NOVO OSASCO. LIDERADO PELA COORDENADORA REGIONAL DE ADULTOS

CONHEÇA O MUSEU MAH

O MAH DESENVOLVE UM PROGRAMA-PILOTO DE VISITAS MONITORADAS PARA PEQUENOS GRUPOS, IGREJAS E CONCÍLIOS. INTERESSADOS EM PARTICIPAR DO PROGRAMA PODEM AGENDAR SUAS VISITAS PELO WHATSAPP (11)99959-3087 OU PELO E-MAIL HISTORIAEMUSEU@IPIB.ORG



ipiconecta

ipiconecta

O APP DA IPIB



ACONTECEU NA FATIPI

CAMPANHA DOS 120 ANOS

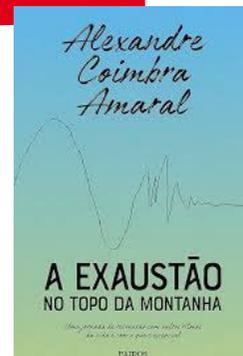
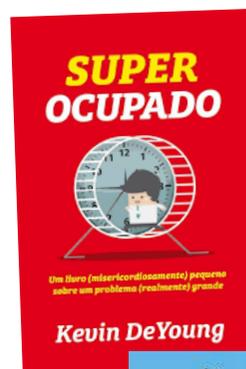
No dia 11/06, às 19hs, na Capela da FATIPI, teremos a presença do Rev. Áureo Rodrigues de Oliveira que falará sobre “A Importância do Seminário Teológico de Fortaleza”.

O Rev. Áureo foi professor e diretor daquele seminário por 21 anos. A participação musical ficará por conta do cantor Emmannuel.

DOAÇÃO DE LIVROS

No mês de maio recebemos duas doações de livros teológicos para a Biblioteca Rev. Vicente Themudo Lessa da FATIPI.

O Rev. José Rubens Jardimino e o Rev. Cláudio Carvalhaes doaram parte de suas bibliotecas para compor o acervo da nossa biblioteca, bem como presentear nossos alunos do curso presencial. Também tivemos a doação dos livros publicados pelo nosso irmão Presb. Aristeu de Oliveira, da IPI Freguesia do Ó. Agradecemos aos irmãos que generosamente doaram seus livros.




A FATIPI NOS PRESBITÉRIOS

Nos dias 24 e 25 de maio, a FATIPI participou do Simpósio de Educação Cristã do Presbitério Bahia com o tema: "Por uma Igreja Ensinadora". Essa iniciativa faz parte do projeto "A FATIPI nos Presbitérios".

O Prof. Marcos Nunes e o Prof. Esny Cerene representaram a FATIPI.

No dia 24, foi um bate papo com os pastores e missionários do Presbitério.

No dia 25, aconteceu o Simpósio na IPI do Salvador. O Prof. Marcos falou sobre as bases bíblicas e históricas da educação cristã e o Prof. Esny sobre a abrangência da educação cristã levando em consideração as várias gerações e idades na igreja. Também participou o Rev. Marcos Camilo, secretário de Educação Cristã da IPI do Brasil, que falou sobre as dimensões práticas da educação cristã.

Esse simpósio foi uma parceria entre a FATIPI, o Presbitério Bahia e a Secretaria de Educação Cristã da IPI do Brasil.

A FATIPI está à disposição dos presbitérios, pois queremos servir a Igreja e o Reino.



LANÇAMENTO DE LIVRO

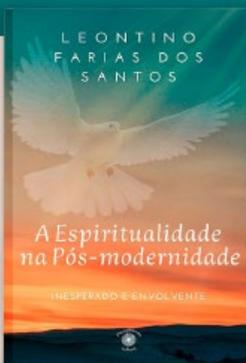
No dia 11/06 às 20hs, teremos o lançamento do livro "A espiritualidade na Pós-Modernidade", do Rev. Leontino Farias dos Santos.

Esse evento acontecerá na Capela da FATIPI.

Venha participar desse momento importante na vida do Rev. Leontino e da FATIPI.

LANÇAMENTO DO LIVRO

A ESPIRITUALIDADE NA PÓS-MODERNIDADE



Autor: Rev. Leontino Farias dos Santos
Editora: PlenaMente

11/06
2024
20H00

Local: Espaço de Convivência da FATIPI



FATIPI
Faculdade de Teologia de São Paulo
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil



FATIPI

Faculdade de Teologia de São Paulo
da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA

TEMA: A RELEVÂNCIA DAS ESCRITURAS NO SÉC. XXI



21, 24 OUTUBRO
2024

Presidência:

Dra. Sofia Quintanilla

Teóloga e teóloga AT, mestranda em Teologia, SETOCA.

Seminário Teológico Central Americano em Guatemala.

Inscrições em breve!

Mais informações acessem:

WWW.FATIPI.EDU.BR



ORGANIZAÇÃO DA IPI DE MONÇÃO, NO MARANHÃO

A IPI do Brasil é uma igreja de vanguarda, aguerrida na proclamação do Evangelho do Cristo, cheia de ousadia para o desenvolvimento da obra missionária pelo país a fora. Aproveu a Deus que nos seus quadros de ministros homens como Rev. Manoel Francisco do Nascimento Machado cumpriram o seu chamado com empenho e dedicação sem igual.

Eis que surge o nosso primeiro personagem, o grande Leão do Norte, o Rev.º Manoel Machado, e o porquê desse nome.

Por ocasião da extinção do Presbitério do Norte, do Presbitério do Sul na reunião do Sínodo em 29 de janeiro de 1919, nessa mesma reunião criou-se o Presbitério do Leste, que incluía uma região geográfica que ia do Pará ao Rio de Janeiro, tendo como último moderador do Presbitério do Norte o Rev. Themudo Lessa, e o primeiro moderador do Presbitério do Leste, o mesmo pastor.

Surge nesse cenário um jovem pastor, Manoel Machado, que se dispôs a lutar pelas igrejas e congregações do Norte. Ele entendia que, dada a extensão geográfica, era necessário usar obreiros leigos para auxiliar nas atividades pastorais e assim ele fez, comissionando para a baixada maranhense o Presb. Arthur Serra, da IPI em Maravilha, município de São Vicente de Férrer.

Este campo era grande, com uma extensão de 40 léguas, aproximadamente 200km a partir da IPI em Maravilha, fora o deslocamento da capital São Luís que era feito de barco e, naquele tempo, levava-se até 12h de travessia.

Este jovem pastor se levantou como um leão para defender as causas e necessidades dos campos do norte, marca distintiva dos pastores da IPI do Brasil, com a coragem para o combate; se for para lutar, que seja como um leão, tendo como exemplo maior o Leão da tribo de Judá.

O trabalho do valoroso pastor não ficou esquecido. O Rev.º Manoel Machado fez um bom trabalho, recebeu sete pessoas por pública profissão de fé e batizou dois menores na cidade de Monção (O *Estandarte*, 2/12/1920, p.14), for-



Grupo base da IPI em Monção

mando então uma congregação, um ponto de pregação.

O Rev. Manoel Machado pastoreou as igrejas do Maranhão de 1919 a 1921. Com sua saída, o Rev. Elias Tavares (natural da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro) assumiu o pastorado das igrejas do campo do Norte, do Estado do Ceará ao Pará, fixando residência em São Luís, MA. Isso era fruto da defesa do Rev. Manoel Machado que entendia que era preciso mais um pastor para o campo do Norte.

O Rev. Elias Tavares pastoreou as igrejas do norte de 1922 a 1926. Após ele, as nossas igrejas foram pastoreadas pelo Rev. Severino de Lima (natural do Estado da Paraíba). Foi o Rev. Severino de Lima

da Costa.

O Rev. Severino de Lima pastoreou as igrejas do Maranhão no período de 1926 a 1946. Foi um pastorado considerado longo, enfrentando várias questões teológicas como, por exemplo, o pentecostalismo na região da baixada.

Após esse período, o Rev. Adiel Tito de Figueiredo (natural do Estado da Paraíba) assumiu o pastorado do campo do Maranhão.

Diante da demanda do vasto campo para apenas um pastor, houve uma escassez pastoral, deixando assim essas ovelhas sem ter quem guiá-las. Ainda assim, a remanescente cria que, um dia, a promessa de que aquele ponto de pregação iria ser organizado igreja se tornaria

ERA PRECISO CRER. HAVIA UM LEGADO DE LUTAS, DE FIDELIDADE, DE PERSEVERANÇA. AGORA, DEUS ESTAVA DESAFIANDO O POVO A DAR UM PASSO DE FÉ, E TODAS AS COISAS COOPERARAM PARA ISSO.

quem batizou a nossa irmã Ipunina Silva Mendes (O *Estandarte*, 1º/03/1936, p.6), hoje com 88 anos de idade.

Eis aí o nosso segundo personagem, a nossa remanescente. Biblicamente, a figura do remanescente é aquele que é o fiel, que crê na promessa de Deus até o fim, mesmo em situações adversas; ele é caracterizado pela fidelidade e lealdade àquilo que foi dito por Deus.

No final do ano de 1945, batizou também nossa irmã Rosilda Viana

realidade. É assim que vive um fiel do Deus a quem ele serve.

Após ficar um período sem pastoreio, no ano de 1960, o grupo de Monção começa a receber visitas do Rev. Raimundo Estevão Amaral, que também não perdurou e logo se ausentou, ficando os nossos irmãos de Monção cerca de 20 anos sem pastor, ocasionando o afastamento de muitos irmãos na fé.

Com todas essas mudanças, o grupo de Presbiterianos Independentes em Monção foi extinto, po-

rém, algumas irmãs como Bárbara Silva Viana, Rosilda Viana da Costa e Ipunina Mendes Serra, mesmo congregando em outra denominação, mantinham esperança de um dia restaurar os trabalhos da IPI do Brasil aqui na cidade.

O grande componente do remanescente é a esperança, e crer contra tudo e contra todos, porque tem uma viva e real esperança no cumprimento das promessas de Cristo.

O vento da mudança começa a soprar. No ano de 1984, surge o nosso terceiro personagem que significou um sopro de esperança. Trata-se do irmão José Reinaldo Serra dos Santos que sai de Brasília com a sua esposa Maria do Espírito Santo Costa dos Santos, ambos ex-membros da 2ª IPI de São Luís, MA, para residir em Monção, junto com seus cinco filhos, os quais com dedicação começaram a reunir novamente os irmãos dispersos, formando uma congregação.

Na esperança de reunir os Presbiterianos Independentes que ainda esperavam o cumprimento da promessa em 13 de julho de 1986, a convite da irmã Ipunina Mendes Serra, o Rev. Iloivaldo e caravanas de Viana, Cajari, Penalva e São Luís visitaram os irmãos de Monção, realizaram a escola dominical e o culto à noite no colégio Dr. Getúlio Vargas.

Nesse dia o Rev. Iloivaldo jurisdicionou a Congregação de Monção à 2ª IPI do Bairro de Fátima, em São Luís, MA, nomeando uma

**Culto de Organização da IPI em Monção**

comissão administrativa composta por José Reinaldo Serra dos Santos, Maria do Espírito Santo, Ipunina Mendes Serra e Rosilda Viana da Costa.

O Presb. Jaime Cutrim, responsável pela congregação da IPI em Penalva, se prontificou em ajudar os irmãos, vindo todos os meses a Monção. A esperança estava se tornando realidade.

Chegamos aos anos desafiadores sintetizados na vida dos 3 últimos obreiros que serviram àquela congregação. Eis os personagens de fé. Após anos sendo alimentados com a esperança, a fé começou a produzir algo extraordinário no coração do povo, no ano de 2021, quando o Rev. Elton Mendonça Campos

foi comissionado pelo Presbitério do Norte para o campo da IPI de Viana.

A Congregação Monção voltou a fazer parte da jurisdição da IPI de Viana, recebendo os atos pastorais do referido pastor. Era um indicativo de que a organização seria um ato de fé.

No ano de 2022, foi comissionado para a IPI de Viana o Rev. Samuel do Prado, que passou a realizar os atos pastorais na congregação, tendo como obreiro residente em Monção o licenciado Francivaldo Costa Moraes junto com sua esposa Bianca dos Santos Moraes e seus filhos Nicolle Beatriz e Davi Lucas, com o desafio de trabalharem visando à organização da congregação em igreja no ano de 2023.

Era preciso crer. Havia um legado de lutas, de fidelidade, de perseverança. Agora, Deus estava desafiando o povo a dar um passo de fé, e todas as coisas cooperaram para isso.

Em 2023, o Rev. Samuel do Prado continuou comissionado como pastor titular do campo e o recém ordenado Rev. Francivaldo Costa Moraes, seu pastor auxiliar, sendo este último residente em Monção.

O Rev. Francivaldo muito se empenhou no processo de alcance das condições para a aprovação da organização da Congregação em Igreja. Mesmo sendo um jovem pastor, não mediu esforços para capacitar liderança, motivar os membros, organizar a documentação necessária,

sempre reportando ao Conselho da IPI de Viana as informações pertinentes de seu ministério.

A sementeira ao longo destes anos foi árdua. Através do cuidado de Deus e por meio de seus servos, o crescimento e a frutificação vieram.

A IPI de Monção foi organizada em 19 de agosto de 2023. Para a glória de Deus, um passo de fé foi dado e, desde então, o que era um sonho se tornou realidade.

Levou tempo para Deus fazer de repente. 103 anos depois o Leão de Judá ainda ruge na cidade de Monção. Ainda há um povo remanescente fiel, cheio de esperança e que vive de fé no Deus que cumpre as suas promessas, cada uma delas.

Para atestar a fé do povo que se reúne naquele lugar, o Presbitério do Norte (PNOR) nomeou a Comissão de Organização da Igreja, composta dos seguintes irmãos: Rev. Valdir Mariano de Souza, Rev. Samuel do Prado, Rev. Elton Mendonça Campos, Presb. Paulo José Pinheiro Moraes e Presb. Américo Lobo Freitas de Souza.

Esta comissão atestou que aquela congregação atendia a todos os requisitos para que fosse organizada igreja, tudo isso para a glória de Deus que conduziu todo o processo e coroou esse momento com a escolha dos oficiais e comissionamento do pastor da igreja.

> *DAIANA BORGES, É JORNALISTA, CORRESPONDENTE DE O ESTANDARTE NA REGIÃO NORTE DO BRASIL*

**Ordenação de oficiais****Posse do Rev. Francivaldo Moraes****A família pastoral com a família de José Reinaldo, um dos membros mais antigos****Famílias mais antigas da IPI em Monção****Culto de Organização**

O CONSELHO

É composto pelos seguintes irmãos: Rev. Francivaldo Costa Moraes, pastor comissionado, e os Presbs. Joel Pereira Silva, Dalva Maria Mendes Serra Gaspar e Ana Clara Serra Gaspar.

O MINISTÉRIO DE AÇÃO SOCIAL E DIACONIA

Ficou composto pelos seguintes irmãos: Diacs. Bárbara Mendes Serra, Gildene Serra Gaspar Borges e Patrícia Miarella Soares de Andrade.

JUBILEU DE DIAMANTE DA IPI EM FRAGOSO

Organizada em 14 de março de 1963, a IPI em Fragoso, completou 60 anos em 2024. Durante este tempo, grandes coisas temos vivido, com a permissão do Senhor. Muitas pessoas aqui passaram para nos abençoar e fazer parte desta história. Uma igreja que, em todo seu tempo de existência, tem como características receber bem, cuidar dos necessitados e, principalmente, realizar a obra do Senhor com excelência. Uma igreja que proclama o evangelho da paz!

Neste período, tivemos poucos pastores. O primeiro foi o Rev. Pedro Gerônimo, que pastoreou cerca de trinta membros.

Desde 1997, somos pastoreados pelo Rev. Rubens Jorge, que chegou em um momento muito difícil, quando estávamos à procura de um pastor que pudesse ali estabelecer-se e cuidar de nosso rebanho. Até os dias de hoje, o Rev. Rubens nos pastoreia, cuida de nós. Então, em 2024, com 200 membros aproximadamente, podemos dizer que temos crescido em estatura e graça.

Podemos até dizer que, durante momentos tristes e difíceis da pandemia causada pelo Covid, fomos muito abençoados. Neste período, a IPI em Fragoso passou por uma grande obra física, que modificou e modernizou o seu templo.

Quantas bênçãos temos para contar! Quanta gratidão a Deus! Portanto, temos muitos motivos para festejar!

Em uma série de conferências,



nos dias 14 a 17 de março, rendemos graças a Deus por este tão esperado 60º aniversário. Com participações de muitas igrejas do Presbitério Fluminense e de nossa redondeza, como a Casa de Recuperação Masculina Recanto Feliz, juntamente com toda a nossa igreja, dançamos, interpretamos, louvamos com as crianças e, principalmente, honramos e adoramos

ao Senhor por tudo que ele representa em nossa linda história.

Dentro de toda nossa programação, muito bem-organizada pelo Conselho da igreja, podemos destacar nosso Café e Comunhão especial, no último dia de conferência, quando inauguramos duas placas comemorativas em alusão ao Jubileu de Diamante e ao “Prédio de Educação Religiosa Presb.



Daniel Marques de Souza”.

Ressaltamos, ainda, o empenho e capricho do Ministério de Ação Social e Diaconia no ato de pôr em prática todo o planejamento feito pelo Conselho e, claro, a presença de tantos irmãos que passaram por aqui durante todo este tempo.

Enfim, nossa série de conferências ficou marcada pelos momentos de homenagens. O Conselho teve a preocupação de lembrar-se daqueles que fundaram este lugar e que não estão mais conosco, além dos que permanecem na IPI em Fragoso por mais de 45 anos. Todos esses receberam nosso justo e devido respeito.

Que possamos contemplar as grandes maravilhas que o Senhor tem feito em nosso meio, por muitos e muitos anos, ou até que ele venha! >DIACONISA CÁTIA TELES, AGENTE DE O ESTANDARTE DA IPI DE FRAGOSO, MAGÉ, RJ

BELO HORIZONTE AJUDA O RIO GRANDE DO SUL

A IPI de Belo Horizonte mobilizou sua membresia para ajudar os necessitados no Estado do Rio Grande do Sul e conseguiu enviar uma grande quantidade de água e roupas para os necessitados.

É a Igreja fazendo seu papel de amar o próximo! >PROF. SANDRO BUSSINGER SAMPAIO, MEMBRO DA IPI DE BELO HORIZONTE, MG



A DIMENSÃO DO(S) RETIRO(S) NA VIDA CRISTÃ

De manhã bem cedo, quando ainda estava escuro, Jesus se levantou, saiu da cidade, foi para um lugar deserto e ficou ali orando” (Mc 1.35). Minha experiência na adolescência e juventude na igreja foi marcada pelos acampamentos. Saíamos da cidade e íamos para uma chácara, e ali ficávamos por alguns dias, longe da correria do cotidiano. Tínhamos momentos de devoção com muita música (mas também de solitude), momentos de conversa, momentos de esporte, momentos de entretenimento e momentos de descanso (que raramente aproveitávamos). Uma atividade sempre marcante era o culto da fogueira, em uma das noites, onde experimentávamos uma liturgia mais informal, com ênfase em revisão de vida, arrependimento e novo começo. Era uma espécie de Retiro.

É SEMPRE MELHOR PARAR DE FORMA INTENCIONAL E ORGANIZADA PARA DESFRUTAR DE UM RETIRO E SAIR RENOVADO COM A EXPERIÊNCIA DO QUE PRECISAR PARAR POR CAUSA DE UMA NECESSIDADE DE SAÚDE OU DESGASTE EXCESSIVO

O texto de Marcos revela um estilo de vida de Jesus (não somente uma ação pontual): retirar-se para um tempo a sós com Deus é um movimento essencial para Jesus.

O texto fala da atitude de sair do lugar onde estava e procurar um lugar afastado – retiro – para lá permanecer em oração com o Pai. Intencionalmente e prioritariamente Jesus se afastava temporariamente da multidão para ter tempo de qualidade com seus discípulos. Mas também, em outros momentos, se afastava temporariamente dos próprios discípulos para estar em solitude com o Pai.

Esse movimento que percebemos em Jesus também está presente na vida dos personagens bíblicos, com muitas evidências nas Escrituras de como a prática do Retiro marcou profundamente suas vidas como fonte de energia e direção.

Em seu livro “Janelas para a Vida”, o pastor presbiteriano Ricardo Barbosa escreve sobre a importância desses lugares tranquilos: “A espiritualidade dos personagens bíblicos é construída em lugares onde com frequência paravam para orar, descansar e experimentar um novo toque da presença de Deus. Jesus mesmo convidava seus discípulos para um lugar à parte, fora do tumulto das multidões, para repousar.”

Assim como Jesus, somos desafiados a enfrentar e servir a multidão, e não fugir dela! Afastar-se é um importante movimento para a vida e para o ministério, para poder se

“desintoxicar” de muitas coisas que são assimiladas, consciente ou inconscientemente, e que não deveriam estar em nós, bem como para renovar as forças. Precisa ser uma atitude intencional e periódica.

Pessoalmente, hoje, na minha maturidade, de forma mais consciente, intencional e prioritária, organizo o ano inserindo retiros (pequenos e grandes), levando a sério que é importante não só obedecer ao que Jesus disse, mas também reproduzir o seu estilo de vida, da melhor forma possível.

Infelizmente negligenciamos as práticas e a disciplina de Jesus, colhendo assim as consequências de uma vida sem limites, sem prioridades, sem Retiros.

É sempre melhor parar de forma intencional e organizada para desfrutar de um Retiro e sair renovado com a experiência do que precisar parar por causa de uma necessidade de saúde ou desgaste excessivo, fruto de um estilo de vida diferente daquele vivido por Jesus.

O próprio Filho de Deus mostrou que os Retiros são fundamentais para que o envolvimento com as pessoas e o trabalho possam acontecer de modo saudável e assertivo.

“Esses lugares tranquilos são necessários para alimentar nossa alma. Precisamos deles, não para fugir do mundo, mas para compreendê-lo; não para nos afastarmos do trabalho e da rotina, mas para respondermos com mais responsabilidade a eles. Precisamos de um lugar onde a voz de Deus possa ser ouvida, um lugar onde o coração possa repousar.” (Ricardo Barbosa)

As práticas nos moldam e nos tornam um tipo específico de pessoa. Os pequenos (e grandes) Retiros são fundamentais para mantermos a vitalidade e a sanidade (pessoal e ministerial); organizar nossa agenda inserindo esta prática vai nos moldando à semelhança de Cristo, nos tornando quem Deus nos fez para ser.

Conseguir uns minutos no dia, umas horas na semana, um período no mês, uns dias no ano, para a prática do Retiro é um grande desafio! E não somente pra nossa agenda, mas fundamentalmente pra nossa mentalidade ativista e pra nossa cultura do excesso de positividade e falta de limites, que acaba produzindo uma sociedade do burnout, do cansaço, que nos desfigura como imagem e semelhança de Deus.

O Retiro cria em nós uma perspectiva mais contemplativa da vida; nos centra em Deus, corrige nossa rota, renova nossa fé e nos dá clareza para os desafios e demandas do nosso cotidiano.

“Precisamos aprender a parar, a buscar os lugares onde nossa alma encontre força, nossa fé é estimulada, nossa visão ampliada, porque na maioria das vezes a única realidade que conta é aquela que se encontra escondida, aquela que só nos é revelada nos encontros que temos com Deus.” (Ricardo Barbosa)



REV. CASSO MENDONÇA VIEIRA

PASTOR DA 1ª IPI DE CAMPINAS, SP

POLISSEMIA DO DISCURSO E O MIX DE CONHECIMENTOS: COMO ESTÁ A PREGAÇÃO NA IGREJA?

O nosso deus decidiu se comunicar através das palavras. Ao vazio e tenebroso abismo Ele disse e houve! A primeira manifestação é através da Palavra que sai da sua boca. (disse... ou chamou)¹.

Isso é fantástico porque dentro do princípio *nihilista* em que Deus cria todas as coisas a partir do nada percebo que a ressonância da voz do Senhor alcança o improvável, o inatingível, na descrição de Agostinho: *Ele tira tudo do nada ou coloca tudo de si nele*². Aqui já vemos o poder que há na palavra comunicada pela boca do Senhor. Toda a revelação bíblica é mantida pela palavra comunicada e seu ápice está na pessoa de Jesus em forma humana.

Podemos concluir a importância da exposição da Palavra de Deus! Ela tem o poder de alcançar o ser-humano numa dimensão que está muito além da nossa compreensão, como o autor no belíssimo sermão aos hebreus em forma de carta escreve para a comunidade cristã em geral: *“A palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e as intenções do coração”* (Hb 4.12).

Deus não só extrai pelo poder do seu Espírito do coração humano o caos existencial, como coloca tudo de si nele, habitando, dando esperança e força para a caminhada. Temos como um relato concreto. O que os dois discípulos a caminho de Emaús disseram um ao outro após terem a revelação de que era o Cristo ressurreto que lhes falava: *“Disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava?”* (Lc 24.32).

Pensando no potencial que há na exposição da Palavra de Deus não é de se admirar que incorra sobre ela grandes ameaças. Indubitavelmente o grande desafio do pregador é comunicar essa tão poderosa Palavra o mais genuinamente bíblica possível. Comunicá-la com o propósito de evidenciar que a suprema revelação de toda Escritura é Cristo. Ele é a Palavra e a Palavra é Ele. O grande desafio sempre foi e continua sendo se pregar um sermão



essencialmente cristocêntrico.

Enquanto pregamos no poder e na dependência do Espírito Santo e com o foco para que Cristo seja visto e glorificado um grande milagre de via dupla acontece.

O primeiro é Deus usar pessoas imperfeitas e limitadas como nós para que a sua perfeita e infalível Palavra seja pregada. Ele nos faz seus porta-vozes.

O segundo é preparar os corações e os ouvidos para acolherem essa palavra e serem transformados por essa mensagem.

E é a distorção desse princípio que a pregação tem sofrido ao longo dos anos e especialmente em nossa geração.

A disseminação do conhecimento e busca por ele ao invés de libertar alguns os têm prendido em seu próprio saber e, infelizmente, muitos pregadores usam seu “mix” de conhecimento para proferir uma mensagem que propositivamente quer mais evidenciá-los. Sua cultura, sua capacidade argumentativa e agilidade de raciocínio se destacam mais do que o que está sendo dito.

Com isso o pregador tem se colocado muitas vezes maior do que a pregação, e claramente temos visto as mensagens se tornando cada vez menos bíblicas e tão pouco cristocêntricas.

Ao longo destes mais de 25 anos pregando a Palavra de Deus, tenho tido uma máxima: os nossos púlpitos carecem de palavras que transformam e não de palavras que impressionam.

AO LONGO DESTES MAIS DE 25 ANOS PREGANDO A PALAVRA DE DEUS, TENHO TIDO UMA MÁXIMA: OS NOSSOS PÚLPITOS CARECEM DE PALAVRAS QUE TRANSFORMAM E NÃO DE PALAVRAS QUE IMPRESSIONAM

Com isso, o púlpito pode ter uma conotação polissêmica: pode, sim, significar o local onde a exposição da palavra de Deus é genuinamente e reverentemente pregada ou uma tribuna, um palanque que promove o pregador, o seu saber, o seu carisma e a sua habilidade comunicativa.

O pregador precisa se esconder atrás da Palavra pregada. Ele precisa, sim, usar todo o seu conhecimento e suas habilidades para evidenciar Cristo e a mensagem redentora que transforma o coração humano.

Por essa razão, o primeiro grande desafio da pregação está totalmente direcionado à pessoa do pregador. Em uma época em que se vive em função da imagem nas redes sociais, na promoção do ser e de uma sociedade que alimenta e sustenta isso, precisamos sair do *fetichismo* pelos pregadores mais curtidos, mais visualizados, com suas agendas mais cheias, com as igrejas mais cheias e nos voltarmos ao princípio de que a pregação genuinamente bíblica é maior que o pregador.

Isso tem gerado um alto preço para a pregação. Foca-se muito mais em quem fala do que no que se fala! Com isso, as multidões afluem muito mais para as palavras de comoção do que de transformação.

William Perkins, um dos maiores líderes do movimento puritano, disse que “a pregação da Palavra é o testemunho de Deus e a profissão do conhecimento de Cristo, não da habilidade humana”. Ele acrescenta: “Porém isso não

significa que os púlpitos devam ser marcados por falta de conhecimento e instrução [...] o pregador deve fazer uso livre das artes em geral e da filosofia e recorrer a uma ampla variedade de leituras para preparar o seu sermão. Contudo essas coisas não devem ser exibidas como objeto de ostentação perante a igreja”³.

Meu coração pastoral arde numa solene convocação: precisamos de apologetas da pregação genuinamente bíblica. Somos uma sociedade plural, com valores plurais, mas isso não pode comprometer a singularidade das Escrituras Sagradas!

São tantas as interferências que o pensamento pós-moderno tem gerado nos púlpitos que não podemos de forma alguma nos manter alienados disso.

O teólogo Alister Mcgrath, em seu livro *Apologetica Pura e Simples*,⁴ diz que as pessoas estão sendo forçadas a se enquadrar a um molde único e previamente concebido. Ele chama essa estratégia de espírito cultural que tem como propósito controlar as pessoas com novos padrões universais.

O que vejo é que para isso as palavras ganham novas interpretações, valores absolutos são relativizados, tudo em busca de se enquadrar com o novo molde universal. E não há como não deixar de perceber que isso tem atingido as nossas igrejas e os seus púlpitos.

A tarefa do pregador é conduzir as pessoas a Cristo e à descoberta do Deus vivo.

O segundo desafio é que o pregador deve se contextualizar, mas não pode em hipótese alguma ferir a integridade das Sagradas Escrituras. Ele precisa ser o mais fiel à Palavra possível. Uma vasta compreensão dos desafios atuais de cada geração deve motivá-lo a preparar mensagens que sejam respostas bíblicas às perguntas que as pessoas estão fazendo hoje.

Sua mensagem precisa ser dialógica e direta, pois a Palavra de Deus tem um único

objetivo: atingir o coração humano no lugar mais profundo e promover mudanças profundas.

As pessoas se conectam melhor com aquilo que tem a ver com o seu dia a dia e os desafios do dia a dia. Karl Lachler em seu livro *Prega a Palavra*⁵ afirmou: “A Bíblia é a perfeita revelação daquilo que Deus pensa acerca de nós e de nossos caminhos”.

Por fim, numa época de ambiguidades, de palavras com duplo sentido, de relativização dos valores absolutos, de apelo ao ser humano para ser o centro de tudo e tudo convergir para sua satisfação, o pregador precisa levar seus ouvintes a se firmarem nos firmes alicerces das Sagradas Escrituras, usando os mesmos recursos usados pelos que distorcem a palavra de Deus.

Deus nos ajude para que pregadores genuinamente bíblicos e cristocêntricos sejam levantados!

1. BÍBLIA ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA COM NÚMEROS DE STRONG. EDITORA BRAZILIAN BIBLE SOCIETY
2. GILSON, ÉTIENNE. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE SANTO AGOSTINHO. TRAD. CRISTIANE NEGREIROS ABDUD AYOUB. 2. ED. SÃO PAULO: DISCURSO EDITORIAL; PAULUS, 2010.
3. PERKINS, ART@ OF PROPHECYING, CAPÍTULOS 1-2, P. 3-11 (CITADO POR KELLER, TIMOTHY. PREGAÇÃO COMUNICANDO A FÉ NA ERA DO Ceticismo – SÃO PAULO. VIDA NOVA, 2017)
4. MCGRATH, ALISTER. APOLOGETICA PURA E SIMPLES: COMO LEVAR OS QUE BUSCAM E OS QUE DUVIDAM A ENCONTRAR A FÉ. SÃO PAULO. VIDA NOVA, 2013
5. LACHLER KARL. PREGA A PALAVRA, PASSOS PARA A PREGAÇÃO EXPOSITIVA. SÃO PAULO. VIDA NOVA, 2009



REV. RICARDO BRUDER

PASTOR DA IPI DE FILADÉLFIA
(2ª IPI DE LONDRINA, PR)

QUEM TEM MEDO DA TEOLOGIA?

Medo de teologia. Isso existe sim. Porém, por que temer a teologia se ela é o estudo de Deus e de sua Palavra? Por que ter medo de teologia se todas as pessoas que creem em Deus fazem teologia – mesmo a mais simples, elementar e básica teologia, por exemplo, decidindo se um determinado tema pode ser objeto de oração, ou não? Por que ter medo da teologia se é a reflexão teológica que está na base dos hinos e cânticos que usamos nos cultos, se é ela que alimenta os sermões que ouvimos dominicalmente, ou as aulas da escola dominical, ou os devocionários que lemos cotidianamente?

Ninguém deveria temer a teologia, mas há pessoas – e muitas – que temem a teologia. Nos meus 46 anos de ministério pastoral e de educação teológica, encontrei muitas

que a consideram um risco para a fé?

Contarei uma pequena estória pessoal e, depois, quinze pequenas teses descrevendo quem tem medo da teologia.

O ano era 1982. O local: São Paulo, na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Era noite e, nos corredores do prédio da Faculdade, encontrei meu primeiro professor de Teologia Sistemática, a pessoa que mais me estimulou a fazer teologia e me tornar professor de Teologia.

Ele havia ficado fora do Brasil quase um ano, pois era missionário e voltara ao seu país para o período de captação de recursos, visitas às igrejas, descanso e preparação para outro período de trabalho transcultural.

Cumprimentamo-nos e, do nada, ele me perguntou: “Vocês da Fraternidade Teológica Latino-Americana vão fazer o quê? Vão mudar a doutrina da trindade?”



STIMATI/COMSTRETTA

pessoas assustadas com a teologia, algumas até apavoradas. Até mesmo estudantes de teologia começavam seus cursos com medo da teologia.

Por quê? Porque no seu presbitério, após os exames necessários para ser candidato oficial ao ministério, a advertência já era feita: “Vá estudar teologia, mas não perca a fé!”

Sim, até hoje há muitas lideranças pastorais e presbiterais que acreditam que o estudo da teologia pode fazer alguém perder a fé. E certamente há também membros de igrejas que partilham desse medo. O medo da teologia arruinar a inocente e verdadeira fé.

Que tipo de pessoas, então, têm tanto medo da teologia

Ele, ex-membro e um dos fundadores da FTL no Brasil! A única resposta possível naquele momento foi “não, é claro que não!”

Mais tarde, passado o assombro com o modo do encontro, pensei comigo mesmo: “Deus não tem problemas psicológicos, Ele não irá mudar, se mudarmos alguma coisa nas doutrinas! Não há jeito de Deus perder sua identidade, por mais que digamos que Ele é o que não é!” Algo mais ou menos assim.

Na linguagem bíblica: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre”. O que muda quando fazemos teologia não é Deus. Mudamos a nós mesmos, nossos pensamentos,

nossas ações, nossas relações, nossos valores, nossa forma de exercer o poder.

Aprendi, bem cedo, que teme a teologia quem tem uma fé centrada no *doutrinário*, no *vocabulário*, no *legal*. Fé, porém, é fé pessoal, relação pessoal com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Confiança, convicção, lealdade, submissão, imitação. Fé, se for fé verdadeira, fé-fidelidade, não se perde, não se negocia, não se barateia. Simplesmente se vivencia.

Da experiência para a reflexão, algumas décadas depois:

1. Teme a teologia quem (pensa que) detém o poder de dizer o que é certo, ortodoxo, verdadeiro;
2. Teme a teologia quem quer tomar o poder de dizer o que é certo, ortodoxo, verdadeiro;
3. Teme a teologia quem exerce (ou quer) exercer a dominação simbólica sobre o povo de Deus e, assim, subjugar a voz do povo à sua voz, a ação do povo à sua ação, a visão do povo à sua visão;
4. Teme a teologia, quem pensa que a sua teologia não é teologia, mas a verdade! Teme a teologia quem é incapaz de perceber e aceitar que há diferentes teologias verdadeiras e que é nessa diversidade que se torna possível encontrar a verdade sem fazer dela uma arma, um instrumento de inquisição;
5. Teme a teologia quem tem medo do poder das palavras. Novas palavras e novos vocabulários criam novos mundos, novas realidades, novas literaturas. Essas novidades assustam, pois revelam que cada pessoa tem o dom da palavra e o poder de dizer palavras. Novas palavras possibilitam novos sonhos. Novos sonhos possibilitam novas ações. Novas ações possibilitam novas relações – e assim o novo se faz, revolucionariamente sem revoluções, pois revoluções são sempre caminhos que levam de volta ao lugar de partida;
6. Teme a teologia quem tem medo das paixões, das dores e das alegrias. Quem tem medo de perder a alegria de enxergar a dor de quem está ‘no pecado’. Quem tem medo de encontrar a dor de quem se compadece com quem está no pecado e leva a palavra que liberta e transforma;
7. Teme a teologia quem tem complexo de Deus, o fundamentalista que não consegue enxergar a diferença entre sua visão e a visão de Deus, a pessoa que deseja impor a todas as demais pessoas a sua pequenina visão, o seu imenso medo, a sua infundável frustração...
8. Teme a teologia quem tem medo de que professoras e professores de teologia sejam iguais a ela mesma, fundamentalistas que serão capazes de impor sua ‘teologia’ à mente vazia e ignorante de estudantes;
9. Teme a teologia quem tem medo da diferença, pois vive inseguro em relação à sua própria identidade e, por isso, deseja impô-la sobre todas as demais identidades;
10. Teme a teologia quem tem medo da ação do Espírito Santo que dá discernimento, sabedoria, dons, identidades diversificadas a todas as pessoas e não só aos ‘eleitos e ordenados’;
11. Teme a teologia quem é incapaz de viver à altura da

tradição reformada *sempre se reformando*, que não sacraliza, nem eterniza ‘este’ momento, ‘esta’ doutrina, ‘esta’ confissão de fé;

12. Teme a teologia quem tem medo de ouvir a palavra libertadora de Jesus: “*Ouvistes o que foi dito aos antigos, eu, porém, vos digo...*”.
13. Teme a teologia quem tem uma fé frágil, baseada em ideias e normas, não baseada na presença inquietante de Deus – por isso, acusa a teologia de ‘fazer perder a fé’, mas a teologia só faz perder a fé (não-cristã) que não vale a pena ser mantida;
14. Teme a teologia quem é incapaz de dizer ‘errei’, quem é incapaz de ouvir uma crítica, quem é incapaz de aceitar que outras pessoas falem com a mesma autoridade, com o mesmo valor, com outro conhecimento, com outra competência;
15. Teme a teologia quem tem medo de uma educação teológica emancipatória, possibilitadora de novas capacidades, novas potencialidades, novas autoridades. Por isso, quem tem medo da teologia deseja controlar a educação teológica, subordiná-la à sua própria opinião a fim de que nenhuma outra opi-

QUEM AMA FAZ TEOLOGIA. QUEM AMA NÃO CONDENA QUEM FAZ TEOLOGIA. QUEM AMA NÃO CONDENA QUEM TEM MEDO DE TEOLOGIA. QUEM AMA SIMPLEMENTE AMA

não possa se tornar ortodoxa, mas apenas a sua *doxa* seja ortodoxa, e todas as demais não passem de meras heterodoxias, ou assustadoras heresias.

Não! Não escreverei 95 Teses. Estou satisfeito com estas 15 teses. Não pretendo reformar a igreja. Mas gostaria muito de ajudar colegas, irmãs e irmãos a deixar de ter medo da teologia.

Não conheço ninguém que personifique todas as 15 em sua própria pessoa e vida. Conheço algumas pessoas que conseguem reunir em si mesmas alguns destes temores. Conheço muitas pessoas que ainda têm medo da teologia e, por isso, querem deter o poder de dizer quem pode ou não pode fazer teologia.

Desejo encerrar com um pouco de teologia. “*No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor*” (1Jo 4.18). Esta é uma palavra para quem tem medo da teologia: deixe o amor de Deus tomar conta de sua vida, pois o verdadeiro amor expulsa o medo e derrota o temor.

Quem ama faz teologia. Quem ama não condena quem faz teologia. Quem ama não condena quem tem medo de teologia. Quem ama simplesmente ama. Quem ama apresenta Jesus, manifesta a presença do Espírito, glorifica Deus-Pai. Quem ama!

Quem tem medo de teologia? Quem ainda não conheceu o amor de Deus e ainda não vive o amor fruto do Espírito Santo. Não tenha medo. Ame como Jesus amou!



REV. JÚLIO PAULO TAVARES MANTOVANI ZABATIELLO

PROFESSOR DA FATIPI

O CUIDADO DA CRIAÇÃO: PERSPECTIVAS BÍBLICAS

Iniciamos este série de reflexões com duas perguntas:

- Como pessoas de fé, de que modo entendemos o nosso papel no cuidado da criação?
- Como entendemos e praticamos o nosso papel diante da situação e prognóstico da saúde do nosso planeta?

A primeira pergunta é mais bíblica e teológica. A segunda é científica com repercussões políticas. Esta segunda pergunta tem a potência de destacar e agravar a primeira, mas a primeira não depende da segunda. Ou seja, independentemente da situação atual do nosso planeta, o nosso papel bíblico permanece.

Faremos esta série de reflexões em três partes:

1. Como entendemos o nosso papel do ponto de vista bíblico;
2. Qual é a situação real do ponto de vista da ciência;
3. Qual deverá ser a nossa prática.

O NOSSO PAPEL BÍBLICO NO CUIDADO DA CRIAÇÃO

Em seu comentário sobre Gênesis (1554), Calvino expôs os primórdios de uma ética de mordomia:

A guarda do jardim foi confiada a Adão, para mostrar que possuímos as coisas [materiais] que Deus confiou em nossas mãos, com a condição de que, contentando-nos com o uso frugal e moderado delas, cuidemos do que permanecerá... Que cada um se considere o mordomo de Deus em todas as coisas que possui.

No seu livro “To Be Near Unto God” (“Estar perto para com Deus”), Abraham Kuyper assim elaborou os pensamentos fundamentais de Calvino:

Desde a antiguidade a igreja tem apontado para a natureza e para a Bíblia

como as fontes de conhecimento de Deus... A confissão Reformada declara verdadeira e belamente que toda a criação é como um livro vivo, cujas letras são as criaturas... O próprio Deus está por trás da natureza... Em tudo o que vive na natureza, farfalha, pulsa e se agita, sentimos a pulsação do próprio Deus vida... Na natureza também tudo existe pela causa da religião, para nos revelar nela a presença gloriosa de Deus, para nos trazer a sensação crescente de que na natureza, em todos os lugares, o Deus vivo e todo-poderoso está conosco

em todos os lados, e para nos encher com a sublime impressão de seu Poder, Divindade e Majestade.

Ou seja, o compromisso com o cuidado da criação está firmemente na nossa rica herança e missão reformadas, muito antes da moda contemporânea sobre o aquecimento global.

Será que os reformadores e a nossa tradição reformada tinham razão? Ou seja, têm boas bases bíblicas?

Sem dúvida, eles achavam que sim. E têm mesmo.

Quando pensamos em “bases” bíblicas, há pelo menos duas maneiras de proceder.

A maneira seria simplesmente

citar passagens bíblicas que sustentam estas afirmações dos reformadores *sem nenhuma tentativa* de vincular estas passagens em algum fio condutor. E esta maneira de proceder certamente tem algum valor.

Mas há uma outra maneira, mais abrangente. Se a Bíblia tem Deus como autor único, poderemos esperar uma ou mais mensagens centrais por trás destas múltiplas mensagens, um fio da meada ou alguns fios principais.

Como detectar este fio, minimizando o máximo possível os nossos pré-conceitos? A resposta está na compreensão da Bíblia como não apenas múltiplas composições por múltiplos autores, mas também como *uma* composição por Deus.



Temos de reparar primeiro o final desta longa redação (Apocalipse) e também o início (Gênesis), para depois refletir se esta temática que conclui e introduz as Escrituras permanece ao longo desta mega narração de Deus.

É assim que as boas histórias ou narrações funcionam. Pense nas séries e filmes que já assistiu ou romances que já leu. Todo se desembocam no final. É o fim que finaliza uma boa história. É na conclusão que as diversas dimensões de uma história concluem.¹

Quando se começa a estudar o tema da criação na Bíblia, começa-se a perceber que ele perpassa todas as Escrituras, e não apenas uma ou outra passagem aqui e ali.

Infelizmente, não é possível de-

envolver bem esta perspectiva em um único artigo.² Por isso, ofereço um esboço bem reduzido:

- 1) Há uma simetria entre o início (Gn 1-3) e o final (Ap 20-22) deste Livro de Deus, a Bíblia. Começa com a criação dos céus e da terra, e logo parte para a entrada do pecado (a partir de Gn 3). E conclui com novos céus e nova terra (Ap 21-22) precedidos nos capítulos anteriores de Apocalipse 21 pelo julgamento do pecado (concluindo mesmo em Ap 20). Ou seja, a mega história de Deus é acerca do estabelecimento e, depois, resgate da sua criação.
- 2) A humanidade é central ao cumprimento dos propósitos de Deus para a criação. Sua própria humanidade (deri-

vada de Deus (Gn 1.26-28) se define literalmente em termos da sua ordenação (Gn 1.26-28) cuidadosa (Gn 2.15,19) da criação. Cuidar da criação foi o primeiro mandato dado por Deus à humanidade e até define a humanidade do ser humano. (Gn 1.26-28; 2.15, 19).³

- 3) A nossa reconciliação com Deus, a criação de uma nova humanidade (um novo Adão em Cristo), implica em um resgate do pecado. E o pecado decorreu de uma dupla desobediência a Deus: a) de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.17; 3.3) e antes disso, b) de dominar toda a criatura, inclusive “todos os animais que rastejam pela terra” como a serpente (Gn 1.26). Ou seja, a desobediência a Deus fundamentalmente era uma abnegação da ordem que define a nossa humanidade, a ordem de cuidar da criação. Por isso os dois temas da criação e da salvação andam juntos nas Escrituras (Jó 38-42; Sl 72; Is 44-45; Mc 16.15; Mt 28.18-20; e Ap).
- 4) A “nova humanidade”⁴ redimida em Cristo Jesus, que é o “Último Adão” (1Co 15.20-28) nos restaura e nos capacita para cumprir esta tarefa criacional original (Ef 1.10, 22-23; Cl 1.20-23; Rm 8.18-25).
- 5) E, assim, como uma nossa humanidade redimida em Cristo andamos e contribuimos para o dia final de novo céu e nova terra (Ap 21—22).

Há muito mais que se pode falar sobre isso. Por exemplo:

1. A primeira aliança de Deus na Bíblia, uma aliança por sinal eterna, que foi estabelecida novamente com a humanidade (Noé e sua família) e toda a criação (Gn 9);
2. A incumbência dada para

- os patriarcas de furar poços;
3. A regulamentação do cuidado da criação dentro da Lei Mosaica;
4. O louvor a Deus pela criação, a maior missionária de Deus repetidas vezes nos Salmos;
5. A promessa de julgamento e de salvação ao longo dos profetas frequentemente em conjunto com a criação;
6. A escolha constante por Jesus de figuras da criação no seu ensino e alvo ministerial do Cristo ressurreto e glorificado de reconciliar todas as coisas no céu e na terra;
7. O clímax da exposição por Paulo da teologia da salvação e da graça em Romanos 1-8 com a libertação/redenção desta criação em Rm 8.18-25;
8. E o livro inteiro de Apocalipse que conta do Louvor a Deus e ao Cordeiro de todas as criaturas e do trajeto destas em direção ao novo céu e nova terra.

CONCLUSÃO

Uma leitura bem cuidadosa destas passagens sugere fortemente a conclusão de que a missão última da nova humanidade, a igreja, continua sendo a ordenação cuidadosa da obra prima de Deus, a criação.

A missão da salvação da humanidade e, para isto, o estabelecimento da igreja por todo o mundo se encontra como o meio para alcançar este fim maior, uma ideia que revoluciona a ideia da missão da igreja sem diminuí-la, mas que a aumenta mais ainda e dá mais sentido para a importância da evangelização no sentido mais amplo e do trabalho dia a dia da igreja.

Tanto pastoral quanto a missão devem ser definidas pelo seu alvo final: novos céus e nova terra, e não meramente pelos seus objetivos mais imediatos.

Este é o nosso papel. E qual é a situação atual? Veremos isso com mais detalhes na próxima edição de *O Estandarte*. >REV. CHARLES TIMOTHY CARRIKER, MINISTRO JUBILADO DA IPI DO BRASIL

1 O QUE PODE COMPLICAR ESTA IDEIA DE UMA SEQUÊNCIA DE LIVROS DA BÍBLIA É O CÂNON, PRINCIPALMENTE 1) A ORDEM DOS LIVROS NO CÂNON JUDAICO (QUE JESUS E A IGREJA PRIMITIVA SEGUIA) QUE SE DIFERE DA ORDEM NOS DIVERSOS CÂNONES CRISTÃOS E 2) A INCLUSÃO OU DE CERTOS LIVROS ESPECIALMENTE DO ANTIGO TESTAMENTO QUE DIFERE ENTRE OS CÂNONES CATÓLICOS E O PROTESTANTE. ENTRETANTO, EM TODOS OS CASOS DE CÂNONES, A BÍBLIA COMEÇA COM A TORÁ E TERMINA COM O LIVRO DO APOCALIPSE, SALVO A TRADIÇÃO SIRÍACA (A VERSÃO PESHITTA), QUE NÃO INCLUI APOCALIPSE.

2 PARA UMA ELABORAÇÃO MAIOR, POR SE REFERIR AO MEU E-BOOK GRATUITO, TEOLOGIA BÍBLICA DE CRIAÇÃO, PASSADO, PRESENTE E FUTURO. SÉRIE: UM LIVRO, UMA CAUSA. VIÇOSA: ULTIMATO, 2014. NO HTTPS://WWW.ULTIMATO.COM.BR/LOJA/PRODUTOS/TEOLOGIA-BIBLICA-DA-CRIACAO-EBOOK OU O LIVRO DE JUAN STAM. AS BOAS NOVAS DA CRIAÇÃO. RIO DE JANEIRO: NOVOS DIÁLOGOS, 2012.

3 VER OS MEUS “A PRIMEIRA GRANDE COMISSÃO.” MARTUREO, 24 DE OUTUBRO, 2022. HTTPS://WWW.MARTUREO.COM.BR/A-PRIMEIRA-GRANDE-COMISSAO/ E “NOSSO CHAMADO NA MISSÃO DE DEUS”, PUBLICADO EM: A BÍBLIA MISSIONÁRIA DE ESTUDO. BARUERI: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2017, PÁGS. XXIII-XXIV.

4 POR TRÁS DA EXPRESSÃO “NOVO HOMEM” OU MELHOR, “NOVA HUMANIDADE” PARA O EX-FARISEU PAULO CERTAMENTE ESTÁ A IDEIA DO “NOVO ADÃO”, UM RETORNO E RESTAURAÇÃO À INCUMBÊNCIA INICIAL, ISTO É, O MANDATO CRIACIONAL.



O COMEÇO APONTA PARA O FIM!

Cresci numa casa onde os princípios da Bíblia eram levados muito a sério. Por anos, minha família abria e fechava a igreja. Quatro décadas de estudos bíblicos, milhares de pregações ouvidas, Faculdade de Teologia não deixaram claro o suficiente a importância do começo.

Entender o começo, contextualizado com o presente, tem me feito concluir que vale a pena ter um bom panorama “do fim”.

Do início ao fim, estamos diante de uma grande história de amor. O relato bíblico nos ajuda a compreender quem é o amor, o que Ele faz e como alcança toda a sua criação (Jo 3.16).

Gênesis nos mostra um princípio de muita arrumação: Deus organizando sua casa. Em certo momento, entramos na história. Diferentemente dos outros seres, somos moldados à imagem e semelhança do Criador que, em seguida, nos dá uma clara missão: continuar organizando, nomeando, mantendo em ordem o imenso

tadas como lixo - um termo completamente desconhecido pela natureza.

Por falar nela, este é outro termo corrompido. Esquecemos nossas raízes, a ponto de reduzirmos a natureza a tudo que *não* foi construído pelo ser humano. Como se não fizessemos parte dela. De fato, a casa parece estar cada vez mais desorientada. Segundo a pequena grande ativista Greta Thunberg, ela está “pegando fogo!”

A ciência confirma tamanha bagunça. Centenas de milhares de pesquisas nos apresentam dados e prazos - provando o tanto que falhamos na missão.

Neste momento, mais de um milhão de espécies enfrentam risco de extinção, a não ser que ações sejam tomadas para reduzir a intensidade de *impulsionadores de perda à biodiversidade* (palavras da ONU).

Chegamos a um ponto onde não há espaço para nos desresponsabilizarmos. Não é possível continuar impulsionando esse massacre. O jardim somos nós e ele precisa ser

A TECNOLOGIA AVANÇA NO MESMO RITMO QUE DESCARTAMOS A CRIAÇÃO, TRANSFORMADA EM RECURSO. AS FOLHAS QUE CAEM DAS ÁRVORES SÃO COLOCADAS EM SACOS PLÁSTICOS, TRATADAS COMO LIXO - UM TERMO COMPLETAMENTE DESCONHECIDO PELA NATUREZA.

jardim que nos abriga (G 2).

Aqui há um problema de interpretação. A palavra *dominar* é bastante usada quando nos referimos ao começo (Gn 1.28). A dificuldade em compreender seu real significado (associada a um outro problema: o pecado) tem levado a raça humana ao descumprimento da sua missão.

Pense na sua casa. Como você “domina” sua casa no dia-a-dia? Sua família sai quebrando as coisas, rasgando as roupas, colocando as paredes abaixo?

O Deus que é amor não ordenou que desmatássemos a Amazônia, que vivêssemos um estilo de vida tão *agressivo* a ponto de extinguir outros seres da face da terra, levando todos ao esgotamento.

A tecnologia avança no mesmo ritmo que descartamos a criação, transformada em recurso. As folhas que caem das árvores são colocadas em sacos plásticos, tra-

regenerado.

Nossa espécie também corre grande risco. Nas últimas semanas, mais uma ferida foi aberta no coração dos brasileiros. Muitas vidas se perdem enquanto o rápido avanço das mudanças climáticas não é levado a sério pelos seus maiores responsáveis: nós!

Entendi isso há pouco mais de 7 anos. Como filha do amor, não consegui mais viver do mesmo jeito. Em 2021, vi meu trabalho sendo validado, quando a revista science-direct.com publicou que “72% das emissões de gases de efeito estufa estão ligadas às escolhas das casas”!

Sim, quando unimos o que acontece em cada casa espalhada pelo planeta, nos deparamos com uma força e um poder de escolha inimagináveis. Só que ninguém fala muito sobre isso. Como uma formiguinha, tenho insistido nesta pauta.

>REV. NICOLE FARIAS BERNDT É PASTORA DA IPI DO BRASIL

3 DICAS PARA CUIDAR DA NATUREZA

A sua casa é peça chave na restauração do mundo! Como? Vou deixar aqui 3 dicas para que você e a sua casa comecem a fazer a sua parte da sua primeira missão. Não posso pegar leve.

Preciso ir direto ao ponto, naquilo que realmente pode fazer a diferença. Afinal, trata-se de uma emergência:

COMPOSTAGEM

Comida não faz parte do ciclo do lixo. Mesmo aquela que você não quer mais. Comida é vida. Veio da terra e para a terra deve voltar, transformando-se em adubo!

Você precisa encontrar um método de compostagem para chamar de seu. São muitos. Pesquise. Hoje em dia é possível inclusive terceirizar - contratar uma empresa que coleta os resíduos orgânicos na porta de casa!

Por que comportar? Em geral, 50% dos resíduos de uma casa são orgânicos. Se você começar a dar o destino certo para eles, resolverá metade do problema, além de desviar do aterro, onde o que é pura vida transforma-se em gases de efeito estufa. Não, em 2024 você não quer mais isso. A meta é reduzir drasticamente tais emissões.



USE TUDO O QUE VOCÊ TEM

Antes de comprar qualquer coisa nova, pergunte-se uma, duas, três vezes se é realmente necessário. Nesta dica incluo: conserte, costure,

reutilize muitas vezes e, quando precisar mesmo comprar, procure primeiro na versão “usado” (sebos, brechós, sites especializados)



REDUZA O CONSUMO DE PLÁSTICO

O plástico se tornou uma praga. Está no ar, na comida, na placenta das mulheres, no coração humano, na corrente sanguínea... Rochas de plástico foram descobertas na costa brasileira. Desconhecemos as verdadeiras consequências disso, mas temos claros indícios de que coisa boa não é. Sem contar o problema das emissões ligadas a este polímero do qual nos tornamos dependentes!

Como não temos criação para desperdiçar: recuse descartáveis. descasque mais, desembale menos, recuse brindes, sacolinhas, copinhos... Comece de algum lugar. Um não de cada vez.

É claro que dependemos que escolhas pela Vida aconteçam em todas as esferas da sociedade a fim de reduzirmos os desastres num médio, longo prazo. Há muito trabalho a ser feito.

Convido você a encarar a realidade do começo, trazendo-a para o seu hoje como um presente. Afinal, como diz meu amigo teólogo Timóteo Carriker, cuidar da criação não é apenas um dos papéis da humanidade, é o seu “fim”, a nossa missão!



RACISTA? QUEM?



“E Saulo consentia na sua morte...” (At 1.8)

O mundo todo se abalou diante da cena em que um policial branco sufoca e mata um senhor negro pisando com a bota a sua garganta. A partir daí, muitos dias de protesto, dando a impressão de que todos os manifestantes e praticamente todo o resto das pessoas nunca teve qualquer participação em algum ato de racismo.

É lógico que a cena foi chocante e eu duvido que alguém, em algum lugar do mundo, teria coragem de admitir que concordou com o que viu.

No entanto, o racismo não se demonstra apenas desta forma violenta, que é abominada por todos, mas por milhares formas sutis que nem sempre são visíveis e sensíveis, a não ser por quem o sofre.

Vivemos tranquilos, pois, afinal de contas, não cometemos “grandes pecados”.

Ocorre que o maior pecado é a omissão, é o consentir.

O escritor do livro de Atos fez questão de deixar claramente registrado que Saulo não jogou nenhuma pedra em Estêvão, mas foi tão criminoso como os outros porque consentiu.

Quase todos nós podemos garantir não termos infringido o mandamento “não matarás” (Ex 20.13). No entanto, “Aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz comete pecado” (Tg 4.17).

Isso nos remete a uma triste realidade: a de que não matamos apenas atirando, esfaqueando, atropelando, pisoteando o pescoço de alguém, etc., mas podemos matar com uma palavra, pois “A morte e a vida estão no poder da língua...” (Pv 18.21). “Flecha mortífera é a língua deles...” (Jr 9.8).

Mas também podemos matar com a indiferença, consentindo que as injustiças aconteçam.

“E Saulo consentia na sua morte...”.

Existe um grande medo de que o mundo venha a morrer por uma grande bomba; outros acham que isto acontecerá pela ecologia. Mas morreremos pela apatia, pelo conformismo.

Então fica a pergunta: Adianta fazer passeatas, exhibir cartazes com gritos de protesto se, no dia a dia, de forma velada e sutil, pisamos no pescoço de quem está próximo de nós?



REV. GERSON MORAES DE ARAÚJO

MINISTRO JUBILADO DA IPIB E
CAPELÃO DO HOSPITAL
EVANGÉLICO DE LONDRINA, PR

O CUIDADO COM A CRIAÇÃO DE DEUS

Mandato Cultural é uma expressão que se encontra nas Ciências Sociais, especialmente na Sociologia e Antropologia e, também, na Teologia, que entende a criação como tendo sido feita por Deus e por ter Ele convidado o ser humano para ser parceiro na sua administração. Deus criou um lindo jardim e nos convidou para sermos seus jardineiros.

Portanto, “o Mandato Cultural na Teologia Cristã é a primeira ordem dada por Deus à raça humana, logo após o ato da criação. Ainda no Éden e bem antes da queda, o ser humano, homem e mulher, criados por Deus, foram envolvidos pelo Criador em algumas tarefas e funções, especialmente a de estabelecer regras para sua sobrevivência nos relacionamentos com Deus, consigo mesmos, com outras pessoas, com as demais criaturas e com toda a natureza” (DAMIÃO, 2015, p. 24).

Tive a oportunidade de trabalhar esse assunto na dissertação de mestrado, fazendo a ligação entre o Mandato Cultural e o Missional, entendendo que essa temática faz parte da pregação do conteúdo do evangelho, no dizer de Paulo: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo e nos deu o ministério da reconciliação” (2Co 5.18-20), de onde brotou o livro: “A Ecologia e o Ministério da Reconciliação”, editado pela Pendão Real.

O pastor e teólogo anglicano J. Stott assim definiu o Mandato Cultural: “Deus deu ao ser humano domínio sobre a terra. Esse domínio é corporativo e é delegado, portanto, responsável” (STOTT, 1991, p.131).

Os verbos usados na narrativa da criação, em Gênesis, são: “Deus viu que tudo era muito bom”.

Ele não precisava avaliar sua criação, mas o fez como exemplo para nós, para que nós também façamos todo o bem da melhor maneira.

“Deus os abençoou”. Após criar o primeiro casal, homem e mulher, Ele os abençoa, não apenas para receber a bênção, mas, também, para serem bênçãos.

Deus ordena que: *dessem frutos e se multiplicassem*, assim como cada árvore plantada tinha seus frutos e como os animais se multiplicavam; *dominassem sobre tudo*, as ciências, nas mais diferentes áreas, são manifestações desse domínio; *cuidassem*, que pode ser entendido como manter o equilíbrio e a história nos mostra que, se o ser humano tem um domínio fascinante sobre tudo, não tem o mesmo cuidado, gerando poluições, degradações e depredações.

É interessante notar que, ao longo da narrativa da criação, durante os cinco primeiros dias, tudo foi criado pela palavra de Deus. Por exemplo: “*Haja luz e houve luz*”, mas, na criação do ser humano, foi a única vez que Ele usou matéria prima pré-existente, a terra, gerando uma interdependência entre ambos – a terra só é produtiva porque o

ser humano nela trabalha e este só sobrevive porque a terra lhe dá tudo o que se faz necessário.

O pastor e teólogo latino-americano J. Stam, em seu livro: “O Evangelho da Nova Criação”, desloca a perspectiva missionária da igreja, geralmente baseada em Gênesis 12, no diálogo de Deus com Abraão, para os primeiros capítulos de Gênesis, por entender que a missão começa ali e não foi anulada com a entrada do pecado, assim como a igreja, formada por pecadores lavados pelo sangue do Cordeiro, mesmo imperfeita, recebeu a missão de pregar o evangelho.

Basta comparar os primeiros capítulos de Gênesis com os últimos de Apocalipse, para se encontrar correlações interessantes, tais como: a Bíblia começa com a criação da terra e termina falando em nova terra e não, outra terra, lembrando, ainda, o que Paulo escreveu: “*Estou absolutamente convencido de que os nossos sofrimentos do presente não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A própria natureza criada aguarda, com vivo anseio, que os filhos de Deus sejam revelados. Porquanto a criação foi submetida à inutilidade, não por sua livre escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria natureza criada será libertada do cativeiro da degeneração em que se encontra,*

O MÍNIMO QUE SE PODE ESPERAR É QUE, NAS RESIDÊNCIAS DOS CRENTES, HAJA SEPARAÇÃO DO LIXO ORGÂNICO DO QUE É RECICLÁVEL, POIS, ALÉM DAS COOPERATIVAS QUE TRABALHAM COM ESSE MATERIAL, TEMOS, AINDA E INFELIZMENTE, EM NOSSO PAÍS, PESSOAS QUE VIVEM NOS LIXÕES, SEPARANDO O QUE PODE SER VENDIDO, PARA TEREM ALGUM RECURSO PARA VIVER

recebendo a gloriosa liberdade outorgada aos filhos de Deus. Sabemos que até hoje toda a criação geme e padece, como em dores de parto. E não somente ela, mas igualmente nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nosso íntimo, esperando com ansiosa expectativa, por nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.18-23).

É lindo e profundo ver a relação que Paulo faz da salvação do ser humano com a criação. Ambos foram atingidos pelo pecado, mas também já o foram pela vida e obra de Cristo.

O destacado teólogo alemão J. Moltmann, do final do sé-



culo XX, pai da Teologia da Esperança, em seu livro: “Deus na criação – Doutrina Ecológica da Criação”, nos oferece algumas pistas teológicas, para entendermos e assimilarmos a ecologia como parte integrante da missão: “Se não mais compreendemos Deus de forma monoteísta como sujeito único e absoluto, mas de uma forma trinitária com a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, então não mais podemos entender a sua relação com o mundo por Ele criado como sendo uma relação unilateral de domínio, mas temos de entendê-la como uma relação variada e multiforme de comunhão. Esta é a ideia básica de um teologia não-hierárquica, descentralizada e cooperativista. Uma doutrina da criação em perspectiva ecológica deve esforçar-se em abandonar o pensamento analítico com suas divisões sujeito-objeto e buscar aprender um modo de pensar novo, comunicativo e integrativo. Estar vivo significa existir em relacionamento com outras pessoas. Viver é comunicação em comunhão” (MOLTMANN, 1993, p. 18-20).

Sabemos que esse cuidado precisa partir dos governantes mundiais e eles têm se reunido tentando encontrar soluções para a grave crise do meio ambiente.

O Brasil será a sede da COP 30, a 30ª Conferência das Partes da Convenção - Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, em Belém, de 10 a 21 de novembro de 2025.

Também, a Sociedade Civil Organizada, nas suas mais diferentes frentes, deve se manifestar.

Entretanto, não podemos ficar esperando pelas decisões dos governantes, de Organizações Não Governamentais (ONGs) e de outros organismos, mas nós, enquanto igreja,

podemos e devemos ter ações mínimas coletivas, tais como estabelecer em nossas propriedades o uso reciclável do lixo e disponibilizar recipientes próprios para os membros trazerem lixo e outros objetos que não usam mais, ficando a igreja responsável pelas suas destinações.

Particularmente, conheço algumas igrejas que agem assim e são referências no cuidado com a natureza.

Porém, em nenhum momento devemos nos esquecer da nossa responsabilidade pessoal, enquanto criaturas e, muito mais, como filhos de Deus, pela adoção em Jesus Cristo.

O mínimo que se pode esperar é que, nas residências dos crentes, haja separação do lixo orgânico do que é reciclável, pois, além das cooperativas que trabalham com esse material, temos, ainda e infelizmente, em nosso país, pessoas que vivem nos lixões, separando o que pode ser vendido, para terem algum recurso para viver.

Assim, cumpramos o desafio bíblico: “*Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus. Portanto, livrem-se de toda impureza moral e da maldade que prevalece, e aceitem humildemente a palavra implantada em vocês, a qual é poderosa para salvá-los. Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu, mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer*” (Tg 1.18-25).



**REV. PAULO DE MELO
CINTRA DAMIÃO**

MINISTRO JUBILADO DA IPI DO BRASIL, PROFESSOR NO CURSO DE TEOLOGIA DA UNICESUMAR E AUTOR DO LIVRO: “A ECOLOGIA E O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO” (2015 – P. REAL)

“AS IGREJAS EVANGÉLICAS SÃO FUNDAMENTAIS NO SOCORRO NO RIO GRANDE DO SUL”

As tragédias no Rio Grande do Sul impactaram o Brasil e mobilizaram doações dos quatro cantos do país. Neste cenário, as igrejas evangélicas surgem como grandes mobilizadoras de recursos e voluntários no socorro *in loco* a famílias e comunidades. Conversamos com o teólogo e missionário Cassiano Luz sobre o trabalho da Aliança Evangélica Brasileira no sul do Brasil.

Cassiano tem 51 anos, é o diretor executivo da SEPAL e da Aliança, e líder do trabalho de socorro nesta tragédia. Ele, que viveu por uma década entre os yanomami no extremo norte da Amazônia Brasileira, foi presidente da AMTB e diretor de operações da Visão Mundial, enxerga com alegria a participação das igrejas, mas também com preocupação a realidade ambiental do planeta.

Desde o início da tragédia no Rio Grande do Sul, a Aliança Evangélica tem mobilizado voluntários para socorrer as vítimas e ajudar a reconstruir as cidades. O que move a Aliança a assumir esta responsabilidade?

O que move a Aliança a desenvolver o programa “Aliança pela Vida” de respostas em desastres e emergências é a visão de que o melhor (ou talvez o único) caminho para desenvolvimento da nossa unidade em Cristo Jesus é o serviço. Servir juntos. A convicção de que a unidade se desenvolve na missão.

A Aliança Evangélica Brasileira existe para desenvolver a unidade do corpo de Cristo. Em João, capítulo 17, Jesus nos ensina que a unidade é a forma mais eficaz de mostrar o evangelho ao mundo. Temos voluntários vindos dos mais variados contextos denominacionais e eclesiais e, em campo, também servimos por meio de diversas igrejas e comunidade de fé que estão nas regiões atingidas.

A Aliança é resultado da unidade de muitas igrejas. Como você vê a participação das igrejas evangélicas brasileiras (não somente as que fazem parte da Aliança) diante desta tragédia? O que mais poderia ser feito?

O fenômeno do crescimento evangélicos no Brasil é complexo, e muitos de nós somos críticos acerca de diversos aspectos que o envolvem. Não se trata apenas de um fenômeno religioso, mas também sociológico.

É inegável a contribuição social das igrejas, sobretudo nas regiões mais vulneráveis do país. As comunidades de fé são locais de refúgio, resgate e dignificação do ser humano.

Um dado da ONU dá conta de que entre 50% e 70% dos primeiros socorros em catástrofes são feitos pela comunidade local. Também sabemos que a igreja é a instituição mais presente, com paridade em todo o Brasil.

Assim, entendemos que a melhor estratégia para respostas rápidas e eficazes em tragédias é capacitar e equipar as igrejas para agirem bem nesses momentos específicos.

Temos visto as igrejas se dispostas a cumprir esse papel, se mobilizando e empreendendo esforços para socorrer - inclusive, aquelas que estão fora das áreas atingidas, não apenas as mais abastadas, mas também as menores.

Não tenho dúvidas de que a igreja evangélica tem sido um dos principais agentes de apoio efetivo nessas tragédias.

Por favor, compartilhe alguns números da mobilização da Aliança nesta tragédia.

No primeiro mês (maio) de resposta emergencial, atua-



mos em três bases operacionais, com mais de 500 voluntários em campo trabalhando em mais de 30 municípios. Recebemos e distribuimos mais de 30 carretas de doações, mais de 80 toneladas de alimentos e diversos outros itens, mais de 2.000 acolhimentos e atendimentos médicos, mais de 200 casas limpas e/ou com ligações elétricas refeitas, atendimentos em 8 abrigos com programação para crianças e adolescentes, entre outros.

Liderando tantos voluntários durante tanto tempo, o que você tem aprendido, como pessoa e como cristão, ao servir aos mais necessitados?

Já há alguns anos, eu aprendi que o que nos dá sentido à vida é a nossa vocação. Depois disso, não me surpreende mais perceber como as pessoas se descobrem (ou se redescobrem), na medida em que se veem úteis nas mãos de Deus em lugares ou situações em que seus talentos são relevantes para impactar vidas, sobretudo em contextos mais vulneráveis.

Por mais sucesso financeiro ou profissional que tenham, o impacto de fazer diferença na vida de alguém, em seu momento de maior vulnerabilidade, parece “ativar uma região adormecida na alma” de quem serve, de modo que essa pessoa nunca mais será a mesma.

A experiência do voluntariado é única. Todo o cristão deveria experimentar, porque para nós não se trata apenas de “fazer o bem”, mas de fazê-lo na perspectiva de que somos instrumentos ou, como costumam dizer, operadores na missão de Deus.

Como dizia David Bosch, nós não temos uma missão, a missão de Deus é que nos tem.

Pensando em um tema mais macro, como você analisa a questão ambiental atual frente à mensagem do evangelho e a responsabilidade da igreja?

Nós oramos e esperamos que esse tipo de tragédia nunca mais aconteça, mas infelizmente as evidências mostram o contrário. Os dados científicos apontam para uma expectativa quase certa de que os eventos climáticos extremos irão aumentar, tanto em frequência quanto em intensidade.

As evidências também indicam, majoritariamente, que isso é fruto da ação humana sobre o clima do planeta.

Se nós, seres humanos, fomos incumbidos de zelar pela criação, como nos diz o Criador, certamente, como igreja, não podemos nos furtar a esse cuidado com o meio ambiente e devemos buscar informações e caminhos pelos quais podemos unir esforços por ações não apenas paliativas ou pós catástrofes, mas principalmente ações preventivas e profiláticas.

Como as igrejas e a sociedade podem continuar ajudando as vítimas das tragédias no Rio Grande do Sul? Quais as próximas etapas do trabalho de vocês?

Não tenho dúvida de que a igreja é a instituição mais presente em todo o território nacional. Não existe uma instituição no Brasil com maior capilaridade do que a igreja.

Pensando no médio e longo prazo, precisamos nos organizar como Corpo de Cristo para tornar as igrejas ambientes de capacitação e prevenção, assim como os primeiros agentes de socorro em situações de tragédias. As comunidades de fé podem prestar um tremendo serviço à sociedade nesse sentido!

O Programa Aliança pela Vida já tem pronta e validada uma capacitação a ser ministrada para igrejas e comunidades de fé que estão em regiões de risco de modo que cumpram esse papel.

**SAIBA MAIS SOBRE O ALIANÇA PELA VIDA:
ALIANCAEVANGELICA.TRANSFORME.TECH/
DOEAGORA/863**



FOTOS: @OTERMINATOS // @PAULOURMACHADO // @TSAGOMESS // @MINDODOFO



O QUE MOVE A ALIANÇA A DESENVOLVER O PROGRAMA “ALIANÇA PELA VIDA” DE RESPOSTAS EM DESASTRES E EMERGÊNCIAS É A VISÃO DE QUE O MELHOR (OU TALVEZ O ÚNICO) CAMINHO PARA DESENVOLVIMENTO DA NOSSA UNIDADE EM CRISTO JESUS É O SERVIÇO. SERVIR JUNTOS

MUDANÇA CLIMÁTICA: A NATUREZA GEMENDO!

O que é que está acontecendo com o nosso clima? Equivocadamente estão chamando de “Aquecimento Global” este misterioso comportamento do clima nestes últimos anos. Tentar explicar as ocorrências dessas adversidades climáticas no verão como um fenômeno de “aquecimento global”, fica difícil também explicar a ocorrência dessas adversidades no período de inverno, fenômenos igualmente severos com suas nevascas. Está ocorrendo calor extremo e severas tempestades durante o período de verão; mas igualmente frio extremo e severas tempestades durante o inverno.

De acordo com o Relatório da Organização Meteorológica Mundial de 15/5/2024, esses eventos severos estão aumentando a cada ano; e um exemplo disso – o mês de abril de 2024 foi o 11º mês consecutivo de temperaturas globais recordes.

das é uma “Mudança Climática” sob os impactos de vários fatores como o desmatamento, a enorme descarga de poluentes industriais, os testes atômicos e as guerras.

Os pesquisadores do clima usam dados coletados durante pelo menos 30 anos para montarem os modelos climáticos de cada região do Planeta. Mas, nas últimas décadas, o clima não está se comportando direitinho, dentro do modelo estatístico montado pelos climatologistas. Para montar os modelos climáticos, são analisados diversos parâmetros tais como:

- Parâmetros atmosféricos: temperatura do ar, umidade do ar, distribuição das chuvas, ventos e incidência da radiação solar;
- Parâmetros geográficos: região marítima, região continental, a latitude, a altitude, o relevo e a vegetação.



Relata também “que a temperatura da superfície do mar em várias bacias oceânicas continua a ser recorde, liberando mais calor e umidade para a atmosfera, agravando ainda mais as condições do tempo. Vários lugares registaram temperaturas bem acima dos 40°C durante muitos dias”.

Na realidade, o que está acontecendo nas últimas déca-

Há também uma confusão entre os termos tempo e clima.

O tempo é uma informação das condições atmosféricas de um determinado local, observadas numa determinada hora. Essas condições variam no decorrer do dia, sendo muito dinâmicas e instáveis.

O clima é uma informação das características médias

atmosféricas de um determinado local, coletada durante um longo intervalo de tempo (tempo cronológico de pelo menos 30 anos). Os padrões climáticos com suas características, associados à posição e à inclinação do nosso planeta em relação ao Sol, ajudam a definir as estações do ano.

Afetando o clima e o tempo diário surgem os fenômenos climáticos – fenômenos naturais, característicos de cada região do planeta – conhecidos como furacão, ciclone, tornado, ilha de calor.

Há também os fenômenos: ‘El Niño’ (associado ao aquecimento do Oceano Pacífico) e ‘La Niña’ (associado ao resfriamento do Oceano Pacífico). Ultimamente, associados às mudanças climáticas em curso, esses fenômenos estão ainda mais intensos.

O que estamos vendo é o clima não está se comportando conforme o esperado: calor severo, frio severo, estiagens severas e chuvas severas. São apenas ‘desastres naturais’; porém, seus efeitos são agravados pelas atividades humanas. No decorrer dos anos, surgiu a ação predatória dos seres humanos, no uso incorreto do seu ambiente natural.

A importância de uma floresta, por exemplo, está nas variedades vegetais contribuírem coletivamente para o equilíbrio hídrico do ambiente, realizando a chamada ‘redistribuição hídrica’ – fenômeno que permite às árvores eliminar água através de suas folhas na estação seca, e levar água para as profundezas do solo através das raízes na estação chuvosa.

Estudos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: “uma árvore com copa de 10 metros de diâmetro é capaz de bombear para a atmosfera mais de 300 litros de água, em forma de vapor, em um único dia. Uma árvore maior pode evapotranspirar mais de 1.000 litros por dia. Estima-se que haja 600 bilhões de árvores na Amazônia.”

Imagine então quanta água a floresta toda está bombeando a cada 24 horas!

Portanto, o desmatamento, além de deixar o solo desnudo e sem os benefícios das florestas, também provoca o assoreamento (parte do solo é levado pelas águas das chuvas para os leitos dos rios e lagos).

Esse acúmulo de sedimentos num rio, canal ou lago reduz significativamente sua capacidade de armazenar as águas das chuvas, agravando sensivelmente o problema das enchentes!

Além desses fatores, estão ainda os impactos provocados pelos testes atômicos. No período de 1945 a 1998, as sete potências nucleares detonaram mais de 2.400 bombas atômicas. Atualmente, surgiram outras duas potências, somando um total de nove países com armas nucleares!

Imagine as consequências desses milhares de testes em nosso planeta: calor, grande quantidade de radiação nuclear e perturbação no campo geomagnético da Terra.

Acrescente-se ainda os impactos das ondas de choque mecânico na crosta terrestre, provocando potenciais condições de fissuras e terremotos!

A crise climática está afetando praticamente todos os continentes.

O aquecimento global também está degelando o *permafrost* (camada permanentemente congelada do solo Ártico), liberando na atmosfera enorme volume de metano e dióxido de carbono, retidos nessa camada de solo congelado. Um alerta de perigo sanitário no degelo do *permafrost* vem da península Yamal, situada no oceano Ártico, onde as temperaturas de julho (de 2016) estiveram oito graus acima do normal para o mês.

Outro alerta vem da Antártica. Lá está localizada a geleira Thwaites, apelidada de “geleira do Juízo Final”, porque mudará drasticamente nosso mundo quando estiver totalmente derretida. A equipe de cientistas que pesquisa o comportamento dessa geleira, conseguiu analisar a temperatura do oceano, a salinidade, a taxa e a velocidade do degelo. Ficaram surpresos quando descobriram que a água sob a geleira Thwaites está muito quente para a área em

NA REALIDADE, O QUE ESTÁ ACONTECENDO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS É UMA “MUDANÇA CLIMÁTICA” SOB OS IMPACTOS DE VÁRIOS FATORES COMO O DESMATAMENTO, A ENORME DESCARGA DE POLUENTES INDUSTRIAIS, OS TESTES ATÔMICOS E AS GUERRAS

que estava localizada, pois seu colapso arrastaria parte do manto de gelo da Antártica Ocidental, causando um aumento catastrófico no nível do mar: a elevação do nível dos mares inundará regiões costeiras e áreas mais baixas, o que implicará no desaparecimento de cidades, ilhas e países em muitas zonas costeiras.

O que acontece no Rio Grande do Sul é uma confluência de fatores que deixaram o Estado mais suscetível aos extremos causados pela mudança climática. A própria configuração geográfica das cidades e a falta de um programa eficiente de gestão de riscos estão entre os fatores que favoreceram a catástrofe socioambiental vivida pelo Estado.

Durante este evento de El Niño de 2023-2024, Porto Alegre teve um período muito chuvoso, principalmente nos meses setembro-2023 e maio-2024, quando os volumes de chuvas foram os maiores da sua história desde 1910, quando iniciaram os registros.

Além do Rio Grande do Sul, cidades da Argentina e do Uruguai que fazem fronteira com o Estado Gaúcho também ficaram alagadas. A situação é mais grave na fronteira da Argentina com o Uruguai, onde há também milhares de desalojados.

Então, não dá para ‘não ficar espantado’ quando a Natureza começa a reagir a tudo isso, procurando encontrar seu novo estado de equilíbrio. Esse rearranjo no estado climático global, portanto, traz suas consequências! O problema é a natureza termodinâmica de todo esse processo que, envolvendo energia térmica, é por isso irreversível.

É a Natureza reagindo através da Mudança Climática, em busca de um novo estágio de equilíbrio. Na Linguagem Bíblica é a ‘Natureza manifestando seu sofrimento: “A natureza criada aguarda, com grande expectativa [...]. Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto” (Rm 8.19-22). E as profecias bíblicas continuam – “E ouvi uma voz que dizia: Um quilo de trigo por um denário, e três quilos de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho” (Ap 6.6; Lc 21.11). É a expectativa da fome!



PRESB. PAULO EUGÊNIO M. DE ANUNCIAÇÃO

PROFESSOR APOSENTADO DE FÍSICA E METEOROLOGISTA

A VERDADE QUE LIBERTA

Siddhartha Gautama, o primeiro Buda, mestre religioso e fundador do budismo no século VI antes de Cristo, já no final de sua vida disse: “Passei a vida inteira procurando a verdade e não a encontrei”.

Muitas pessoas procuram a verdade e não a encontram. Mas o que é a verdade?

É uma pergunta que todos fazem, independentemente de sexo, raça, cultura e civilização. A ela dedicam suas vidas os sábios, os heróis e os santos. Mas a pergunta persiste: O que é a verdade?

Para algumas correntes da filosofia, só o conhecimento verdadeiro pode servir às necessidades práticas e existenciais dos seres humanos. Mas não falam de uma verdade, mas de várias verdades, porque para a filosofia a verdade é relativa, nunca dogmática, absoluta, ou seja, o que é verdade para mim pode não ser para outra pessoa. Portanto, o que existe é sempre a busca da verdade. Assim, quanto mais verdades sabemos, mais livres somos.

Para os cristãos, a verdade é uma só. Nossa verdade é encarnacional. Ela tem nome, carne e osso. Não é um conceito ou ideologia. Ela é Jesus de Nazaré!

Na época de Jesus, os líderes religiosos não compreendiam a verdade, estavam tão contaminados com a religiosidade que não conseguiam enxergar a verdade. Assim como nos dias de hoje muitos estão em busca da verdade e não a encontram. Nesse sentido, podemos dizer que existem 3 tipos de pessoas, nos quais os crentes estão inseridos:

1) OS QUE BUSCAM A VERDADE

Toda insatisfação gera nas pessoas pelo menos dois tipos de reação: Há aqueles que estão sempre buscando algo que possa preencher o vazio da existência humana. A insatisfação os empurra nessa busca e, por isso, buscam em todo lugar. Nas filosofias, nos vícios, nas religiões, etc., mas não encontram nada que se parece com a verdade, ou seja, aquilo que possa trazer alegria, satisfação, plenitude.

Existem aqueles que já estão frustrados, buscaram e não encontraram. Estão sempre insatisfeitos, descontentes com alguma coisa ou até mesmo com tudo. São aqueles que vivem reclamando de tudo. Estão sempre em busca de algo que possa ser a sua verdade, pois estão em busca de algo que possa preencher o vazio da vida.

Na igreja tem gente assim. Estão sempre reclamando de alguma coisa. Só veem defeitos, estão sempre criticando. Procuram de igreja em igreja uma verdade que satisfaça sua necessidade. Estão sempre buscando a verdade.

2) OS DONOS DA VERDADE

São aqueles cuja palavra é lei. Na igreja, as coisas têm que ser do seu jeito. Tudo e até Deus tem que ser à sua imagem e semelhança.

Geralmente são pessoas que tem medo do novo, pois o novo mexe com as bases que estão estabelecidas. Assim eram muitas pessoas da época de Jesus. Viviam com suas verdades estabelecidas. Por isso, quando Jesus falava e agia de uma forma diferente do que acreditavam, eles tremiam e já o rotulavam como herege, blasfemo ou coisas piores.

A verdade de Jesus nos incomoda porque vem de um jeito que não concordamos. Jesus sempre choca os donos

da verdade; por isso, resistem ao chamado de Jesus, pois ele não se encaixa na verdade estabelecida por eles.

3) OS QUE RECEBEM A VERDADE

Entre os frustrados e os donos da verdade, graças a Deus existem os que se renderam à verdade. São os salvos e transformados pelo sangue de Jesus. São aqueles que compreendem o que Jesus disse em João 14.6: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém pode chegar até o Pai a não ser por mim*”.

Jesus sempre se colocou como a única verdade. Uma verdade que ninguém pode reter, engessar, tomar posse.

Jesus é a verdade que está livre das ideologias, dos partidos, das teologias. Ele é a verdade que liberta (Jo 8.32).

Por isso, não existe salvação em outra pessoa, outro lugar; só em Jesus. Aqueles que receberam a Jesus como salvador e o tornaram senhor de suas vidas são diferentes. Suas vidas ganharam sabor, sentido, alegria, paz, desejo de viver, apesar das lutas.

Na igreja, são aqueles que não ficam procurando defeitos, mas se colocam à disposição para servir. Buscam sempre conhecer e fazer a vontade de Deus, pois creem naquilo que Jesus disse: “*Se vocês continuarem a obedecer aos meus ensinamentos, serão, de fato, meus discípulos e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará*” (Jo 8.31-32).

Por isso entendem que, sem Jesus, não há vida verdadeira. Sabem que ainda são pecadores, mas encontraram em Jesus a libertação do pecado. Não estão mais presos ao pecado, aos dogmas, às ideologias, aos conceitos, às regras humanas e religiosas. Pois, em Cristo, somos livres. É o que Paulo diz em Gálatas 5.1: “*Cristo nos libertou para que nós sejamos realmente livres. Por isso, continuem firmes como pessoas livres e não se tornem escravos novamente*.”

Essa é a verdade que liberta: Jesus Cristo de Nazaré, o filho de Deus, que nasceu, viveu, morreu e ressuscitou por amor a você e a mim!

Há uma ilustração chamada “Um pedaço da verdade” que conta assim: “Alguns demônios vigiavam de perto um homem de boas intenções quando, de repente, ele se abaixou para pegar algo no chão. Aflitos, os demônios perguntavam entre si: O que ele encontrou? O que ele encontrou? - Um pedaço da verdade, respondeu um deles. Quase todos eles ficaram muito preocupados: - O que faremos? O que faremos? O mais experiente deles, porém, procurava acalmá-los: - Não faremos nada. Fiquem calmos, não há com o que se preocupar. - Como não? Afinal, ele achou um pedaço da verdade. - Não há com o que se preocupar, repetiu o demônio. E perguntou: - Vocês ainda não sabem que um homem de boas intenções e apenas um pedaço da verdade pode fazer? Responderam: - Não!? O maior dos demônios disse - O de sempre, respondeu ele: criar uma nova heresia”.

Não vivamos de migalhas ou partes da verdade. Os que vivem na busca da verdade serão frustrados! Os que se acham donos da verdade serão condenados! Mas os que se renderam à verdade (Jesus) serão salvos e seus pecados perdoados e serão verdadeiramente livres!

PARA OS CRISTÃOS, A VERDADE É UMA SÓ



REV. PROF. MARCOS NUNES DA SILVA

PASTOR DA IPI DE VILA CARRÃO, SÃO PAULO, SP, PROFESSOR E DIRETOR DA FACULDADE DE TEOLOGIA (FATIPI)

FAMÍLIAS ESTÃO TENDO MENOS FILHOS

A cada nova década, novos países demonstram uma tendência a taxas de fecundidade mais baixas. Esta tem sido uma tendência global, com exceção, até o momento, da África subsaariana.

Um dos motivos para tal fenômeno é que, para muitas famílias, as crianças passaram de um valioso ativo produtivo para um bem de consumo caro. As famílias têm desejado poucos filhos com alta qualidade, e a educação prolongada faz com que as crianças consumam tempo e dinheiro.

Uma implicação social é que as pirâmides populacionais estão se invertendo; outra se dá no campo da economia, no que diz respeito aos enormes desafios da manutenção dos sistemas de aposentadoria.



Vidas profissionais mais longas, imigração e a implementação de robôs nas indústrias têm sido respostas a estes novos desafios. Esta última resposta já é observada em países da Europa e da América do Norte, sendo a China quem consome mais da metade dos robôs industriais do mundo.

QUEM EU VOU SER AGORA QUE CRESCI?

Segundo a pesquisa Millennials – Unravelling the Habits of Generation Y in Brazil, a geração Z representa 24% do mercado de trabalho brasileiro. Nascidos entre 1996 e 2010, esta nova geração valoriza o equilíbrio entre a vida pessoal e a vida profissional e pro-

de pessoas. “A Geração Z está mais propensa a desistir do seu emprego à medida que se sentem sobrecarregados e estressados, com a saúde mental afetada”, afirma a pesquisadora Lina Nakata.

Seja dentro da igreja, da família, em redes sociais ou no mercado de trabalho, os conflitos geracionais ficam evidentes entre denúncias de que uma geração não é compreendida pela outra. O relatório Tendências de Gestão de Pessoas, do Ecossistema Great People & GPTW, mostra que 51,6% do mercado de trabalho afirma ter dificuldade para lidar com as diferentes gerações e suas expectativas no mundo.

Cerca de 8 em cada 10 adultos têm dificuldade de conduzir o ambiente multigeracional, segundo pesquisa da SPUTNiK, empresa de educação corporativa.

Compreender as novas gerações e proporcionar espaços harmônicos que contemplem até quatro diferentes gerações é um desafio que, se superado, aponta para um futuro promissor com menos conflitos e mais oportunidades de aprendizado.



cura um trabalho que tenha a ver com seu propósito de vida. Assim, corporações que conseguem articular uma missão clara têm mais facilidade de atrair e reter talentos.

É importante destacar que, pela primeira vez, a saúde mental tem sido o principal desafio para a gestão de pessoas. Segundo a pesquisada GPTW, 96,9% das pessoas consideram a saúde emocional um tópico importante na gestão

ASSEMBLEIA MUNDIAL DA SAÚDE VALORIZA A ATIVIDADE DE IGREJAS CRISTÃS

A 77ª Assembleia Mundial da Saúde aconteceu em Genebra, dos dias 27 de maio a 1º de junho, com o tema “Todos pela Saúde, Saúde para Todos”.

A Assembleia Mundial da Saúde é o órgão de decisão da Organização Mundial da Saúde, e conta com a presença de delegações de todos os Estados membros.

Julia Stoffner, conselheira de política de saúde do Brot für die Welt, refletiu sobre as contribuições significativas das igrejas à saúde e ao bem-estar global: “Em todo o mundo, organizações cristãs prestam cuidados de saúde, especialmente em zonas rurais e outras áreas de difícil acesso. As suas contribuições são cruciais.”

O Conselho Mundial de Igrejas, do qual a IPI do Brasil faz parte, colabora com a OMS em trabalhos conjuntos envolvendo estratégias,

publicações, seminários, webinars e resposta a crises como o AIDS, o surto de Ébola e a pandemia de COVID-19.

Entre os membros da delegação presentes na Assembleia estava a brasileira, Dra. Nelci Zanon Collange, diretora científica do Centro de Neurocirurgia Pediátrica e médica da UNIFESP, e neurocirurgiã pediátrica do Hospital Samaritano*.

*Curiosidade: a fundadora do Hospital Samaritano, dona Maria Paes de Barros, era tia das senhoras Cecília e Elisa, casadas, respectivamente, com o Rev. Ernesto Luiz de Oliveira, fundador da IPI do Brasil, e o Rev. José Mauricio Higgins, pastor da 1ª IPI de Curitiba. Casada com o senador da República, Antônio Paes de Barros, dona Maria Paes de Barros era também sogra do Rev. Otoniel Mota.

COMITE EXECUTIVO DA COMUNHÃO MUNDIAL DE IGREJAS REFORMADAS* SE REÚNE

O Comitê Executivo da CMIR, reunido de 18 a 22 de maio de 2024, nos Estados Unidos, convida as igrejas membro a serem parceiras de oração em prol do próximo Conselho Geral que acontecerá em 2025, em Chaing Mai, Tailândia.

Em carta, o Comitê Executivo compartilhou o texto de 2 Coríntios 4.7-12 que diz: “Temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós. De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo. Pois nós, que estamos

vivos, somos sempre entregues à morte por amor a Jesus, para que a sua vida também se manifeste em nosso corpo mortal. De modo que em nós atua a morte; mas em vocês, a vida.”

O Comitê Executivo concluiu a carta dizendo: “O tema do Conselho Geral, ‘Persevere em seu Testemunho’, pede que abracemos a dura realidade da morte e da dor com uma espiritualidade de amor quenótico (auto-esvaziamento), reafirmando a nossa fé em Cristo e vislumbrando uma esperança vivificante em ação.”

*Curiosidade: Em 1989, o Rev. Abival Pires da Silveira, saudoso pastor da IPI do Brasil, foi eleito vice-presidente da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas, atual Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas.

PARTÍCULA DE DEUS

Olhando para o alto, ficamos embevecidos ou intrigados, querendo saber mais e mais da Criação e nossas origens, desafios à busca de respostas sobre a magnífica construção do cosmo, fantástica arquitetura que harmoniza a beleza, a ordem e a sistematização. Essa obra foi, é e será. “*Eu sou o que sou*” (Êxodo 3.14). De tudo, Ele é o Criador, ser supremo do tempo e do espaço.

Como humanos, buscamos o conhecimento das origens. O princípio do Gênesis possui decodificações. Nós preferimos cultivar certezas e a fé tem grande impacto nesse raciocínio.

Pensar faz parte da nossa natureza evolutiva. Morreu recentemente Peter Higgs, o físico britânico que ganhou o Prêmio Nobel em 2013 e ficou famoso com a descoberta da origem da massa no universo. Em sua homenagem, o episódio ganhou o batismo de “bóson de Higgs”, popularizado como “partícula de Deus”.

Não temos detentores do Nobel em matéria de Bíblia ou teologia, mas não podemos ignorar o assunto. Temos físicos no rebanho. No bom combate, por vezes acadêmico, fazemos com normalidade a conciliável conexão entre acreditar em Deus e a ciência.

O prêmio meritório, o mais prestigiado que existe, é concedido pela Academia Real da Ciência, por vontade de Alfred Nobel, membro de uma família de engenheiros, nascido em Estocolmo, Suécia, para reconhecer pessoas que se destacam em pesquisas ou descobertas consideradas notáveis para a humanidade. Os contemplados em várias áreas ganham medalha de ouro, diploma e grande importância em dinheiro.

Não possuímos equivalência ao Nobel, mas temos nossa Faculdade, pensadores e estudiosos, reformadores e comunidades de fé culturalmente expressivos e, nos testemunhos de vida que oferecemos, um intercâmbio de virtudes.

O cenário de vida, fé e cosmologia é complexo, e ainda não conseguimos entender muitos mistérios dentro desse imenso berçário estelar. Um Ser superior é o autor de tudo. Para a ciência, muitas tentativas - em verdade, teorias - são feitas para conquistar a matéria do conhecimento. Mas são teorias porque sempre se pode sustentar uma nova tese, contradizendo a anterior. Novas descobertas sempre alteram cursos, com rompimentos e fraturas.

A nossa fé, pelo contrário, é permanente e percorre as noites dos tempos. Conhecemos o que poderíamos chamar de quase-verdade cósmica - buscada, mas nunca atingida. Nós conhecemos: Jesus é o Caminho. Para os cristãos, não existe uma decantada pós-verdade, pois nosso Senhor é a Verdade, fonte da vida.

Sendo intrigante, a formação do universo provoca perguntas e mais perguntas, que provocam encontros, satisfações e frustrações sobre matéria e energia. É a nossa sede de saber sobre o que teria acontecido há bilhões de anos. Big Bang, grande explosão, nascimento de estrelas, galáxias e planetas, átomos como partículas, meteoros que despenham, cometas velozes. Podemos aprender, entretanto: “*A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-la*” (Pv 25.2).

O Senhor fez tudo a partir do nada. Não sabemos expli-

car o milagre: cada astro funcionando no seu lugar, o cosmos colorido e iluminado sem congestionamentos, tudo numa harmonia extasiante.

Nosso código genético, um mundo com corpo e alma, imensidão que recebe a presença de Deus infinito. Dentro de nós, o eu. Fora, o não eu, a quase-verdade.

A Palavra promove o conhecimento na primeira pessoa do singular. Mas em Deus, ela também realiza. Um embrião que gera a vida. O humano pode se transformar em humano-divino, concedendo ao ser humano, ainda no tempo, a perspectiva da eternidade. “*Sois deuses, filhos do Altíssimo*” (Sl 82.6).

A nossa alma pode se transformar e chegar ao máximo, que é a instância da graça, que pode e constrói. Na imensidão, nossa terra é minúscula, sempre girando. Nela podemos encontrar o nosso lugar.

Higgs é emblemático, marco histórico no campo da física. O bóson de que ele falou atribui massa a outras partículas. Partícula é pequeno objeto, fragmento, com propriedades físicas ou químicas, como, por exemplos, átomos e moléculas.

Onisciência e onipotência divinas podem, avançando no raciocínio, enfrentar a colisão entre forças do mal e a eterna bondade de Deus. Leibniz, filósofo e matemático alemão, definiu que Deus concebeu a criação do mundo da melhor maneira que se poderia ser feito.

A FORMAÇÃO DO UNIVERSO PROVOCA PERGUNTAS E MAIS PERGUNTAS, QUE PROVOCAM ENCONTROS, SATISFAÇÕES E FRUSTRAÇÕES SOBRE MATÉRIA E ENERGIA. É A NOSSA SEDE DE SABER SOBRE O QUE TERIA ACONTECIDO HÁ BILHÕES DE ANOS

MAIOR E MENOR

A densidade de conhecimento embute uma adequação que se ajuste ao que sentimos necessidade de saber. Afinal, segundo Sócrates, o filósofo grego, admitiu que só sabia que nada sabia: mesmo sabendo, queremos saber ainda mais, sempre insaciáveis.

Desse modo, aprendemos com os conhecedores da ciência que o maior pode ser o menor. O tudo, nada.

O professor Serge Haroche, Nobel em Física de 2012, esteve recentemente na Universidade de São Paulo, onde disse que o muito pequeno possui potenciais aplicações práticas no cotidiano.

Temos muito o que aprender, somando aos nossos conhecimentos bíblicos aos mergulhos teológicos nas águas profundas do Evangelho. Na decodificação de Leibniz: Deus, motor e potência, criador e gerador, artífice e modulador, presente em tudo, nas origens e consumações.



Recebemos um legado impressionante de nossos antecessores na prática da fé. Essa matéria prima, sempre burilada, irá ajudar muitas mentes decepcionadas com crenças toscas, descabidas, distantes do nosso Deus verdadeiro e único.

Para isso, examinemos as Escrituras testificantes e trabalhem sem cessar, produzindo teologia e ajudando o próximo a entender o dom da vida em todos os níveis de educação. Descuidos podem fazer com que muitos jovens cheguem à Universidade e fiquem frustrados, traumatizados e assustados com os novos e impactantes conhecimentos adquiridos.

Os cientistas falam em energia escura, a aceleração da expansão universal. Não temos respostas para tudo.

Poderia haver formas de vida, não necessariamente inteligentes, em outros planetas? A pergunta intriga, fascina, porque tenta examinar sobre o lugar que ocupamos nesse minúsculo planeta onde estamos, partícula do cosmo. Esse lugar exige de nós “cultivar e guardar” (Gn 2.15), como bons mordomos – somos cuidadores e não donos. Mordomo, do latim *major domus*, quer dizer exatamente administrador de uma casa, da qual devemos cuidar para que não acabe.

A pergunta sobre as partículas do átomo é tão forte que cientistas, envolvidos numa investigação nuclear, construíram um imenso laboratório subterrâneo, para permitir a colisão de prótons quase à velocidade da luz.

Didaticamente falando, vemos nisso tudo a presença de Deus distribuindo partículas por toda parte, porque está em todos os lugares ao mesmo tempo, captando com imensa sabedoria que sentiu ser necessário mandar seu unigênito Filho para nos ensinar, pessoalmente, que se preocupar

excessivamente com coisas materiais é algo perigoso, para nós, viventes.

O projeto divino consiste em transformar esse mundo, perfeitamente criado. A partir dos ensinamentos do Grande Mestre, fazemos as perguntas, por mais instigantes que sejam, para evitar que nossa Terra tenha um novo big-bang, com tragédias destrutivas, ambientais, pessoais e coletivas, tudo predatoriamente ruim para a humanidade.

O cristianismo teve mártires, como Estêvão. A ciência sofreu punição com a morte ao afirmar, por exemplo, que a Terra girava em torno do sol e não apenas ela simplificaria o Universo.

Muitas vezes foi a religião, na *Inquisição* que se dizia “santa”, que executou Giordano Bruno e ameaçou Galileu Galilei, o físico florentino, com a fogueira. Os inquisidores prepotentes, fariseus contemporâneos, usam vários tipos de vestimenta. Uma delas que procura ridicularizar os crentes em Jesus. Não conseguem perceber que somos cercados por um universo fantástico que existe como obra de Deus.

Como poderiam ser as coisas que foram e nunca deixaram de ser? A reciprocidade nas respostas é razão de viver, fórmula infalível para se alcançar a bem-aventurança.

Faz parte da nossa missão contribuir para que as pessoas conheçam o sentido da vida, na condição de servos do Senhor e embaixadores do Reino da vida eterna.

Somos partículas frágeis, pecadoras, vacilantes por vezes e espiritualmente fortes em outras. Sabemos que não detemos o monopólio para ajudar na salvação e que podemos viver sempre aprendendo uns com os outros, o grande sintoma da fraternidade e comunhão. O amor extensivo pela sabedoria.



PERCIVAL DE SOUZA

JORNALISTA, ESCRITOR, MEMBRO DA PRIMEIRA IPI DE SÃO PAULO, SP

DE PROFUNDIS

13º DOMINGO NO TEMPO COMUM – 30 DE JUNHO DE 2024

TEXTO BÁSICO: SALMO 130

TEXTOS COMPLEMENTARES: 2SM 1.1,17-27; MC 5.21-43; 2CO 8.7-15

São diferentes as reações daqueles que se encontram em situação de profundo desespero, daqueles que se sentem presos dentro de um fosso do qual não veem possibilidade de saída.

Nos textos complementares encontram-se exemplos destas diferentes reações. Amargurado pela morte do amigo Jônatas, Davi desabafa sua dor em sentidas palavras, mas aproveita para transformá-las em emocionante poema imortalizado com o nome de “A Canção do Arco” e registrado nos livros sagrados dos judeus.

Em desespero, Jairo, chefe da sinagoga local, procurou socorro, mesmo sabendo que Jesus era rejeitado pelas autoridades dos judeus.

A sensibilidade de Paulo leva-o a não somente sentir suas angústias, mas também a perceber e ajudar os sofrimentos da igreja mãe, em Jerusalém pela pobreza que dominava a região naquele tempo.

No Salmo 130, o comportamento do poeta mediante os seus sofrimentos abrange as reações apresentadas pelas três personagens dos textos complementares. Seu brado de dor transforma-se também em sentido poema eternizado com o nome de “Das Profundezas” e adaptado a belas peças literárias e musicais; sua impossibilidade de se livrar do mal que o aflige faz com que busque auxílio em Deus; suas agruras levam-no a pensar nos sofrimentos de sua amada Israel.

Por isso os textos complementares serão tomados como a base bíblica para o estudo a seguir. Pelas diferentes reações do salmista, o Salmo 130 pode ser estudado a partir das virtudes que o sofrimento pode produzir.

O SOFRIMENTO PRODUZ ARTE (SALMO 130.1-2)

Os grandes sofrimentos normalmente se externam em atitudes negativas: revolta contra a situação em que se encontra o sofredor por se sentir injustiçado, por não encontrar ajuda da parte daqueles que, indiferentes, passam por ele; ódio, rancor, desejo de vingança, contra todos os que o levaram aos extremo de sua angústia; indignação, inveja daqueles que gozam de situação mais favorável do que a sua.

Seu desespero então aflora em brados com palavras desconexas, às vezes apenas gritos sem um sentido definido. Mas também podem ser declarações ofensivas contra seus desafetos, blasfêmias e maldições pela falta de ajuda de Deus e das pessoas.

Mas esta reação negativa muda-se em alguns casos, com



palavras que reflitam resignação, conformismo, paciência, reconhecimento das próprias falhas.

Nos exemplos dos textos complementares, nenhum dos sofredores manifesta sua dor por meio de gritos ou palavras torpes. É como se o sofredor ouvisse suas reações e delas se envergonhasse, procurando abrandá-las e substituí-las por uma linguagem mais amena e menos agressiva.

Na busca por uma nova forma de se expressar, ele vai usar palavras que transmitem melhor o que sente, faz novas e apropriadas comparações, dá até melhor sonoridade para a cadência de suas palavras.

É assim que poetas conseguem transformar os gritos ofensivos de dor em belos poemas e hinos de lamentação.

Mais atenção deve ser dada à linguagem literária da Bíblia a qual abriga um livro de lamentações e muitos poemas deste gênero por ela espalhados. Belo exemplo tem-se no texto de 2 Crônicas onde Davi exercita sua veia poética ao lamentar a morte do amigo Jonas.

O Salmo em estudo começa com uma bela comparação. O isolamento no qual se encontra o salmista com a sua dor é como se achasse em um profundo abismo, onde ninguém que está perto percebe a sua presença, onde a sua voz, já enrouquecida de tanto clamar, não pode ser ouvida.

O poeta continua com outra comparação. Seu pedido de socorro deve chegar a algum ouvido. E, como a capacidade acústica das pessoas é limitada, ele sabe que os ouvidos de Deus são tão sensíveis que podem captar os gemidos daqueles que estão enterrados nas profundezas da terra, com a mesma eficácia do clamor dos que estão perto, como no caso de *Marcos*.

É o clamor, transformado em poesia. Ao contrário do que se possa pensar, a poesia não é um conjunto de palavras soltas ao vento, mas, ao contrário, ela se reveste de grande utilidade, levando consolo, conforto, paz a outros corações aflitos. Em forma de hino, propicia, no cântico, a interação dos outros na realização do poema composto.

Mas, acima de tudo, ela se transforma em nova linguagem para transmitir os ensinamentos de uma forma não agressiva, que atinge os profundos sentimentos do coração humano.

QUEM LER OU CANTAR O SALMO DEVE TAMBÉM, COERENTEMENTE, FAZER COM DAVI UMA ORAÇÃO BUSCANDO A AJUDA DIVINA. NESTE SENTIDO, O TEMPO QUE SE SEGUE À ORAÇÃO E CORRESPONDE AO PERÍODO DE ESPERA PELA RESPOSTA É TÃO IMPORTANTE QUANTO AO PRÓPRIO CLAMOR PELO ALÍVIO DIVINO

O SOFRIMENTO ESTIMULA A FÉ (SALMO 130.3-4)

A sequência do Salmo está em total coerência com o seu começo. Fica muito claro que a intenção do poeta não é produzir uma peça literária para agradar os admiradores da boa poesia. Ele, na verdade, busca socorro real no Deus de seu povo, cujos relatos de atos maravilhosos de livramento e proteção ele conhece e estuda desde sua meninice, dada a preocupação dos judeus com a educação de seus filhos.

A expectativa pela resposta divina é a mesma do religioso Jairo, buscando em Jesus a saúde para a sua filha.

Paulo igualmente confia na fidelidade das suas amadas igrejas no atendimento de seu pedido a favor da comunidade de Jerusalém.

Assim, quem ler ou cantar o Salmo deve também, coerentemente, fazer com Davi uma oração buscando a ajuda divina. Neste sentido, o tempo que se segue à oração e corresponde ao período de espera pela resposta é tão importante quanto ao próprio clamor pelo alívio divino.

E a habilidade do poeta continua no mesmo altíssimo nível ao comparar sua espera com a ânsia das sentinelas para que logo amanheça o dia. O anelo pelo despontar da aurora é figura que acompanha todas as páginas da Bíblia, pois, desde o deserto se reconhece um povo conduzido pelo esplendor da glória do Senhor.

Logo de início, os cristãos identificaram em Jesus a Luz deste mundo. Davi, em seu poema, ao declarar: “*A tua glória, ó Israel, foi morta sobre os teus altos*” inscreve o seu clamor naquelas situações de calamidade sobre as quais costumava-se dizer: “*Foi-se a glória de Israel*”.

A comparação aproxima-se ainda mais da realidade ao invocar a figura da atalaia. Ele é o ‘pastor que vigia enquanto dormem suas ovelhas. Ele é o único soldado em alerta enquanto repousa o exército, no qual incluem as altas autoridades cujo poder ele teme. Ele é o pai que vigia pela sua filhinha. É o líder religioso, atento à boa ordem das igrejas pelas quais é responsável.

Por isso as trevas da noite são a grande e traiçoeira ameaça à sua vida e às de todos os que estão sob os seus cuidados.

O salmista lembra de outro perigo que o afasta da presença de Deus, para o qual também se usa a figura das trevas. Ele se sente submerso nas trevas de suas iniquidades de onde só pode sair pelo brilho das infinitas e poderosas misericórdias divinas. Esta é a medida da fé que deve acompanhar também a todos que, como o salmista, buscam em Deus o socorro para as suas aflições.

O SOFRIMENTO INSPIRA A SOLIDARIEDADE (SALMO 130. 7-8)

O poema carrega sua coerência até o fim. Aquele que usa as mais belas palavras como expressão de sua desesperada situação e dirige-se a Deus crendo que ele é o último e único recurso para minorar suas feridas sente a sua dor presente naqueles que lhe são próximos.

Davi não lamenta apenas a morte do homem que o perseguia e do amigo, ligado a ele por um amor maior do que o amor de mulheres. Ele planteia a morte de seus príncipes e por isso convida todo o Israel a chorar com ele.

A miséria dos irmãos é sentida pelo apóstolo na própria carne e por isso se empenha em convocar toda a comunidade cristã a

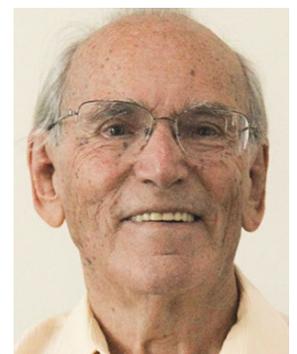
partir com ele no socorro dos necessitados de Jerusalém.

Então o salmista apela ao seu povo, Israel, já que estão vivendo juntos a mesma situação, a repetirem as iniciativas que ele estava tomando para escapar de tão cruenta situação.

A palavra-chave é: espera, aguarde. Davi conhece bem o seu povo pela história e convivência. Sabe que é um povo impaciente, inconstante, pronto para mudar de direção por causa de uma força ameaçadora ou pelo brilho de uma falsa glória.

Davi exalta a coragem de seus planteados, enfrentando os inimigos até à morte. O salmista convida Israel para, como ele, a sentir o peso irreparável de seus pecados, peso este que pode ser contrabalanceado com as incomensuráveis misericórdias divinas. Deus é o único que tem o poder de redimir seu povo, o que deu provas em inúmeras situações.

Por tudo isto pode-se afirmar que o Salmo estudado não é uma peça de enlevo para os ouvidos, mas sua utilidade se une à propagação da mensagem libertadora de Deus presente em toda a Bíblia, conclamando a humanidade ao arrependimento de seus pecados e à busca pela sua redenção no único e verdadeiro Deus, cujas misericórdias o levam ao pleno perdão e à garantia de eterna salvação.



**REV. LYSIAS
OLIVEIRA DOS SANTOS**

PASTOR JUBILADO DA IPI DO BRASIL

OLGA DE CARVALHO BARBOSA



Ela, que fazia questão de ser chamada de Oida, porque assim a chamava sua mãe quando criança, nasceu em Sabino, SP, em 20 de julho de 1930, filha de Florismina Julia de Carvalho e de Sebastião Mathias de Carvalho.

Faleceu em 9 de março de 2024 enquanto dormia no leito do hospital, com 93 anos de idade bem vividos. Iria completar 94 anos no próximo mês de julho. Era viúva de Dayse Barbosa.

Era membro atuante da IPI de Itaim Paulista, onde, dentre vários cargos.

Sem ter instrução, foi professora de crianças, mas, com boa vontade e dedicação à obra de Deus, aprendeu a ensinar as crianças, muitas delas ocupando hoje cargos na vida da IPI de Itaim Paulista e de em outras IPIs.

Foi superintendente da Escola Dominical por vários anos. Foi Diaconisa, sendo presidente da antiga Mesa Diaconal por muitos e muitos anos. Quando havia comemorações na igreja, era ela quem comandava a cozinha, ajudando as demais mulheres na cozinha.

Pela sua atuação como diaconisa durante vários anos, o Conselho outorgou a ela o título de Diaconisa Emérita.

Era costureira de “mão cheia”, e sua fama chegou aos ouvidos de empresários de roupas da região do Brás, que a procuravam, cujo salário ajudava na manutenção da casa.

D. Olga criou os seus filhos no caminho do Senhor.

Como genro, asseguro que minha sogra foi uma fiel serva do Senhor. Suas orações, na sua simplicidade, eram belas e carregadas de espiritualidade. E fazia um gostoso cafezinho, além de comidas saborosas, quando tinha saúde.

O culto fúnebre foi dirigido pelo subscritor destas notas, sendo a Palavra proclamada pelo seu pastor, Rev. José Nilton de Oliveira Silva, pastor da IPI de Itaim Paulista.

Estiveram presentes os seguintes pastores e presbíteros: Revs. Roberto Viani, Carlos Barbosa (filho), Lázaro Alves da Silva Sobrinho, Luiz Pereira de Souza, Filippo Blancato, Rubens de Castro, Rodrigues dos Santos Almeida, José Nilton de Oliveira Silva, Lutero Alberto Gaspar, Otoniel Marinho de Oliveira Junior e Eliézer Caetano da Silva (Igreja Congregacional); Presbs. Osmário da Silva Soares, Deives Gomes Ribeiro, José da Conceição Joaquim e Lauro Brisola de Almeida.

Deixou três filhos, uma nora, um genro e seis netos: Carlos Barbosa (Pastor Jubilado). Filhos: Rafael e Gabriel; Claudemir Barbosa, casado com Jane. Filhos: Giovana e Lucas; e a Diac. Cleide Barbosa Viani, casada com o Rev. Roberto Viani. Filhos: Roberto Júnior e Elisa.

Como Jó, a família também afirma: “O Senhor a deu, o Senhor a tomou. Bendito seja o Nome do Senhor” (Jó 1.21). >REV. ROBERTO VIANI, PASTOR DA IPI DO PARQUE NOVO MUNDO, SÃO PAULO, SP

SEM TER INSTRUÇÃO, FOI PROFESSORA DE CRIANÇAS, MAS, COM BOA VONTADE E DEDICAÇÃO À OBRA DE DEUS, APRENDEU A ENSNAR AS CRIANÇAS, MUITAS DELAS OCUPANDO HOJE CARGOS NA VIDA DA IPI DE ITAIM PAULISTA E DE EM OUTRAS IPIS



EMAIL DO LEITOR ROOSEVELT SANTOS NUNES

Já fui membro da Primeira Igreja Presbiteriana Independente em São Luiz, MA, mas atualmente moro em Ribeirão Preto, SP.

Durante a pandemia, atuei durante 3 anos como médico voluntário num lar presbiteriano para idosos e recorrentemente me lembrava dos textos sobre o Ministério Terapêutico da Igreja publicado n'O Estandarte.

Também por meio d'O Estandarte descobri autores como Jürgen Moltmann, Andre Bièler (escreveu sobre Calvino) e Antônio de Godoy Sobrinho, que também me ajudaram a compreender melhor esse aspecto da missão da Igreja de Cristo.

Fiquei muito feliz quando, em 2009, foi publicado um texto meu sobre William Wilberforce.

Quando comecei a congregar na 1ª IPI de São Luís em 2005, o Rev Adiel já tinha falecido, mas conheci sua esposa, D. Enilde.

Apesar de ser membro de uma IPB há mais de uma década, não sou leitor do jornal Brasil Presbiteriano (não há identificação,) mas, sim, de O Estandarte e, frequentemente, vou garimpando tesouros nas edições passadas (espero que as edições passadas de O Estandarte continuem a ser disponibilizadas).

APESAR DE SER MEMBRO DE UMA IPB HÁ MAIS DE UMA DÉCADA, NÃO SOU LEITOR DO JORNAL BRASIL PRESBITERIANO (NÃO HÁ IDENTIFICAÇÃO,) MAS, SIM, DE O ESTANDARTE E, FREQUENTEMENTE, VOU GARIMPANDO TESOUROS NAS EDIÇÕES PASSADAS (ESPERO QUE AS EDIÇÕES PASSADAS DE O ESTANDARTE CONTINUEM A SER DISPONIBILIZADAS).

Aproveito para dizer que o Rev. Lysias merecia um livro compilando seus belos textos, assim como os diversos textos produzidos pelos 500 anos de Calvino, e toda a teologia litúrgica destrinchada pelo Rev. Richard Irwin e Rev. Emerson Reis.

Eu já tenho boa parte desses textos em arquivo word. São verdadeiras joias preciosas!

Como não sou teólogo (mas objetivo iniciar teologia na FATIPI em 2025, se Jesus não voltar até lá), a biografia do Moltmann (que conheci lendo O Estandarte, numa edição que também trazia um texto sobre a vida de Karl Barth) me chamou a atenção e aí fui atrás da obra dele.

Durante o meu trabalho de médico voluntário durante a pandemia, enquanto eu lia os textos sobre o Ministério Terapêutico da Igreja d'O Estandarte, percebi que alguns textos do Moltmann contidos em livros como "O Caminho de Jesus Cristo", "Diaconia no Horizonte de Deus" e "Ética da Esperança" complementavam a leitura e até mesmo ampliavam a minha compreensão desse ministério terapêutico (e já comecei um novo projeto de escrita: "Jürgen Moltmann e o Ministério Terapêutico da Igreja").

Rev. Gerson, louvo a Deus pelo seu trabalho à frente d'O Estandarte, uma fonte de bênçãos, de edificação para o corpo de Cristo.

Grande abraço! >DR. ROOSEVELT SANTOS NUNES, DE RIBEIRÃO PRETO, SP

EM BUSCA DE SENTIDO DE VIKTOR E. FRANKL

O autor relata suas experiências como prisioneiro no campo de extermínio nazista durante 2ª Guerra Mundial. Viktor faz uma cativante descrição do misto de emoção e apatia. “A vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar sentido na dor. Se há de algum modo, um propósito na vida, deve havê-lo também na dor e na morte”.

“Quem tem por que viver pode suportar quase qualquer como” (Nietzche). Significa: quem tem um sentido de vida pode suportar qualquer maneira de viver. Os objetivos da vida não podem ser desfeitos.

O ser humano tem a capacidade de escolher a atitude pessoal que assume diante de determinadas circunstâncias - esta é a liberdade última da vida.

O Dr. Frankl foi capaz de sentir a condição humana com sabedoria e compaixão. Ninguém tem a menor ideia da feroz luta pela existência que há no campo de concentração. É violenta a luta pelo pão de cada dia e pela preservação e salvação da vida. Ao chegar, o prisioneiro é destituído de tudo que lhe pertencia e recebe um número que o identifica para sempre.

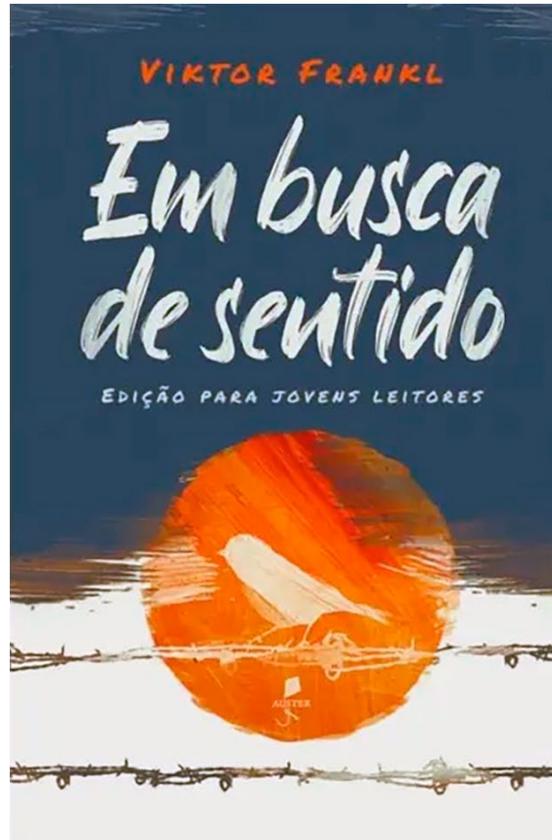
Frankl comenta as reações dos recém-chegados: “Após o primeiro estágio de choque, o prisioneiro passa para o segundo estágio, é a fase de relativa apatia. A pessoa, aos poucos, vai morrendo interiormente. A insensibilidade emocional, o desleixo interior e a indiferença são reações do apático. Ele não se importa com nada, como se nada ao seu lado tivesse valor para ele. É um estado de abatimento sem medidas”.

Frankl fala de uma outra reação dos que sofrem a ausência de sentimentos. A necessidade de preservação da vida constantemente ameaçada suscita uma depreciação real da pessoa humana em sofrimento. Assim se explica a ausência absoluta de sentimentos.

Os prisioneiros caminhavam como mortos, como se estivessem caminhando ao lado do seu cadáver.

Fica impossível admirar as belezas da vida. Fica impossível caminhar sem um sentido para viver. “A falta de sentimentos do prisioneiro de muitos anos no campo de concentração é precisamente um dos reflexos da desvalorização de tudo” “Isso dá um retraimento ante todas as questões intelectuais e culturais de todos os interesses mais elevados”. Para o ser humano nestas condições há um apagamento, uma espécie de “hibernação cultural”. A pessoa no campo de concentração experimenta-se a si mesmo como objeto e juguete do destino.

Viktor Frankl não nos deixa órfãos. Ele fala que se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. Mesmo em tanto sofrimento, a pessoa permanece sendo ser humano e conserva sua dignidade. Ainda mais: “A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até



EM BUSCA DE SENTIDO
AUTOR: VIKTOR E. FRANKL
EDITORA: AUSTER
ANO: 2023
PÁGINAS: 164

o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido”.

Frankl finalmente explica que, na procura do sentido da vida, devemos nos experimentar a nós mesmos, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora - perguntas que precisamos responder através da ação, através da conduta correta. Acrescentamos: também, e muito mais, através da fé. Na busca do sentido da vida, “literalmente, desaprendemos o sentimento de alegria. Será necessário aprender de novo a alegrar-se”.

Por fim, Viktor Frankl se aproxima da palavra de Jesus: “*Amai-vos uns aos outros*”.

Para se encontrar o sentido da vida há de se experimentar algo como a bondade, a verdade, a beleza e, sobretudo, o amor ao próximo.

Tentei levantar algumas ideias deste precioso texto, contudo, ainda há nele muitas outras preciosidades. Fica aqui um convite ao leitor para que possa encontrar outras grandes lições em uma agradável leitura.



REV. ODILON DE CARVALHO

MINISTRO JUBILADO DA IPIB

VIDA & CAMINHO

A REVISTA DA FAMÍLIA

JANEIRO / FEVEREIRO / MARÇO - 2024 - NÚMERO 116 [ANO 56]



QUANDO DEUS DIZ

A FAMÍLIA DURANTE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO
ENTREVISTA



EUTANÁSIA E DIREITO À VIDA

COMO OFERECER ESPERANÇA, CONSOLTO E TESTEMUNHAR A PRESENÇA AMOROSA DE DEUS, MESMO NAS CIRCUNSTÂNCIAS MAIS DIFÍCEIS

A QUESTÃO DA VIDA NO VENTRE

UM TEMA CRESCENTE NA SOCIEDADE QUE DEMANDA COMPREENSÃO DA IGREJA E REFLEXÃO SOBRE A ORIGEM DA VIDA

REAPROPRIAÇÃO DA SEXUALIDADE

NUM MUNDO ONDE A SEXUALIDADE É FREQUENTEMENTE DISTORCIDA E MAL COMPREENDIDA, SURGE A NECESSIDADE DE UM DEBATE ESCLARECEDOR

VIDA & CAMINHO

AGORA NAS VERSÕES ONLINE OU IMPRESSA

PEÇA JÁ!


**PENDÃO
REAL**

(11) 3105-7773
pendaoreal@pendaoreal.com.br

Siga nossas
redes sociais

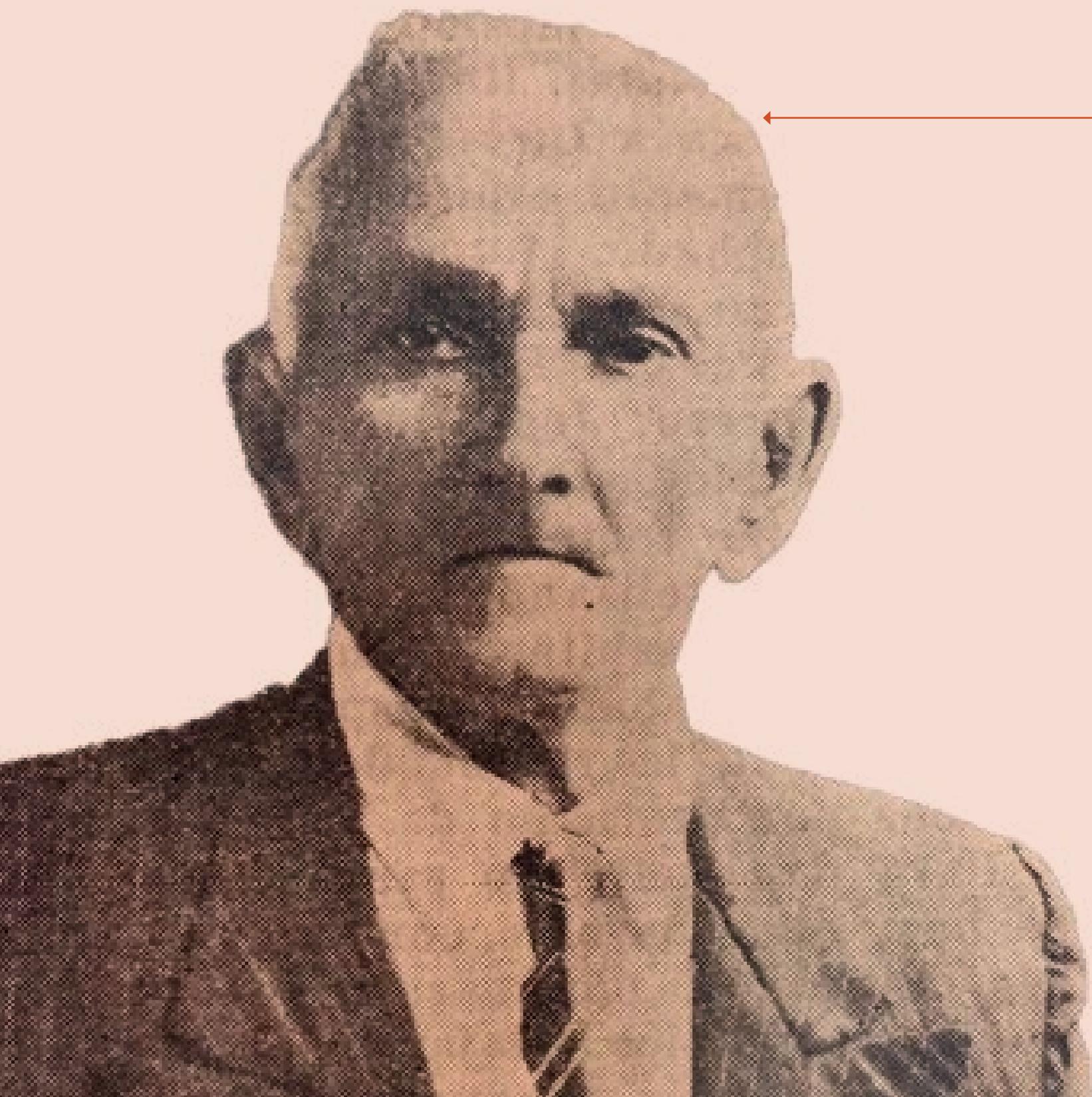


@vidaecaminho



CADERNO ESPECIAL
MEMÓRIAS DO
REV. MANOEL MACHADO





MEMÓRIAS DO

REV. MANOEL MACHADO¹

Há algum tempo, o meu jovem colega Rev. Jonan Cruz pediu-me, por carta, mais uma vez, que eu escrevesse minhas memórias ou reminiscências do meu trabalho. Achei boa a ideia, mas estava indeciso. Minha idade já tão avançada e minhas dificuldades na laboriosa manutenção da vida embaraçam-me. Pouco tempo depois, o meu prezado amigo Carlos René Egg, então secretário executivo da CERAL², fez-me idêntico pedido. Decidi-me, pois, a atender à sugestão.

É possível que, na boa providência de Deus, minhas lutas, derrotas, vitórias e experiências de quase sessenta anos de trabalho evangélico sejam bênção para os obreiros da seara divina no futuro. Uma vez decidido, pus mãos à obra.

Vim à luz desta vida a 24 de dezembro de 1869, na povoação de Alagoa de Dentro, município de Serra da Raiz, Estado da Paraíba. Meus pais eram pobres agricultores; chamavam-se Francisco Benevenuto de Figueiredo Machado e Joana Manoela da Paixão.

Eram católicos praticantes, especialmente minha mãe que era muito piedosa.

Contava ela que, quando eu nasci, o meu crâneo não estava ainda fechado. Tinha na coroa uma espécie de tumor mole, o que levou meus pais a dizerem: “Este menino há de ser padre”.

E o que é interessante é que, aos 15 anos, eu desejava ser padre para pregar, mas minha mãe dizia: “Não, meu filho, eu quero é que você seja padre de uma freira”. Ela temia que eu fosse um mau padre e, por isso, preferia que eu fosse casado e tivesse outra profissão.

MINHA PRIMEIRA CONFISSÃO

Na idade de 12 anos, fiz minha primeira confissão. Um dos pecados que confessei foi este: “Sr. Padre, eu já desejei casar-me”.

Menino, disse ele, você, nessa idade, já pensa em casar-se?

Fiquei envergonhado. Ao 15 anos, eu era discípulo e sacristão do padre José Antônio do Coração de Maria Castro, capelão da Escola de Aprendizagem de Marinheiros na então vila de Cabedelo, Paraíba do Norte.

E O QUE É INTERESSANTE É QUE, AOS 15 ANOS, EU DESEJAVA SER PADRE PARA PREGAR, MAS MINHA MÃE DIZIA: “NÃO, MEU FILHO, EU QUERO É QUE VOCÊ SEJA PADRE DE UMA FREIRA”

O PRIMEIRO TESTEMUNHO DO EVANGELHO

Nesse tempo, residia em Cabedelo um crente, o irmão Antônio Barbosa de Miranda, compoltor³ da Sociedade Bíblica Americana, de quem, pela primeira vez, ouvi falar do evangelho.

Eu gostei muito do que ele falou, ficando interessado em conhecer o evangelho.

1. FICOU CONHECIDO COMO O “PRIMEIRO LEÃO DO NORTE” DA IPI DO BRASIL. SEU NOME COMPLETO ERA MANOEL FRANCISCO DO NASCIMENTO MACHADO. NASCEU EM 24/12/1869 E FALEceu EM 17/8/1954, COM 85 ANOS, APÓS PROFÍCIO E CONSAGRADO MINISTÉRIO DA PALAVRA E DOS SACRAMENTOS NA IPI DO BRASIL (NOTA G. C. LACERDA)

2. SIGLA DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E ATIVIDADES LEIGAS DA IPI DO BRASIL COM IMPORTANTE ATUAÇÃO EM NOSSA HISTÓRIA NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950 (NOTA DE G. C. LACERDA)

3. COMPOLTOR REFERIA-SE A PESSOA ENCARREGADA DE VENDA E DISTRIBUIÇÃO DE BÍBLIAS NO TRABALHO DE EVANGELIZAÇÃO PROTESTANTE NO BRASIL (NOTA G. C. LACERDA)

O presente texto foi encontrado pelo Rev. Éber Ferreira Silveira Lima entre os documentos que se encontram no Museu e Arquivo Histórico Rev. Vicente Themudo Lessa, da IPI do Brasil. Trata-se de importante manuscrito feito pelo Rev. Manoel Machado, conhecido como “Leão do Norte”, que merece ser conhecido. Junto com o manuscrito, foi encontrado também o texto datilografado. Ambos estavam em estado de deterioração. Por isso, foi digitado pelo Rev. Gerson Correia de Lacerda, que também acrescentou notas de rodapé. Sua publicação nesta edição de junho homenageia os pastores jubilados da IPI do Brasil, lembrando o dia do pastor jubilado, comemorado no dia 14 de junho. “A memória do justo é eterna!”

MINHAS LUTAS DE 5 ANOS

Eu era sinceramente religioso. Aos 18 anos, embarquei para o Rio de Janeiro, entregando-me à vida marítima. Fiz duas viagens, uma do Rio a Manaus e outra do Rio a Porto Alegre.

Conhecendo, pois, o nosso litoral do sul ao norte, e as capitais dos estados marítimos, fiquei satisfeito, aguardando o tempo em que conhecesse as capitais dos estados do centro.

Desembarquei e, guiado por companheiros, entreguei-me ao trabalho de estiva. Nesse período, num certo dia, estava eu jantando numa “frege” (casa de comidas baratas, onde os pobres faziam sua refeição), quando passou um velho com uma bolsa cheia de livros à venda.

Os paraibanos como eu disseram: “Lá vai um crente”; e os cariocas: “Lá vai um Bíblia”. Imediatamente terminei o jantar e, pagando-o, saí às pressas, quase correndo, em busca do homem.

Alcançando-o, interroguei-o: “O senhor tem livros à venda?” “Sim, mocinho”, respondeu e, tirando diversos folhetos de propaganda, começou a mostrá-los, mas eu lhe disse: “Eu quero é o livro grande”. Foi então que ele percebeu que eu me referia à Bíblia. E, alegremente, tomou a versão de Figueiredo e apresentou-a a mim. Perguntando-lhe o preço, respondeu-me que era 2\$000 (dois mil réis). Não tendo o dinheiro suficiente comigo, pedi-lhe que me acompanhasse até a minha residência, no Morro do Bispo, à travessa Mato Grosso, 8, a fim de receber o dinheiro, ao que ele aquiesceu.

Quando subíamos a ladeira, parou a certo ponto, hesitante, dizendo que ia com tanto trabalho e, talvez, perdesse a viagem. Mas eu afirmei-lhe que podia ir sem receio, pois a compra era garantida.

Quando cheguei ao meu quarto,

entrei apressado, tomei os dois mil réis e um livro religioso intitulado “Missão Abreviada”. Entreguei-lhe o dinheiro, recebi a Bíblia e, ao mesmo tempo, apresentei-lhe o livro perguntando se era bom. Ele tomou-o, olhou-o ligeiramente, entregou-me de novo e, como homem cheio de experiência, conhecendo minha ansiedade, disse que não podia dar explicações no momento porque já era tarde e, além disso, a vista não o ajudava, pois ele tinha um olho cego. Mas observou que, se realmente eu estivesse interessado, poderia ir à rua Larga de São Joaquim, 179, às 7 horas da noite e receberia a explicação desejada.

No dia seguinte, foi a primeira coisa que fiz, isto é, procurar a rua e o número indicados. Encontrando, fiquei muito alegre e li em cima do número: “Igreja Evangélica Fluminense”.

Descoberta a casa, aguardei a quarta-feira para ir receber a explicação. Então, fui ao local, onde cheguei às 7 horas. Entrei e fiquei deslumbrado com a beleza interna do edifício, em contraste com o exterior, que era um chalé.

O templo foi-se enchendo de crentes e o culto começou. No fim, o velho que me vendera a Bíblia, ao ver-me, levou-me até a presença do pastor, dizendo: “Reverendo, encontrei esta ovelhinha perdida, que lhe apresento”.

Fui imediatamente cercado de muitos moços que me ofereceram diversos folhetos de propaganda. Fiquei admirado do interesse que tiveram por mim.

Passei então a frequentar os cultos durante todo o tempo em que estive no Rio de Janeiro.

Em 1882, voltei à Paraíba, começando a ler a Bíblia para meus pais ouvirem. Minha mãe ficou encan-

tada com tudo o que ouvia. Mas, eu mesmo, como ainda não estava certo de que havia encontrado a verdade, comecei a sentir remorso. Disse, então, à minha mãe, num certo dia: “Minha mãe, vê este livro cuja leitura é tão bonita? Pois os padres dizem que é falsa”. Minha mãe ficou estupefata e, para comprovar o que eu afirmara, tomei a “Missão Abreviada” e li o capítulo contra os protestantes. Ela então me disse: “Pois meu filho, nesse caso, o livro vai ser queimado”. E, apesar dos meus protestos, o livro foi para o fogo.

Depois de queimada a Bíblia, disse eu: “O vigário tem a Bíblia em dois volumes sobre uma banca em sua sala. Assim que eu tiver uma boa oportunidade, tomarei os dois volumes para confrontá-los com a Bíblia dos protestantes. Se perceber que ambas são iguais, então serei um crente”.

Nisto, ergue-se meu pai e diz: “Seu patife! Se você se tornar crente, eu quebro-lhe as costelas”. Diante da atitude de meu pai, baixei a cabeça e nada mais disse.

Como católico e religioso que era, voltei ao culto das imagens, continuando com os terços, mas sentia-me triste e sem muita fé nas imagens.

A casa de meus pais ficava num subúrbio denominado Mandacaru, meia légua fora da cidade. Procurei então o resto do dinheiro que havia trazido do Rio de Janeiro para estabelecer uma bodega na cidade.

Em frente à casa onde eu negociava, morava um velho oficial de pedreiro, meu conhecido, que tinha uma filha que se tornou minha noiva.

No decorrer dos dias, vim a ser padrinho e minha noiva madrinha de um seu maninho, tornando-se assim cada vez mais fortes os laços de amizade que nos prendiam a nós, futuros genro e sogro.

DEPOIS DE QUEIMADA A BÍBLIA, DISSE EU: “O VIGÁRIO TEM A BÍBLIA EM DOIS VOLUMES SOBRE UMA BANCA EM SUA SALA. ASSIM QUE EU TIVER UMA BOA OPORTUNIDADE, TOMAREI OS DOIS VOLUMES PARA CONFRONTÁ-LOS COM A BÍBLIA DOS PROTESTANTES. SE PERCEBER QUE AMBAS SÃO IGUAIS, ENTÃO SEREI UM CRENTE”.

MINHA ÚLTIMA CONFISSÃO

Como religioso que era, tomei parte numas preces que se celebravam no mês de outubro daquele ano. Na primeira noite em que assisti ao ato religioso, o velho vigário disse: “Sua santidade, o Papa Leão XIII, concede indulgência plenária ou remissão de todos os pecados ao fiel católico que assistir ao menos a 15 dessas preces, confessando-se e comungando”.

Eu, que esperava pela remissão dos meus pecados, fiquei contentíssimo e frequentei os atos religiosos, disposto a confessar-me e a comungar para receber a absolvição dos meus pecados.

O mês de outubro daquele ano findou num domingo, que foi o dia da festa. Às 9 horas da manhã daquele domingo festivo, estava eu num canto da sacristia, confessando-me ao bom velhinho Francisco de Paula Melo Cavalcanti, que foi sempre o meu confessor.

Entre os diversos pecados que confessei, estava este: “Senhor Padre, eu falei mal das imagens”. Ao que ele perguntou: “Por que, meu filho? As imagens são uma coisa boa. Elas foram feitas para avivamento da fé. Em Roma, morreu um homem cujo arrependimento foi tão grande que ficou suspenso da terra, um côvado de altura. Logo, as imagens são uma coisa boa. Na cidade de Barcelona, Espanha, os anjos do céu colocaram

na cabeça de um toco uma imagem de Nossa Senhor”. “Mas, senhor padre”, disse eu, “isso foi o que eu li na Bíblia, quando Deus diz: ‘Não terás deuses estrangeiros diante de mim’”.

O padre, então, respondeu: “Ah! Mas isso é um deus estrangeiro. O nosso Deus não é estrangeiro. E você, meu filho, tome cuidado! Por aí andam as Bíblias falsas dos protestantes. Essa gente é como aqueles de quem Jesus falou: ‘Aí de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais o Reino dos Céus aos homens, pois nem entraís e nem deixais que os outros entrem’”.

Terminada a confissão, fui absolvido. Suas últimas palavras foram estas: “Meu filho, peça à Nossa Senhora que o livre dos seus pecados”. Eu senti dentro de mim uma revolta e tive o ímpeto de dizer: “Estou cansado de pedir, senhor padre, mas parece que Nossa Senhora não tem poder”, mas contive-me. Fui o único comungante. No fim da missa, fui abraçado e admirado por todos.

MEU ENCONTRO COM A BÍBLIA ROMANA

Apesar de voltar ao culto católico, continuei, contudo, a frequentar o culto evangélico, uma vez ou outra, procurando encontrar a Bíblia Romana. Uma certa tarde, passando em frente da casa do irmão Antônio

Português, como o chamavam, e que mais tarde vim a saber que era o pai do meu amigo e irmão Joaquim Alves Correia, de saudosa memória, um crente que estava na janela perguntou-me: “Que lei professais?”. Eu, que era versado no Catecismo da Igreja Romana, respondi prontamente: “A lei de Cristo”. “E quem é Cristo?” “É Deus e homem verdadeiro”. Diante da resposta, ele, todo sorridente, me convida a entrar. Aceitei o convite, travando-se em seguida uma discussão religiosa.

APESAR DE VOLTAR AO CULTO CATÓLICO, CONTINUEI, CONTUDO, A FREQUENTAR O CULTO EVANGÉLICO, UMA VEZ OU OUTRA, PROCURANDO ENCONTRAR A BÍBLIA ROMANA

Em pouco tempo, fiquei sem ter resposta. Então eu disse: “Se eu ainda encontrar a Bíblia Romana que possa confrontar com a dos senhores e verificar que ambas são iguais, não havendo, portanto, Bíblia falsa, então serei crente. Até lá, continuarei católico”.

“Pois é muito fácil”, respondeu ele. “O nosso ministro tem uma que poderá emprestar-lhe. Se quiser, eu escrevo um bilhete a ele nesse sentido”.

Havendo aquiescência de minha parte, escreveu e entregou-me o bilhete. Dirigi-me, então, à casa do pastor, que era o Rev. Belmiro de Araújo César, sendo muito bem re-

cebido.

Depois de ler o bilhete e verificando que eu estava apoiando o meu braço sobre um livro volumoso, disse-me: “A Bíblia é esse livro em que o senhor apoia o seu braço; mas como a Bíblia Romana contém os livros apócrifos, é melhor que leve esta pequena, porque o senhor pode confundir-se”. Ao que repliquei: “Eu sei, mas eu quero é que minha mãe me veja confrontar o texto sagrado de ambas as Bíblias e se convença de que não há Bíblia falsa”.

Ante a minha afirmação, ele entregou-me ambas para o devido exame e eu saí muito satisfeito.

Chegando a casa, apresentei-as à minha mãe e começamos a fazer o confronto.

Minha mãe tinha se arrependido de queimar a Bíblia o que me confessou depois de crente.

Começamos o exame meu pai, minha mãe, meus irmãos e eu. Com exceção dos momentos de comer e dormir, eu passava o tempo lendo. Examinei os livros do Velho Testamento e cheguei ao livro de Baruque, quando minha mão interrompeu a leitura para dizer: “Esse Baruque não é inspirado, mas combate os ídolos ainda mais que os inspirados!”

Passé a ler os livros do Novo Testamento e, quando cheguei ao Evangelho Segundo São Mateus, onde Jesus fala dos falsos cristos e dos falsos profetas, ela interroga-me: “Quem são os falsos cristos e os falsos profetas?”



DUAS PESSOAS INCENTIVARAM O REV. MANOEL MACHADO A ESCREVER SUAS MEMÓRIAS: O JOVEM REV. JONAN (À ESQUERDA COM A FAMÍLIA) E O JOVEM PRESB. CARLOS RENÉ EGG (À DIREITA)





IPI DO NATAL, IGREJA QUE
MANOEL MACHADO ORGANIZOU

Como eu não conhecia ainda outra interpretação, respondi: “Minha mãe, os falsos cristos são as imagens e os falsos profetas são os padres que nos enganam”. Ela me repreendeu, dizendo que ainda eu era muito criança para dar essas explicações.

Mas eu continuei a leitura. Cheguei à 2ª Epístola de São Paulo aos Tessalonicenses, onde fala do homem do pecado, do filho da perdição. Minha mãe bateu palmas de alegria, dizendo: “Meu filho, eu já ouvi isso! O finado Joaquim (professor particular de meu mano mais velho) leu isso muitas vezes. Esse homem do pecado não é o Anti-Cristo?” “Sim, minha mãe, esse homem é o Papa. Ele se proclama chefe do clero, sua santidade, santíssimo padre, vigário de Deus na terra e doutor infalível da lei de Deus”.

Quando cheguei ao verso 18 do capítulo 2º da 1ª Epístola de João, minha mãe mandou-me parar e verificar se na Bíblia dos protestantes era a mesma coisa.

Abria-a e li: “Filhinhos meus, é chegada a última hora e, como tendes ouvido dizer que o Anti-Cristo vem, também desde já vos digo que há muitos Anti-Cristos, sabendo que esta é a última hora”.

Minh mãe ficou muito pensativa. Então eu disse: “Já se vê que os cren-tes não são o Anti-Cristo, pois, se o fossem, não poriam isso aqui”.

Cheguei finalmente ao capítulo 9 de Apocalipse, verso 20, e minha mãe diz, espantada: “Que é isso: adorar os demónios, os ídolos de outro, de prata e de cobre, de pedra e de pau?”

Estendi o braço e bati no nicho onde estavam as imagens, dizendo: “É isso, minha mãe”. E acrescentei como se fora o chefe da família: “E isso não se adora mais aqui”.

Minha mãe, muito indignada, concordou comigo, mas, ao mesmo tempo, não sabia o que fazer das imagens. Por isso eu sugeri que dessemos à nossa vizinha. Travou-se, então, o seguinte diálogo: “Sinhá Joanhinha, por que dá as imagens?” “Eu lá quero mais isso! A senhora já viu Nossa Senhora oca?” “Misericórdia, meu Deus! Não diga isso que cai raio!” “Que raio, que nada! Essa é a primeira mentira e, atrás dessa, vêm outras”.

Mais tarde, meu pai chega da cidade e, sabendo que as imagens foram dadas, entra em casa faiscando e pergunta: “Por que vocês deram as imagens?” Minha mãe, calmamente, responde: “Meu velho, você sabe que nunca pôs peia nestas costas; agora, porém, pode preparar o chicote porque eu sou crente”.

Meu pai ficou pálido e mudo e eu abriguei-me sob as asas protetoras de minha mãe.

Desse dia em diante, comeci a

evangelizar toda a minha família. Por si mesma, aprendeu a ler comigo. Dormia com a Bíblia à cabeceira. Sua leitura predileta eram os Salmos.

Afinal, depois de certo empo de leitura continuada, meu pai, que também era analfabeto, levantou-se e disse: “Se isso não é a verdade, não há Deus nem religião verdadeira”. E entregou-se ao evangelho, tornando-se a minha casa a minha primeira congregação.

NEGUEI A CRISTO POR MEIA HORA

Minha noiva tinha adoecido em casa de uma tia a quem fora visitar. Como eu fosse visitá-la, tive ocasião de dizer à sua tia: “D. Senhorinha, encontrei a Bíblia Romana e confrontei-a com a dos protestantes”.

Ela, que estava na janela, vira-se para mim alegremente e pergunta: “E então, Sr. Machado”. “Confrontei ambas e vi que são iguaizinhas. Por isso que, desde já, sou um crente”.

Ela indignou-se e voltou-se de novo para a janela. Minha noiva ficou também horrivelmente exasperada, mas, quando a calma voltou, disse que nem por isso deixava de casar-se comigo. Fiquei muito contente e combinei com ela e com os tios para, no domingo seguinte, irmos à casa dos pais para tratarmos

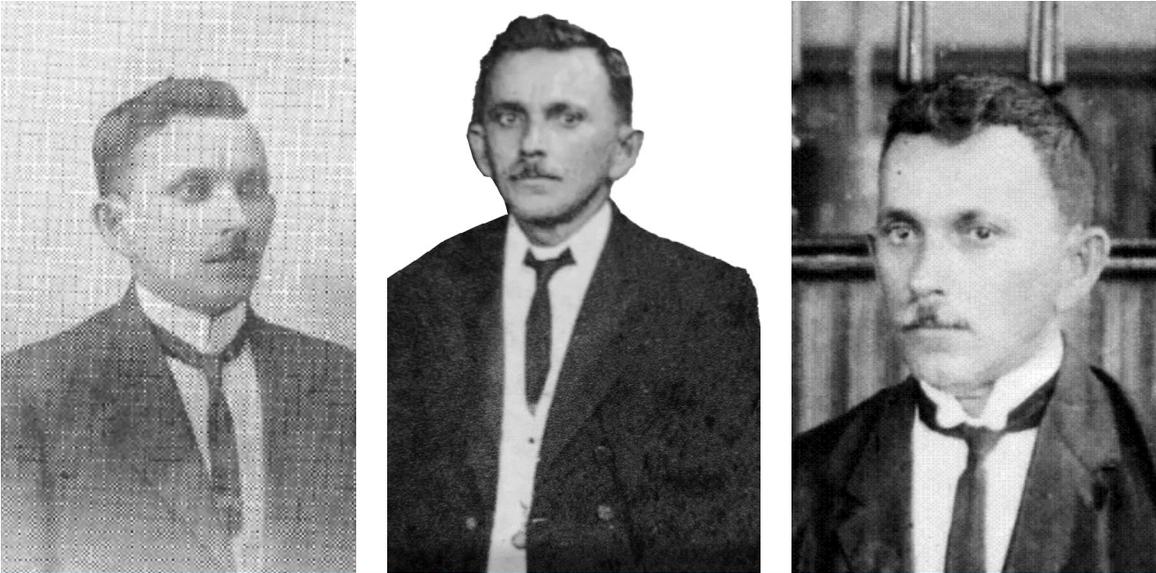
do tempo do casamento.

Assim, no domingo seguinte, fomos à casa dos pais dela, meu compadre e minha comadre, a fim de ajustarmos o dia do enlace. Estavam lá muitas pessoas presentes e falou-se de tudo, menos de casamento.

Quando já se levantam para sair, eu disse à minha noiva: “Então, Chiquinha, não tratamos do casamento?” Ela volta-se para mim e, pondo a mão na cintura, diz: “É como já lhe disse; se o senhor deixar essa crença, eu me caso com o senhor; se não, não”.

Ela estava mentindo, pois jamais havia imposto essa condição, mas, como havia uma boa reunião de católicos, ela quis exibir-se.

Naquele tempo, confessar a Cristo perante incrédulos era coisa difícil e vergonhosa. Por isso, em minha fraqueza, receando que o casamento ficasse liquidado, disse: “Ora essa! Vocês querem fazer-me crente a força! Crente é aquele que se batiza, mas eu ainda não me batizei”, ao que os presentes disseram: “Muito bem, sr. Machado, não deixe a nossa religião, a nossa igreja”. Então eu disse à minha noiva: “Deixarei de ir aos cultos, casar-me-ei na sua igreja, levá-la-ei mesmo à missa, mas uma coisa não posso deixar de fazer: creio no evangelho porque é a verdade e, por isso, guar-



REV. MANOEL MACHADO EM TRÊS DIFERENTES MOMENTOS DE SUA VIDA. NOS DIAS DE MACHADO, FOTOGRAFIAS ERAM RARAS E EXIGIAM TRAJES ADEQUADOS

darei em meu coração essa crença”.

Como os tios da moça se retirassem, deixando-a em casa dos pais, porquanto já se achava restabelecida, eu também me despedi.

Pelo caminho, eu andava como se estivesse pisando em brasas, envergonhado de mim mesmo. Depois de refletir um pouco, percebi que, se a moça estava, desde já, impondo que eu deixasse o evangelho, isso era sinal de que, mais tarde, haveria lutas, pois jamais eu cumpriria aquilo que prometi, porquanto não poderia negar a verdade e nem colocar acima do amor de Deus o amor de uma mulher.

Chegando à minha casa, escrevi uma longa carta aos pais da moça, dizendo-lhes que estava arrependido do que prometera, visto como, diante de Deus e de minha consciência, não poderia cumprir.

De manhã cedo, pedi que meu mano Emídio levasse a carta.

Lá pelas 10 horas, minha comadre chega toda chorosa e diz: “Compadre, Chiquinha ficou muito aflita e disse que não deixa de casar-se com o senhor pelo fato de ser crente”.

Isso foi um bálsamo para o meu triste coração. Pedi, então, que a comadre não deixasse que a filha visse os católicos romanos, pois eram eles que lhe davam tais conselhos.

A comadre voltou alegre e, visto como a moça não deixaria de casar-se comigo, continuei a frequentar os cultos com toda a minha família. Mas cada vez que a moça nos via passar para o culto, ficava furiosa. Minha mãe, percebendo isso, passou a aconselhar-me que não me casasse com ela porque seria infeliz.

Por três vezes aconselhou-me. Na terceira vez, respondi: “Minha mãe, pode lançar-me dez maldições,

PELO CAMINHO, EU ANDAVA COMO SE ESTIVESSE PISANDO EM BRASAS, ENVERGONHADO DE MIM MESMO. DEPOIS DE REFLETIR UM POUCO, PERCEBI QUE, SE A MOÇA ESTAVA, DESDE JÁ, IMPONDO QUE EU DEIXASSE O EVANGELHO, ISSO ERA SINAL DE QUE, MAIS TARDE, HAVERIA LUTAS, POIS JAMAIS EU CUMPRIRIA AQUILO QUE PROMETI, PORQUANTO NÃO PODERIA NEGAR A VERDADE E NEM COLOCAR ACIMA DO AMOR DE DEUS O AMOR DE UMA MULHER

mas eu me caso com a Chiquinha”. Minha mãe ficou muda e duas lágrimas rolaram pela sua face. Isso comoveu-me de tal modo que saí porta a fora, entrei no mato e, ajoelhando-me, orei a Deus pedindo que, se o casamento fosse para o meu mal, ele se desfizesse pelo lado da moça. Deus ouviu a minha oração e pôs em meu coração e em minha mente como deveria agir.

Oito dias depois, fui à casa dos pais da moça que me receberam alegremente. Entrei logo no assunto que para ali me levava: “Compadre, sua filha é uma menina risonha e alegre, mas, quando eu chego, ela fica muito séria. Se, porventura, toco na minha religião, ela recolhe-se para o interior da casa. Ora, o compadre sabe que eu vou ao Rio trabalhar, preparando-me para o casamento. Quando eu voltar, eu não quero ficar desiludido. Portanto, vamos fazer de conta que o contrato é hoje; que a moça diga se ainda quer o casamento”. Ele chama a filha e lhe pergunta: “Você ainda quer casar-se com o compadre; ele é do seu gosto?” “Sempre foi do meu gosto”, respondeu. “E agora, é ainda do seu gosto?” Ela ficou calada. O pai instou três vezes para que respondesse. Afinal, ela disse: “Eu sempre quis para fazer a vontade de meus pais”. A comadre avançou para ela com os punhos cerrados, dizendo: “É mentira; o Chiquinho só ofereceu você ao compadre porque bem via que você o namorava”.

De fato, ele ofereceu-me a filha, mas, se ele não a oferecesse, eu a pediria. Diante da resposta da moça e da ira da comadre, levantei-me e disse: “Comadre, peço-lhe, pela amizade que me tem, não toque nela”.

Estendendo a mão, despedi-me dela e dos pais e voltei para casa. Dormi tranquilo, sem nada ter dito a meus pais, mas, às 5 horas da manhã, acordei soluçando, banhado de lágrimas, com uma angústia horrível.

Levantei-me, fui à casa de minha mana e lhe contei que havia rompido o casamento. Voltei para casa, tomei uma enxada e segui para o roçado de meu pai, cuidando ver se me distraía. Mas foi em vão, pois a angústia continuava. Atirei a enxada de um lado e voltei para casa.

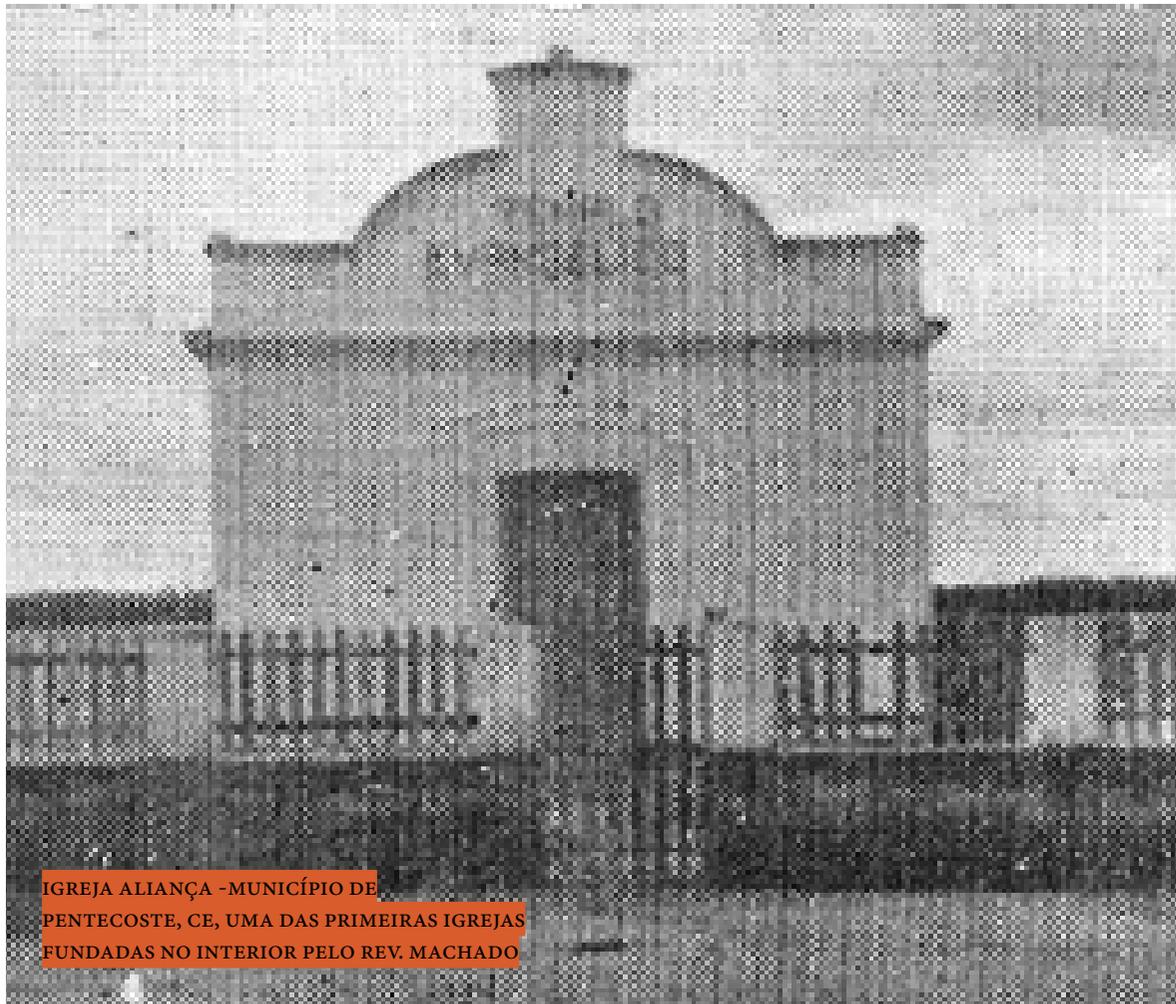
Quanto vou chegando, vejo que minha mana, minha mãe e meus manos estavam conferenciando no terreiro. Vi no rosto de minha mãe duas coisas, o sorriso e a compaixão, mas vi também lágrimas nos seus olhos.

Vendo a minha profunda tristeza, disse: “Meu filho, tenha paciência”. Mas eu soltei um grito estridente, pedindo que não me falassem. Todos ficaram mudos diante de mim. Sentei-me junto a uma banca onde estava a Bíblia. Resolvi abri-la e ver se me daria tranquilidade. Bem depressa, porém, deixei-a de novo sobre a banca. Mas o pensamento de que eu devia ler a Bíblia voltou e de novo eu a tomei, mas, quase imediatamente, a deixei. O pensamento veio pela terceira vez e eu peguei a Bíblia e abri por acaso em Provérbios, capítulo 11 e li o verso 9: “O fingidor, com a sua língua, engana, mas o justo será livre pela ciência”. Imediatamente veio-me a luz à mente, interpretando o texto assim: “O fingidor é ela que me enganou e o justo sou eu que fui livre pela ciência de Deus”. Voltando o meu olhar para outra página, li este verso: “A moça formosa é como anel de outro na tromba de uma porca”.

Nesse momento, o meu coração ficou aliviado; fechei devagarinho a Bíblia e a pus sobre a banca. Estava ali um livro de Salmos e Hinos, tomei-o e li em voz alta:

*“Quão bem-aventurado o servo do Senhor
Que não faz aliança com o desprezador!”*

“Estás vendo, meu filho?” Era como se dissesse: “Os meus conselhos não eram verdadeiros?” Senti, pois, que a minha angústia foi vencida, vindo a tranquilidade.



IGREJA ALIANÇA -MUNICÍPIO DE PENTECOSTE, CE, UMA DAS PRIMEIRAS IGREJAS FUNDADAS NO INTERIOR PELO REV. MACHADO

MINHA PROFISSÃO, REGENERAÇÃO E BATISMO

Um mês depois, apresentei-me ao Rev. Araújo Cesar, pedindo-lhe profissão de fé. Era uma quarta-feira. Ele designou o domingo seguinte, após o culto da manhã, para ser eu examinado.

No sábado, veio à minha mente a seguinte sugestão: “Visto que, de amanhã em diante, vou pertencer a Deus para sempre, despede-te do mundo hoje”. Esta sugestão de Satanás foi posta em prática sem dificuldade.

No domingo indicado, apresentei-me à sessão da igreja. A primeira pergunta que me foi feita foi esta: “Quanto tempo faz com o senhor não cai no mundo?” Eu fiquei suspenso e cheio de uma perturbação enorme. Num momento, disse comigo: “Se eu disser que foi ontem, ele não me receberá; se disser que faz muito tempo, é uma mentira. Que hei de responder?”

Nesta dificuldade e perturbação, disse: “Não sei que tempo faz”. Disse

ele: “Fará uns três meses?” “Mais ou menos”, disse eu. Interrogou novamente, dizendo: “Eu não digo que o senhor minta, mas suponhamos que não esteja dizendo a verdade; neste caso quem engana: a Deus ou aos homens?” “Aos homens, pois a Deus não posso enganar”. “E, se esta sessão recebe o senhor sem ser crente, quem é o culpado do seu pecado?” “Eu”, respondi. “O senhor sabe orar?” “Sim!” “Faça, pois, uma oração”.

Eu orei e o exame prosseguiu, mas eu estava numa situação aflitiva. Finalmente, o pastor disse: “O senhor volte no domingo seguinte para ser batizado”.

Penso que o Rev. Cesar percebeu a minha perturbação e, por isso, deu-me tempo para refletir, pensando talvez que eu não voltaria mais.

Regressando para o sítio em que morava com meus pais, estava sempre a exclamar: “Meu Deus, que hei de fazer para me salvar?” Passei três dias como fora de mim, como se estivesse com febre, com a mente perturbada, sem refletir claramente.

Depois desses três dias, notei admirado que os meus pensamentos e desejos impuros tinham desaparecido como por encanto.

Quinze dias depois, vieram dois primos meus, a quem eu havia escrito uma carta explicando-lhes o evangelho; buscavam-se para eu pregar-lhes a verdade.

Refletindo eu que havia já quinze dias que desapareceram os desejos impuros sem que tivesse havido qualquer esforço meu, sendo convidado pelos meus parentes a pregar-lhes as doutrinas de que lhes falara na carta, o meu gozo foi indescritível.

NO DOMINGO INDICADO, APRESENTEI-ME À SESSÃO DA IGREJA. A PRIMEIRA PERGUNTA QUE ME FOI FEITA FOI ESTA: “QUANTO TEMPO FAZ COM O SENHOR NÃO CAI NO MUNDO?” EU FIQUEI SUSPENSO E CHEIO DE UMA PERTURBAÇÃO ENORME. NUM MOMENTO, DISSE COMIGO: “SE EU DISSER QUE FOI ONTEM, ELE NÃO ME RECEBERÁ; SE DISSER QUE FAZ MUITO TEMPO, É UMA MENTIRA. QUE HEI DE RESPONDER?”

MINHA SEGUNDA CONGREGAÇÃO

Cheio, pois, de felicidade e de gozo, acompanhei meus parentes, viajando a pé 14 léguas. Passei com minha tia, uma velhinha de 72 anos, 8 dias, durante os quais preguei sempre.

Depois dessa semana de bênçãos, voltei. Chegando em casa, continuei evangelizando minha família.

Algum tempo depois, pedi permissão a meus pais para voltar, a fim de continuar evangelizando os parentes e, ao mesmo tempo, trabalhando na lavoura.

Dada a permissão, voltei ao Cuité de Chica Gorda, no município de Mamanguape, 12 léguas a noroeste da cidade de Paraíba, hoje João Pessoa.

Ali passei um ano, evangelizando e trabalhando na lavoura. Como resultado desse trabalho, converteram-se 14 pessoas de parentes e estranhos, entre as quais aquela que foi a minha primeira esposa, D. Tereza Maria de Jesus, vindo a ser irmã em Cristo, filha na fé e esposa, com quem vivi 41 anos, havendo 15 filhos, partindo para o Senhor na idade de 60 anos e ficando eu com 65.

Era, pois, o meu objetivo o seguinte: 1) Evangelizar; 2) Conseguir por meio da lavoura a importância de que precisava para as despesas do projetado casamento.

Depois de um ano, voltei para a capital e, por sua vez, os novos convertidos que se agregaram à igreja professaram a fé.

De todos os novos convertidos, só a minha noiva ficou em casa dos seus pais, mas com a promessa de ir buscá-la com a minha mãe logo que tudo estivesse pronto para o casamento.

Em novembro de 1893, o Rev. Belmiro de Araújo Cesar foi eleito para o pastorado da igreja de São Luiz do Maranhão, ficando a igreja da Paraíba aos cuidados dos presbíteros.

Um mês após a saída do Rev. Araújo, realizou-se o meu casamento, cuja bênção foi impetrada pelo presbítero Lins.

Nesse ano chegou à Paraíba o Dr. George Henderlite como missionário, tomando conta da igreja e do seu campo.

Encontrando-me em atividade, convidou-me para o ministério. Fiquei, pois, como candidato do Presbitério de Pernambuco. Mas

a casa do Dr. Henderlite era o meu seminário e ele, o meu professor.

MINHA TERCEIRA CONGREGAÇÃO

No mesmo ano, fui residir com a minha família na então Vila de Santa Rita, numa casa especialmente construída para 8 pessoas.

Durante esses anos, fomos sempre perseguidos, sendo a maior perseguição, na qual quase fui morto e o trabalho extinto, no dia 31 de outubro de 1897.

Mais de 200 pessoas estavam presentes no apedrejamento da casa, enquanto um indivíduo de nome Manoel Dias me subjugava com um punhal alçado sobre o meu peito, enquanto três policiais mascarados com o povaréu quebravam tudo, destruindo minha pequena estante de livros.

Uma irmã no evangelho, supondo que eu seria morto, lançou mão de uma tranca de janela e deu-lhe uma paulada que o banhou de sangue, batendo ainda em dois dos agressores.

Nesse instante, entra um católico meu conhecido e diz: “Manoel Dias, solte o rapaz e vá criar seus filhos”. Ele obedeceu saindo e foi banhar a cabeça numa casa defronte, enquanto eu, com a metade do paletó rasgada, com os braços cruzados, contemplava os destroços e os candieiros incendiados.

Contemplando, pois, aquela cena de barbárie, ouvi uma voz do meio da multidão que dizia: “Com Machado, que lá vai ele”.

Imediatamente perguntei à minha esposa pelas minhas filhinhas Marta e Sônia. “Estão aqui”, disse ela. Tomando as meninas, saímos com uma irmã, ficando na casa um rapazinho, nosso empregado, com o cavalo na estrebaria e uma cabra de leite das crianças. E, também, uma velha irmã que brigava com os meninos que carregavam os objetos, recebendo pancadas e descomposturas. No fundo do quintal, um vizinho havia feito uma passagem, arrombando a cerca, para nossa escapada. Ele foi o pedreiro que fez a limpeza da casa. “Boa noite, senhor, Eduardo”, disse quando o vi, “o senhor pode receber-nos em sua casa, enquanto tudo se acalma?” “Pois não, senhor Machado, passe à casa com a sua família”. Ele nos conduziu à sua casa que

nos serviu de abrigo até às 11 horas, quando tudo já estava calmo.

Então saímos, indo por um lado do cemitério que era perto da casa. Atravessamos um mato de 50 a 60 braças de extensão, saindo num bairro que se chamava Nova Descoberta, no qual residia a irmã que nos acompanhava, na casa de quem encontramos o rapazinho, com o cavalo, a cabra e a velha irmã que brigava com os garotos que saqueavam os trastes da casa.

Voltamos pela rua da vila, rumando para a capital; era impossível, pois as ruas estavam guardadas por piquetes ou grupos de inimigos que aguardavam nossa passagem. Assim, atravessando a via férrea, margeamos a mata do Engenho Tibini, por cuja barragem atravessamos para a fábrica de tecidos, saindo no caminho para a capital, onde chegamos às 5 horas da manhã.

Minha esposa estava próxima ao parto do terceiro filho; com o susto por que passou, sentida dores como as de parto. Mas o amigo que nos recolheu em sua casa buscou uma dose de medicamento que, tomando-a, ela melhorou. Àquela mesma hora, procuramos a casa do Dr. Henderlite que nos recebeu penalizado.

Continuei, pois, na capital, estudando e viajando pelo interior. As congregações eram 5 e havia outros pontos de pregação. O trabalho de pregação estendia-se já a 40 léguas da capital, em Barra de Santa Rosa, ponto de partida para o alto sertão.

Em 14 de julho de 1900, fui ordenado pelo Presbitério de Pernambuco, fazendo minha primeira viagem de evangelização ao alto sertão da Paraíba.

Nessa viagem, eu ia cheio de receio, pois era o primeiro ministro que viajava para o sertão.

Além disso, acompanhava-me um pobre velho quase indefeso. Ainda não havia crentes, mas somente pessoas que simpatizavam com o evangelho, segundo o testemunho que me deu o irmão Antônio Barbosa de Miranda, copoltor da Sociedade Bíblica Americana.

Seguimos, pois, diretamente para Barra de Santa Rosa, onde passei alguns dias pregando; partindo dali, o primeiro lugar visitado foi Caicó, cidade limítrofe entre os dois estados, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Em Caicó, preguei a uma grande multidão; só havia ali uma congre-

MEU PASTOREIO EM SERGIPE

Em 1904, eu achava-me em situação econômica muito aflitiva, pois cheguei ao fabrico de cigarros, com a minha família, em uma fábrica. O meu salário era então 100\$000 pagos pela Missão Estrangeira. Com a ida do Dr. Henderlite para Garanhuns foi suspenso o auxílio de 50\$000 que ele me dava.

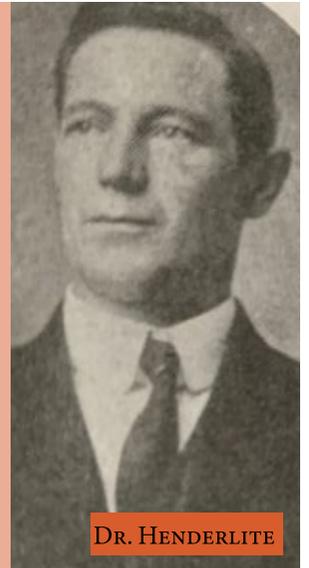
Três anos, pois, que trabalhei como pastor evangelista na Paraíba foram três anos de aflição para manter-me com a família.

Aconteceu que, nesse tempo, a igreja sergipana estava sem pastor. Escreveu-me, pois, o Dr. Henderlite, aconselhando-me que fizesse uma visita a Aracaju, da qual poderia resultar um convite para o seu pastoreio, pois estava em acordo com o Dr. Waddell nesse sentido, o qual estava na Bahia.

Fiz, pois, a visita indicada, passando três meses com os sergipanos.

Como dissera o Dr. Henderlite, a visita resultou num convite para o pastoreio daquela igreja. Assim, pois, voltando à Paraíba, preparei-me para ir a Sergipe.

No dia 5 de fevereiro de 1905, assumi o pastoreio da igreja sergipana, tendo o salário de 205\$000 e 30\$000 das Missões.



DR. HENDERLITE

gação pertencente à Igreja de Natal. O espírito de liberdade em Rio Grande do Norte é uma realidade que alegra e anima o trabalhador...

De Caicó rumei ao sertão paraibano, pregando nos seguintes lugares: 1) Jenipapo, município de Pombal, fazenda do Capitão Antônio Martins da Nóbrega. A frequência foi de 30 a 100 pessoas que ouviram com muita atenção; 2) Pombal, em casa de um genro do Capitão Antônio Martins. As reuniões foram de 100 a 200 pessoas entre os de dentro e os de fora; 3) Souza, em casa do Sr. Francisco de Sá Benevides, escrivão do Juiz de Direito. Nessa cidade preguei uma única vez a umas 15 pessoas que estavam dentro da casa. Mas a multidão dos de fora (500 pessoas) vaiava, apedrejava e até ovos podres atiravam. Soubemos depois que havia uma emboscada no quintal de uma casa vizinha. Perseguiam de fora esperando que eu fugisse pelo quintal para então matarem-me com um tiro de pistola. Depois do culto, fiquei até meia noite, doutrinando aquela família. Nessa hora, o Sr. Benevides mandou-nos por um

portador de confiança para uma sua fazenda a duas léguas de Souza, e dali, pela manhã, levou-nos a um povoado que se chamava Casinha do Homem (hoje, Betânia), onde havia uma família amiga do evangelho. Ali preguei três vezes a umas 100 pessoas, das quais 50 creram, sendo, pois, noutra viagem, batizadas pelo missionário, Dr. Henderlite. Hoje, há ali um grande templo.

De Betânia fui conduzido para Jardim de São Lourenço, onde havia uma família crente, cujo chefe foi sepultado em sua própria fazenda. Nesse lugar preguei também três vezes a umas 60 pessoas, todas manifestando muito respeito e atenção. Dali fui para Jenipapo, pregando ainda alguns dias. Terminado meu trabalho no sertão, voltei para a capital.

Hoje, graças ao Senhor, em todos esses lugares há igrejas com templos edificadas.

Chegando à capital, fiquei à frente da igreja e de seu campo, visto ter ido o Dr. Henderlite para Garanhuns dirigir o seminário.

Fiquei, pois, três anos à frente da igreja paraibana.

MINHA LUTA MORAL

A questão que surgira na igreja² sobre a incompatibilidade da profissão maçônica com a do evangelho prendeu minha atenção de tal modo que resultou numa carta que escrevi ao Rev. E. C. Pereira³, de saudosa memória, declarando-me solidário ao movimento.

Dizia eu num trecho da referida carta: “Serei o Eduardo do Norte”.

Assim, pois, ele esperava a minha adesão na primeira oportunidade. Acontece, porém, que, lendo no Puritano⁴, os artigos de Zacarias de Miranda⁵ sob esta epígrafe: “Pontos nos iii”, vieram dúvidas horríveis quanto à sinceridade do Rev. Eduardo.

Foi esse um tempo de amargura e tristeza para mim porque era um anti-maçom convicto.

Nesse período eu recorri à oração para que Deus me esclarecesse nessa questão. Lembrando-me do sinal que Gideão pedira a Deus para saber se seria vitorioso contra os midianitas, resolvi também pedir um sinal a Deus.

Escrevi ao Presbitério de Pernambuco, consultando-o se, como ministro presbiteriano, poderia condenar a Maçonaria.

Em minhas orações eu dizia ao Senhor: “Se o Presbitério responder que sim, que posso condenar a Maçonaria, então ficarei sabendo que devo continuar na Igreja Presbiteriana; se responder que não, então a tua vontade é que eu fique na Igreja Presbiteriana Independente”.

Logo na oração da primeira noite, quando comecei lendo

um Salmo e orando de joelhos, pedindo como sinal o sim ou o não do presbitério, uma voz dentro de mim respondeu: não. Voz tão clara como alguém me falando face a face. Estranhei sem compreender essa voz.

Dessa noite em diante, toda vez que eu orava pedindo um sinal sim ou não do presbitério, essa voz dizia sempre não.

Depois de alguns dias, eu disse comigo: “E se, de fato, o presbitério disser não, terei eu força suficiente para separar-me dos meus irmãos?”

Tive medo de continuar pedindo o sinal. Que aflição, que agonia eu sentia quando orava e queria pedir o sinal... Vinha-me sempre suor frio nas mãos e terminava dizendo: “Meu Deus, tu sabes o que eu quero; concede-me por amor de Jesus”.

Antes de completar três meses que orava, me senti mais calmo. É que Deus, misericordioso e paciente, afrouxara sua mão.

Sentindo-me mais calmo e cada vez mais amando os meus irmãos e, também, mais convicto contra a profissão do crente na Maçonaria, tirei comodamente a seguinte conclusão: “Deus que me fez amar mais os meus irmãos presbiterianos e, ao mesmo tempo, me fez mais firme e convicto contra a profissão maçônica, certamente quer que eu dê uma das mãos para os presbiterianos e outra para os independentes, e os abraçe em Cristo”. Essa acomodativa conclusão deixou-me tranquilo por mais um pouco de tempo.

Em fins de março de 1906, recebi do Rev. Bento Ferraz, que voltava de sua viagem ao Norte, mas que estava ainda em Fortaleza, uma carta pedindo-me para ir à alfândega de Aracaju, Sergipe, retirar um caixote que ele enviará para aquela capital. Dizia-me um trecho de sua carta: “Temos muito o que conversar”.

Logo que recebi a carta e a li, entrei no meu quarto e, em oração, disse: “Meu Deus, livra-me do Bento Ferraz”.

Acabaram-se a paz e a tranquilidade fictícias que sentia. Entretanto, quando ele chegou no primeiro pacote, fui, juntamente com o grupo de independentes que havia ali, recebê-lo.

Feita a recepção, voltei para casa.

No dia seguinte, ele foi visitar-me. Em conversa comigo diz: “Então, Rev. Machado, o que resolveu sobre sua adesão?” Como resposta contei-lhe minhas lutas e o pedido a Deus do sinal pelo sim ou não do presbitério. Entreguei-lhe um pacote de cartas, respostas das que eu enviara a dois missionários, a Álvaro Reis, a Belmiro Cesar, ao Dr. Henderlite e ao presbitério.

Os missionários diziam: “Não vemos necessidade de consultar o presbitério. Você, como pastor, juntamente com os presbíteros, podem resolver o caso”. Álvaro Reis dizia: “Bem sabes que não posso aprovar a tua atitude”. Para não alongar muito, basta dizer que todos, sem exceção, responderam não.

O Rev. Ferraz, depois de ter passado a vista nas cartas, disse-me: “O irmão errou desde o princípio, pois pedia a Deus uma revelação, quando Deus já nos revelara a sua vontade na sua santa palavra, a Bíblia. Contudo, ele revelou o sinal; você é que não o viu”. Em seguida, foi apontando o não em todas as cartas, e acrescentou: “Não sei como Deus tem tido paciência consigo; crê, pois, e resolva”.

Em seguida, pus o púlpito da Igreja de Aracaju à disposição dele para conferências, o que ele aceitou. Despedindo-se, voltou para a casa do presbítero Teles de Gois, onde estava hospedado.

Depois, eu refleti um pouco dizendo: “Ora essa... Orar... Para que? A questão aqui é de fé para resolver”. Fui, então, para a casa do presbítero onde o Rev. Bento estava, levando-lhe minha adesão.

Foi grande o júbilo de todos os independentes de Aracaju. Então o Rev. Bento diz: “Sou portador da Igreja de Fortaleza para, em seu nome, no caso de o senhor aderir, convidá-lo para o pastorado da mesma”.

Eu aceitei de bom grado, pois já a conhecia desde 1900, quando fui ordenado e convidado por um presbítero a passar um mês no seu seio. O Rev. Bento Ferraz fixou o meu salário em 250,00 mensais.

Comunicando à Igreja de Aracaju a minha decisão e adesão à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, os irmãos e eu, tristes e com lágrimas, nos separamos, pois muito nos amá-

vamos. Em seguida, foi alugado um salão para as pregações até o tempo de seguir para Fortaleza.

Em meio de 1906, segui com minha família para o Ceará, assumindo o pastorado da Igreja de Fortaleza, com regozijo de todos os crentes no Senhor.

Ali fui pastor residente 5 anos, tempo em que fiz o maior trabalho no Norte. Além da igreja da capital, estendi o trabalho pelo interior, sendo 15 as congregações estabelecidas e mantidas, além de diversos pontos de pregação.

Naquele Estado dei os primeiros passos para fazer a independência financeira do Norte.

Não podendo manter-me com o salário de 250,00, comecei a fabricar pão em nossa casa, dando-lhe o nome de pão inglês por ser feito com um fermento inglês. Um rapaz que empreguei encarregava-se de vendê-lo; o povo dava o nome de “pão do ministro”. Era tão excelente que se podia usá-lo como sobremesa.

Nesse tempo, eram presbíteros da Igreja de Fortaleza o finado Dr. Albino José de Farias e Cândido Olegário Moreira, hoje ministro da Palavra. O primeiro entusiasmou-se tanto com a minha tentativa que chegou a comprar-me uma casa na rua Gal. Sampaio para que eu estabelecesse uma padaria no comércio. “Padaria dá muito lucro”, dizia ele. “O senhor pagará a importância da casa (6.000,00) que fica hipotecada para mim; uma vez paga a dívida, ficará com a sua propriedade. Fomos ao cartório, sendo passada a escritura, ficando assim, com a minha esposa, dono de uma boa casa.

Além disso, aquele amigo forneceu dinheiro para limpeza da casa e instalação da padaria.

Quando já havia fornecido 3.396,00, recusou, sem eu saber a razão, aconselhando-me a pregar o evangelho em vez de ser padeiro. “Mas”, disse eu, “não foi o irmão que fez tudo isso? Quem sou eu para comprar uma casa? Agora que, segundo o seu proceder, eu sou o proprietário, fica ridículo para mim; por isso mantenho o que foi ajustado, pagando-lhe as prestações combinadas”. “Mas eu não as receberei”, disse ele. “Se o

2 REFERÊNCIA À IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL (IPB) (NOTA G. C. LACERDA)

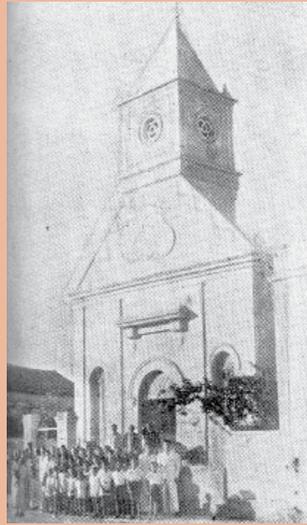
3 PASTOR DA IPB QUE DEFENDIA A INCOMPATIBILIDADE ENTRE A PROFISSÃO DE FÉ MAÇÔNICA E EVANGÉLICA, TORNANDO-SE LÍDER DE UM GRUPO QUE SAIU DA IPB E FORMOU A IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL (IPIB). (NOTA G. C. LACERDA)

4 JORNAL DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL INICIADO EM 1899 QUE PERDEU ATÉ O ANO DE 1959, QUANDO PASSOU A SER O JORNAL BRASIL PRESBITERIANO, ÓRGÃO OFICIAL DA IPB (NOTA DE G. C. LACERDA)

5 PASTOR DA IPB QUE FEZ OPOSIÇÃO AO REV. EDUARDO CARLOS PEREIRA, DEFENDENDO A COMPATIBILIDADE ENTRE A MAÇONARIA E O EVANGELHO. (NOTA G. C. LACERDA)



REUNIÃO DE INSTALAÇÃO DO PRESBITÉRIO DO NORTE, NO CEARÁ, EM JANEIRO DE 1909. ASSENTADOS, PRESB. CÂNDIDO OLEGÁRIO MOREIRA, REV. VICENTE THEMUDO LESSA, PRESB. JOSÉ MARIA DE LIMA, EM PÉ, REV. MANOEL MACHADO E REV. ALFREDO FERREIRA



IPI DO NATAL, IGREJA ORGANIZADA PELO REV. MANOEL MACHADO, E A IPI DE FORTALEZA QUE FOI A PRIMEIRA PASTOREADA PELO REV. MANOEL APÓS ADESÃO À IPI, EM 1906

irmão não quiser recebê-las”, disse eu, “entregá-las-ei ao juiz que há de decidir a respeito”.

Vendo eu que iria ficar envergonhado, não podendo pagar os objetos já encomendados, recorri ao presidente da Comissão de Missões Nacionais, pedindo que me fosse enviado o saldo do meu salário daquele ano, que era 609,00. Chegando o saldo, paguei 400,00 dos objetos encomendados e, com 209,00, estabeleci a padaria.

Esses foram dias de muita aflição para mim. Uma vez ou outra, alguém me perguntava: “Sr. Machado, quando vai ao sertão?”

Essa pergunta deixava-me doente, pois eu percebia que duvidavam da minha sinceridade e da minha vocação.

Fui obrigado a dizer numa ocasião: “Os irmãos não têm caridade para comigo. Se tivessem, diriam: Demore mais, Sr. Machado, firmando melhor o seu negócio e, depois, vá. Mas, para que não pensem que os interesses materiais me impedem de cumprir os meus deveres espirituais, irei logo, mas ficando certo da derrota”.

De fato, quando voltei da viagem do interior, encontrei um prejuízo colossal: algumas barricas de pão seco, nenhum pó de farinha, nem dinheiro. Nesse caso, suspendi o trabalho dos pães, despedindo os padeiros. Recorri aos donos de outras padarias, obtendo farinha a crédito. Comecei a fazer pão doce, indo, aos poucos, me apurando.

Indo a São Paulo, à reunião do Sínodo, se não me engano em janeiro de 1910, não se lembro também se em reunião extraordinária, na volta conduzi comigo minha mãe e ma-

nos que estavam no Rio.

No fim desse ano para princípio de 1911, minha mãe faleceu, voando para o seio do Senhor.

Estava também um filho meu de 11 anos doente dos rins. Por essa razão, fiz voltar três vezes portadores do sertão que tinham vindo buscar-me. Na quarta vez, apesar do menino estar muito mal, resolvi seguir, deixando caixão e mortalha entregues à minha esposa. Deixei também dois telegramas escritos que diziam assim: “Menino melhor” e “Menino morreu”. Melhor ou morto, que me telegrafasse.

Recolhi o portador para seguirmos pela manhã. Antes de recolher-me para dormir, fui ao leito do meu filhinho beijá-lo, enchendo de lágrimas suas faces. Ele estava fora de si, mas conheceu-me dizendo: “Papaizinho, papaizinho”.

Pela manhã, saímos. Quando foi no terceiro dia de viagem, recebi o telegrama: “Menino melhor”. Dei graças a Deus, seguindo mais tranquilo.

Na Serra de Uruburetama, onde passei três dias pregando, na tarde de cada dia, internava-me num cafezal para orar pelo meu filhinho.

No dia 14 de setembro daquele ano, quando orava por ele, ao terminar, ouvi ou senti em mim uma voz que dizia: “Não convém orar mais”. Assustado, levantei-me dizendo comigo: “Será que o menino morreu?” Fiquei inquieto. Às 5 horas da tarde, descí da serra para S. Francisco de Uruburetama, onde a congregação me esperava para pregar. Depois do culto, o dono da casa, o irmão Manoel Sanches, entregou-me o telegrama que dizia: “Menino morreu”. Ah! Que noite

horrível de angústia padeci.

Pela manhã, abraçando os irmãos voltei para Fortaleza. Minha primeira pergunta à minha esposa foi esta: “O menino voltou a si?” “Sim”, disse ela, “perguntou por você e eu disse: ‘Foi para o sertão, meu filho.’ Então, começou a chorar”.

Só quem é pai pode avaliar a minha angústia. Eu pretendia dizer-lhe, se tivesse sarado, a razão por que o havia deixado naquele estado. Deus não quis que eu tivesse esse consolo.

Em princípios de 1911, recebi uma carta do Rev. Eduardo Carlos Pereira, dizendo que 95 pessoas da Igreja Presbiteriana de Natal aderiram à igreja Presbiteriana Independente, pedindo-me que fosse a Natal tomar conhecimento dessas adesões. Caso achasse conveniente, organizasse-os em igreja.

Foi, pois, organizada a Igreja Presbiteriana Independente de Natal no dia 20 de abril de 1911.

Depois, verifiquei que era preciso mudar a sede do pastorado de Fortaleza para Natal. Assim, fiquei à frente da Igreja de Natal, visitando a de Fortaleza.

Em 1918, se não me engano, o presidente da Comissão de Missões Nacionais comunicou para o Norte que, não havendo meios suficientes para continuar a sustentar os trabalhos no Norte, estava em entendimento com os missionários a fim de entregar o Norte às Missões Estrangeiras como faixa missionária até que pudesse novamente assumir a direção.

O Norte e os meus companheiros protestaram, mas sem solução de continuidade da independência finan-

ceira do Norte. Então, propus ao presidente da Comissão de Missões mais ou menos o seguinte: “Visto que a nossa igreja não pode continuar a manter os trabalhos no Norte, proponho que sejam chamados para o Sul os meus dois colegas, Alfredo Ferreira e Alfredo do Vale, para engrossar as fileiras dos trabalhadores aí, e eu me proponho a tomar conta de todo o Norte, aumentando assim os trabalhadores do Sul e, ao mesmo tempo, diminuindo a despesa do Norte. Peço, porém, permissão para estabelecer trabalho leigo sendo sustentado pelo Norte, a fim de me auxiliar”.

Esta proposta foi aceita. O Sínodo de 1919 convocou os meus companheiros para o Sul, sendo-me entregue o trabalho do Norte. Foi nomeada uma subcomissão de missão no Norte, da qual fui presidente e tesoureiro ao mesmo tempo.

Escrevi uma circular ao Norte, concitando-o a realizar sua independência financeira.

De 1919 em diante, foi alargando-se o nosso movimento financeiro e preparando novos moços para o ministério no Seminário Evangélico do Norte, em Recife.

Severino Lima, Sebastião Moreira, Anizio Ferreira e José Cruz foram os primeiros candidatos, sendo o último sustentado por D. Vina Faria, viúva do Dr. Albino José de Faria.

Assim, pois, o Presbitério do Norte, que havia sido extinto, foi reorganizado.



IPI DE CABEDELLO

MINHA JUBILAÇÃO

Em 1934, achando-me exaustido do imenso trabalho que fiz, tendo 34 anos e 6 meses de trabalho no ministério, e 7 anos e 6 meses de trabalho leigo, e 65 anos incompletos de idade, requeri jubilação ao presbitério que a concedeu.

Hoje, tenho 80 anos e 4 meses de idade, sentindo sempre o desejo de continuar a trabalhar.

O tempo de mais sofrimentos

e provações que passei foi de 1902 a 1904, na Paraíba, antes de minha adesão à Igreja Presbiteriana Independente. E de 1934 até agora, desde a minha jubilação.

Depois de minha adesão, houve um período que foi denominado de “o período das vacas gordas”, por haver melhorado as finanças.

Agora é o tempo das vacas magras em que tenho sofrido privações e aflições horríveis. Sou hoje com a minha segunda família um verdadeiro flagelado. Até mesmo a pobre mobília que tinha foi liquidada, feita em pedaços com as cons-

tantes mudanças de um campo para outro. Até o nosso velho guarda-roupa, que era uma peça fortíssima, fez-se em pedaços com a nossa

**AQUI ESTOU, FINALMENTE,
AGUARDANDO A ÚLTIMA VIAGEM,
DE ONDE NÃO SE VOLTA**

ida para Pão de Açúcar em março de 1946, onde ficamos 3 anos, e a nossa volta para esta cidade, onde

temos nossa residência. Oitenta léguas de viagem em caminhão (160 – ida e volta) não é brincadeira.

Aqui estou, finalmente, aguardando a última viagem, de onde não se volta.

Embora não tenha trabalho independente aqui em Caruaru, coopero com a Igreja Presbiteriana desta cidade, estando sempre pronto, tendo saúde, a atender qualquer convite das Igrejas Independentes do Norte, como tenho feito junto às Igrejas de Cabedelo e do Recife.